



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

A Alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas

Germano Ferreira Martins

Brasília
2010

Germano Ferreira Martins

A Alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Pereira Scherre.

Brasília
2010

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Pereira Scherre – Presidente: UnB/UFES

Prof^ª. Dr^ª. Loremi Loregian-Penkal – Membro efetivo externo: UNICENTRO-PR

Prof^ª. Dr^ª. Rachel do Valle Dettoni – Membro interno: UnB/LIP

Prof^ª. Dr^ª. Daisy Barbara Borges Cardoso – Membro suplente: SEEDF

Para Ester Martins

Agradecimentos

Há muitas pessoas a quem sou grato pela inestimável ajuda recebida durante a execução deste trabalho e a quem sou devedor confesso pela generosidade para comigo. Assim, quero agradecer:

- À professora Marta Scherre, por ter aceitado me orientar (sei que muitos desejam essa honra que tive), pela orientação segura e paciente (de perto ou de longe), por compartilhar experiências tão valiosas (não encontradas nos livros), pela imensa generosidade e pelo exemplo, não só como profissional dedicada, competente e incansável, mas também como ser humano que consegue se emocionar e emocionar os outros no lidar com a linguagem.

- À Carolina Andrade e Cintia Pacheco, companheiras e amigas nessa caminhada. Foi e é muito bom desfrutar da amizade de vocês. Obrigado pela ajuda!

- À professora Rachel Dettoni (UnB), por ter me apresentado à Teoria da Variação e Mudança Linguística e me auxiliado nos primeiros passos nessa área tão importante da Linguística.

- Aos meus professores, por me ajudar a crescer intelectualmente.

- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo importante apoio financeiro durante oito meses.

- À Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC), por me liberar para o período de estudo em Brasília.

- À Universidade do Estado do Amazonas, através dos professores do curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), pelo apoio quando precisei me ausentar para estudar.

- Ao Paulo Afonso, Ana Cássia, Greiciele e Fabiana, pela valiosa ajuda com as gravações e transcrições de entrevistas.

- Aos meus informantes, por terem aceito compartilhar parte de suas vidas e de seu modo de falar.

- À cidade de Tefé (onde moro há quase uma década) e de cujos pronomes de segunda pessoa humildemente descrevo o uso aqui.
- Aos amigos e familiares (de perto ou de longe), que me incentivaram a persistir até o fim.
- A meus pais, Manoel (*in memoriam*) e Terezinha, meus heróis. Obrigado por mais este presente!
- À Ester, diante de quem meu coração se curva e ao lado de quem desejo continuar caminhando até o último suspiro.
- Ao Senhor Jesus, cujo sacrifício me permitiu respirar o ar da liberdade e cuja companhia nunca admitiu o sentimento de solidão. *Soli Deo Gloria!*

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, equipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Aula de Português – Carlos Drummond

Sumário

Índice de Tabelas	iii
Índice de Gráficos	iv
Índice de Figura	iv
Índice de Quadros	iv
Resumo	v
Abstract	vi
INTRODUÇÃO	1
1 OBJETO DE ESTUDO E CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA COLETA DE DADOS	5
1.1 As Formas Linguísticas	5
1.2 A cidade de Tefé	7
1.2.1 Panorama Histórico de Tefé.....	8
1.3 A Língua Geral e a Língua Portuguesa	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 A Teoria da Variação Linguística	15
2.2 Sobre os pronomes <i>tu</i> , <i>ocê</i> e <i>senhor</i>	18
2.3 Alguns trabalhos sobre os pronomes <i>tu</i> , <i>ocê</i> e <i>senhor</i>	21
2.3.1 Leal e Soares (1993).....	23
2.3.2 Soares (1980).....	25
2.3.2.1 Das observações assistemáticas	25
2.3.2.2 Dos dados do questionário de gravuras	26
2.3.2.3 Dos dados obtidos nas gravações de conversas informais	27
2.3.3 Menon (2000)	28
2.3.4 Ramos (1989)	29
2.3.5 Figueiredo (2005)	32
2.3.6 Dias (2007)	33
2.3.7 Loregian-Penkal (2004).....	34
3 METODOLOGIA	37
3.1 Descrição da amostra	37

3.2 Variáveis trabalhadas	41
3.3 Suporte estatístico	47
4 ANÁLISE DOS DADOS	51
4.1 Grupo de fatores selecionados	54
4.1.1 Fatores Sociais	55
4.1.1.1 Grau de Intimidade com o Interlocutor	55
4.1.1.2 Faixa Etária.....	59
4.1.1.3 Tipo de Gravação	65
4.1.1.4 Gênero do Falante	70
4.1.2 Fatores Linguísticos	74
4.1.2.1 Paralelismo	74
4.1.1.2 Tipo de Referência	78
4.2 Grupo de fatores não selecionados	81
4.2.1 Tipo de discurso	81
4.2.2 Escolaridade	82
4.2.3 Tipo de relação entre os interlocutores	83
4.3 Pronome de contato	85
4.4 Conclusão	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXO	100
Mapa de subsistemas pronominais	100

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Formas de tratamento entre pais e filhos em Soares & Leal (1993).....	24
Tabela 2 – Dados das gravações de conversas informais sobre <i>tu, você e senhor</i>	27
Tabela 3 – Percentagens de uso geral de <i>tu, você</i> e o <i>senhor</i> em Menon (2000)	28
Tabela 4 – O Uso percentual das formas de tratamento: 2ª pessoa do singular em Ramos (1989)	30
Tabela 5 - Representação da segunda pessoa do discurso no português afro-brasileiro segundo a variável <i>comunidade</i> em Figueiredo (2005)	33
Tabela 6 – Referência à segunda pessoa em Dias (2007)	33
Tabela 7 – Distribuição dos falantes de acordo com o uso dos pronomes	40
Tabela 8 – Totais de referência à segunda pessoa	52
Tabela 9a – Total de dados para as análises binárias	53
Tabela 9b – Total de dados para as análises ternárias	53
Tabela 10 – Uso de <i>tu</i> em função do grau de intimidade dos interlocutores	57
Tabela 11a – Faixa etária do falante e uso do <i>tu</i>	60
Tabela 11b – Uso dos pronomes <i>tu, você e senhor</i> por faixa etária	61
Tabela 12 – Uso de <i>tu, você e senhor</i> por faixa etária, grau de intimidade com o interlocutor e tipo de relação entre interlocutores	63
Tabela 13 – Distribuição dos pronomes de 2ª pessoa de acordo com Paredes Silva (2003). .	66
Tabela 14 – Uso do <i>tu</i> em gravações conscientes e ocultas.	67
Tabela 15 – Uso do <i>tu</i> nas referências específicas e genéricas de acordo com o tipo de gravação	68
Tabela 16 – O uso do <i>tu</i> por gênero do falantes	71
Tabela 17 – Uso do <i>tu</i> cruzando-se os grupos de fatores gênero e grau de intimidade do falante com o interlocutor	71
Tabela 18 – Uso de <i>tu/você/senhor</i> por gênero do falantes	73
Tabela 19a – Influência do <i>paralelismo</i> sobre o <i>tu</i>	76
Tabela 19b – Influência do <i>paralelismo</i> sobre as formas <i>tu, você e senhor</i>	76
Tabela 20 – O uso do <i>tu</i> pelo tipo de referência	79
Tabela 21 – Uso de <i>tu e você</i> no cruzamento de tipo de referência e grau de intimidade com o interlocutor	80
Tabela 22 – O uso do <i>tu</i> de acordo com o tipo de discurso	81
Tabela 23a – O uso do <i>tu</i> de acordo com a escolaridade	82

Tabela 23b – Usos dos pronomes <i>tu</i> , <i> você</i> e <i> senhor</i> por escolaridade	82
Tabela 24 – Uso de <i> tu</i> por tipo de relação entre os interlocutores	84

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Uso de <i> tu</i> em função do cruzamento entre faixa etária e grau de intimidade	58
Gráfico 2 – Uso de <i> tu</i> e <i> você</i> nas referências específicas e genéricas de acordo com o tipo de gravação	68
Gráfico 3 – Uso de <i> tu</i> por faixa etária e gênero do falante	73

Índice de Figuras

Figura 1 – Município de Tefé	7
Figura 2 – Influência do <i> paralelismo</i> sobre o <i> tu</i>	8
Figura 3 – Influência do <i> paralelismo</i> sobre o <i> tu</i>	10

Índice de Quadros

Quadro 1 – Pronomes-sujeitos em Cunha e Cintra (2007)	18
Quadro 2 – Perfil dos informantes	39

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a alternância *tu/você/senhor* na cidade de Tefé-Am, tomando por base a Teoria Variação e Mudança Linguística desenvolvida a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968). De acordo com essa teoria, a variação é inerente às línguas e nem é aleatória, nem livre, mas governada por regras. Assim, o uso da língua é condicionado tanto por fatores internos quanto externos ao sistema linguístico. O conceito de *footing*, da Sociolinguística Interacional, também foi utilizado para a análise do pronome *você*. Os dados foram obtidos basicamente através de entrevistas tipicamente labovianas, cujo objetivo é captar o *vernáculo* do falante, i. e., o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. Das 19 entrevistas que compõem nosso *corpus* (em algumas entrevistas há mais de um informante), 4 foram feitas sem o conhecimento prévio do informante. Em cada um desses casos, os informantes foram posteriormente avisados do propósito da gravação e do direito de se recusarem a participar do estudo. Todos concordaram e suas entrevistas foram integradas ao *corpus* para análise. Os 30 informantes (15 homens e 15 mulheres) foram divididos em três faixas etárias (de 7 a 10 anos, de 20 a 35 anos e de mais de 50 anos) com escolaridade nos níveis fundamental e superior. Dos 1213 dados iniciais, que incluem, além das formas plenas *tu*, *você* e *senhor*, as formas *cê* e os casos de forma pronominal zero, 865 dados foram analisados com o suporte da ferramenta estatística conhecida por Varbrul. Não fizeram parte da análise com o Varbrul os dados de pronome zero (347 dados) e 1 dado de *senhor*. Os resultados indicam que o *tu* é a forma pronominal mais usada na variedade tefeense, e que sua concordância com a forma verbal canônica de segunda pessoa é muito baixa. As mulheres e as crianças (7 a 10 anos) são os maiores usuários de *tu*. O pronome *você* é um pronome mais formal e também tem a função de contato. O pronome *senhor* faz parte da comunidade de fala tefeense, mas os resultados indicam que uma possível mudança no sentido *-senhor* → *+tu* nas relações assimétricas íntimas pode estar em curso.

ABSTRACT

The goal of this research is to study the alternation *tu/você/senhora* in the city of Tefé-Am, and it is based on the Theory of Linguistic Variation and Change developed from what Weinreich, Labov e Herzog (1968) proposed. According to this theory, variation is inherent to language and it is neither random nor free, but systematic and rule governed. Thus, language use is conditioned by both internal and external linguistic factors. The concept of *footing*, drew from Interactional Sociolinguistics, was also used for the analysis of the pronoun *você*. The data were basically collected by means of the classical Labovian interview, the objective of which is to capture the speaker's vernacular, i. e., the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech. 4 out of the total of 19 interviews (some interviews were carried out with the participation of more than one informant) were made without the informant's prior knowledge. In each of these cases, the informants were afterwards made aware of the purpose of the recording and their right to refuse to take part in the study. All of them agreed and their interviews were added to the corpus for analysis. The 30 informants (15 men and 15 women) were divided into three age groups, from 7 to 10, from 20 to 35, and older than 50 years old. They have two levels of education: fundamental and superior. The whole corpus is composed of 1,213 tokens, which includes, beyond *tu*, *você* e *senhora*, the forms *cê* and the occurrences of zero pronominal form. We analyzed 865 tokens with the help of the statistic program known as Varbrul. The 347 tokens of zero pronominal and 1 token of the form *senhora* were not included in the analysis with Varbrul. The results indicates that *tu* is the most used form in the variety spoken in Tefé and that its agreement with the second person verb form is very low. Women and children (7 to 10 years old) are the ones who most use *tu*. The pronoun *você* is a more formal pronoun, and it also has the function of contact. The pronoun *senhora* makes part of Tefé speech community, but the results indicate that a changing from *-senhora* → *+tu* in asymmetrical intimate relationships may be in course.

INTRODUÇÃO

A sociedade desta primeira década do século XXI passa por uma crise de identidade que Hall (2006: 7) chama de “um processo mais amplo de mudança que está [...] abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Assim, ele apresenta a tensão existente entre o *global* e o *local* na transformação das identidades. O filme *O Quarto Poder*, do diretor grego Costa-Gravas, transforma em imagens a discussão do poder da mídia sobre a opinião pública e sua capacidade de jogar com suas emoções, fato este reconhecido pela população em geral. Diante deste quadro mais amplo, como se comporta a comunidade linguística de Tefé, no Amazonas, sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa, especificamente, os do singular? Ou que influência teria tal configuração da sociedade moderna sobre o fenômeno linguístico mencionado?

[1] “mas que falta de respeito, como é que uma filha fala assim com a mãe? Não chama nem de *senhora*?”¹

Para Clyne, Kretzenbacher, Norrby e Schüpbach (2006: 287) as formas de tratamento contribuem de forma significativa para o estabelecimento de relações sociais e são essenciais não só para a construção, como também para a conservação dos relacionamentos humanos. Sob a visão da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação, vários pesquisadores por todo o Brasil têm realizado pesquisas e apresentado resultados elucidativos quanto aos usos, e aqui o plural se faz necessário para a realidade linguística brasileira, dos pronomes de segunda pessoa. Lamentamos ainda que muitas gramáticas normativas (doravante GN), as referências sobre a língua que mais facilmente chegam à escola, continuem a apresentar e prescrever formas pronominais e verbais que nem sempre estão em linha com os usos, seja em nível formal ou informal da língua e que, principalmente, desconheçam os muitos trabalhos produzidos em todas as regiões do país sobre os pronomes de segunda pessoa no português brasileiro (doravante PB).

A região norte é o ponto do Brasil menos investigado sobre o tema, basta procurar bibliografia e este fato é constatado. Todas essas razões já justificam um trabalho que apresente resultados sobre a região do Médio Solimões, no Amazonas, onde está localizada a

¹ Dado recolhido através de observação em Tefé, de uma senhora, 70, tefeense, sobre a interação de uma filha com a mãe em cena de novela: a filha se dirigia a mãe com o pronome *você*.

cidade de Tefé e assim contribua para uma descrição mais abrangente desse fenômeno linguístico no PB.

Há também motivações mais pessoais advindas de algumas afirmações generalizadoras encontradas em alguns trabalhos sobre os pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*. A seguir alguns exemplos destas afirmações:

Nascentes (1949) sobre *tu* e *você*:

O tratamento íntimo entre iguais é o de *você*, em todo o Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul, onde se usa o de *tu* (...) O brasileiro acha bruto o tratamento de *tu*; dói-lhe no ouvido, talvez por causa do *u* (1949, p. 59).

Para Luft (1957),

No Brasil, *você* é tratamento familiar, entre iguais, colegas ou de superior a inferior; fora disso denota desconsideração, falta de respeito, ou desprezo. É claro “insultuoso, quando dado acintosamente a pessoa que deveria ser tratada por *senhor*” (p. 203)

E também sobre o *tu* ele diz:

(...) o tratamento *tu* só se emprega entre pessoas muito íntimas, em linguagem afetiva, carinhosa, entre irmãos, namorados. Mas é de qualquer forma um pronome melindroso, prestando-se facilmente a equívocos e efeitos depreciativos. (1957, p. 203)

Este trabalho tem como proposta geral analisar o estatuto dos pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* no seio da comunidade de fala tefeense, descrevendo os contextos de variação dos mesmos. Para esta última forma, adotaremos ao longo deste trabalho a forma *senhor*, sem repetir a forma *senhora*, a não ser quando se fizer necessário, com o intuito de tornar a leitura mais fluente e não por qualquer forma de preconceito; este pronome é tratado aqui como pronome de segunda pessoa, de acordo com Menon (2000: 125) e Castilho (2010: 477), mas sem o artigo, conforme discussão apresentada no capítulo 4 desta dissertação.

A Sociolinguística é a ciência que estuda a língua no seio da sociedade, focalizando a língua sem desconsiderar as implicações sociais sobre as manifestações linguísticas. O trabalho que aqui se empreende tem como propósito estudar a alternância *tu/você/senhor* no município de Tefé, tomando por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística desenvolvida a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968). De acordo com essa teoria, a variação é inerente às línguas e o seu uso é condicionado tanto por fatores internos

quanto externos à mesma. Segundo Labov (2008: 21), as pressões sociais operam continuamente sobre a língua, não devendo esta ser estudada fora do contexto social.

Em Tefé, essas três formas pronominais fazem parte da língua de uso cotidiano e podem ser encontradas nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade. A seguir alguns exemplos da variação *tu/você/senhora* extraídos de nosso *corpus* analisados no capítulo 4.

[2] “**VOCÊ** pensa, às vez, nós ia passear pra cá pro interior, né, aquele sítio que tem de alguém por aí fruta que só. Hoje em dia **TU** vai com os menino ali [inint] ele vai é batendo...” (informante - 67 anos, masculino, nível fundamental)

[3] “Na escola tem... **TU**... ou **TU** passa ou alguém passa **VOCÊ**, né? E aqui não. Aqui se **VOCÊ** não estudar, **VOCÊ** não passa, **VOCÊ** fica, né?” (informante - 20 anos, feminino, nível superior)

[4] “O que o **SENHOR** veio fazer aqui?” (informante – 10 anos, feminino, nível fundamental)

Esses exemplos confirmam não só a existência da referência à segunda pessoa com os pronomes *tu*, *você* e *senhora*, como também que há alternância entre as formas, não só no nível da comunidade como também do indivíduo. Vejam-se os exemplos [2] e [3]. A amostra da fala de Tefé, na região norte, diferentemente do que acontece em outras regiões do país, como o Sudeste e Centro-Oeste, apresenta um percentual muito baixo da forma *ocê* e *cê*. A primeira dessas variantes não foi encontrada durante nossa pesquisa (creditamos que não faça parte do sistema pronominal de Tefé) e a segunda apresentou apenas 8 ocorrências, todas na função de sujeito, listadas a seguir.

[casos do pronome *cê*]

“...quando **CÊ** chega lá o aeroporto...” (homem, 26 anos, nível superior)

“...**CÊ** fica sem, sem, sem, sem sinal.” (homem, 52 anos, nível superior)

“**CÊ** acha que foro os professores...” (homem, 33 anos, nível superior*)

“...primeiro, **CÊ** tem que fazer...” (homem, 33 anos, nível superior*)

“Só que, claro, **CÊ** num vai fazer. (homem, 33 anos, nível superior*)

* Mesmo falante.

“*CÊ* tem que ...” (mulher, 20 anos, nível superior)

“... *CÊ* quer namorar com ela, ...” (homem, 64 anos, nível fundamental^{**})

“... *CÊ* quer casar com ele?” (homem, 64 anos, nível fundamental^{**})

Assim a variante *você* que aparece nas tabelas com os dados de Tefé é pronome *você* pleno.

As hipóteses gerais que orientaram o trabalho foram:

1. O pronome *tu* é a forma menos marcada em Tefé, presente em todas as faixas etárias e níveis de escolaridade e em geral sem a marca de concordância.
2. O pronome *você* pode estar entrando na localidade através da faixa etária mais jovem e também apresenta um traço menos íntimo e mais de contato.
3. O *senhor*, além de ser reconhecidamente um pronome mais formal na língua portuguesa, é também usado nas relações íntimas entre pais e filhos marcando assimetria, mas sem anular a intimidade, e ocorre em variação com o *tu* nesses casos.

Esta dissertação é composta de cinco capítulos. O primeiro caracteriza o objeto de estudo e o local da coleta de dados. Em seguida, o segundo capítulo apresenta conceitos teóricos importantes para a discussão do trabalho e nele são apresentados também resultados de pesquisas em diferentes regiões do país; para a escolha destes trabalhos discutidos, adotamos a classificação dos subsistemas pronominais elaborada por Scherre et al (2009) em relação à alternância *tu* e *você*. O terceiro capítulo descreve a metodologia do trabalho (a descrição da amostra, procedimento na coleta, codificação e análise dos dados) e o suporte quantitativo. A análise dos dados está no quarto capítulo, em que são discutidos os resultados atribuídos à variável dependente. No último capítulo, tecemos as considerações finais e apresentamos também algumas limitações e desdobramentos futuros da pesquisa.

^{**} Mesmo falante.

1. OBJETO DE ESTUDO E CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA COLETA DE DADOS

Gosto desta praça, ela disse. Foi aqui que eu cheguei pela primeira vez. Eu morria de medo de Manaus, imagina.

Manaus é horrível, eu disse.

Tu achas? – ela tinha me chamado de tu, abandonando o meio formal de tratamento de você, tão artificial aqui e que faz as pessoas soarem como personagens de novela de televisão.

Também sou do interior, eu disse.

(Márcio Souza²)

Neste capítulo, apresentamos características gerais sobre as formas de tratamento da segunda pessoa no município de Tefé, Estado do Amazonas, e expomos uma breve caracterização deste município.

1.1 As formas linguísticas

O presente trabalho surge como uma tentativa de contribuir para o preenchimento da enorme lacuna existente a respeito de estudos linguísticos no Estado do Amazonas. É quase lugar-comum nos trabalhos sociolinguísticos expressões do tipo, “em algum ponto do norte, ainda não devidamente descrito”. Neste estudo, propomo-nos a analisar a alternância *tu/você/senhora*, pois este fenômeno, que já tem sido descrito em várias regiões do Brasil, é ainda pouco estudado no Amazonas.

O fenômeno linguístico que analisamos se manifesta nas interações e revela as relações de *poder e solidariedade*, nos termos de Brown & Gilman (1960), características estas que, quando não bem definidas entre os interlocutores, causam dúvidas quanto a que forma utilizar nas interações. As três formas pronominais estão presentes na comunidade, como já enfatizado, e frequentemente em um mesmo indivíduo. A exemplo do que acontece

² Escritor nascido em Manaus. Extraído de: *A Caligrafia de Deus*. São Paulo: Lazuli Editora: 2007, p.70

em outras cidades, como Porto Alegre e Florianópolis (Loregian-Penkal, 2004), Belém (Soares e Leal, 1993), em Tefé, a forma pronominal *tu* é a mais usada para o tratamento de segunda pessoa. Abaixo, alguns exemplos retirados das interações com alguns informantes desta pesquisa:

[5] “**TU** já viajou de avião, alguma coisa?” (colegas de trabalho) – M2SU-13³

[6] “Depois quando acabar a Juiz de Fora, **Tu** já desce na rua Alvarães.” (criança para um adulto) – M1FU-01

As outras formas *você* e *senhor* também foram captadas na fala de muitos informantes:

[7] “**VOCÊ** faz esses pacote e fala pro fixo, ...” (colegas de trabalho) – M3SU-25

[8] “O que o **SENHOR** veio fazer aqui?” (criança para um adulto) – F1FU-04

Procuramos descobrir quais elementos contribuem para a opção por uma das variantes da variável sob análise, sejam eles internos ou externos ao sistema linguístico, para podermos vislumbrar uma melhor compreensão do fenômeno.

A forma *tu* apresenta baixa concordância com a forma canônica verbal de 2ª pessoa, prevalecendo usos semelhantes aos exemplos [5] e [6] em que não há concordância. Por isso, além de verificarmos quais fatores contribuem para a seleção deste pronome, buscamos também quantificar, através da ferramenta estatística do pacote Varbrul, a concordância com o *tu*. A forma pronominal *você*, além de surgir com mais frequência nas referências genéricas, apresenta uma função de contato que procuramos diagnosticar no trabalho.

A forma *senhor* surge em interações assimétricas, sejam elas de idade, de poder, de prestígio social, ou também, como marca de formalidade. Fazendo uso de um dos conceitos da Sociolinguística Quantitativa - o tempo aparente (cf. LABOV, 1994: 45-46) - analisamos uma possível mudança em curso em relação ao uso de *senhor* e *tu*.

³ Esta codificação está descrita na seção sobre a descrição da amostra, no capítulo 3.

1.2 A cidade de Tefé⁴

A cidade de Tefé, uma das cinco mais importantes do Amazonas, localiza-se na região do Médio Solimões. De acordo com o censo do IBGE de 2007, Tefé possui uma população de 62.920 habitantes – 30% destes vivem na zona rural e 70% na urbana, distribuídos em uma área de 23.704 km². Tefé dista 516 km de Manaus em linha reta e 672 km via fluvial. Os mapas nas Figuras 1 e 2 mostram respectivamente o Amazonas no Brasil e Tefé em relação à capital do Estado, Manaus.



FIGURA 1 – Estado do Amazonas

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Amazonas>. Acesso em setembro de 2010.

⁴ As datas, eventos e números sobre o município de Tefé neste panorama são baseados em: Silva (2009); Protásio (s/d); Pontes Filho (2000); Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1957).

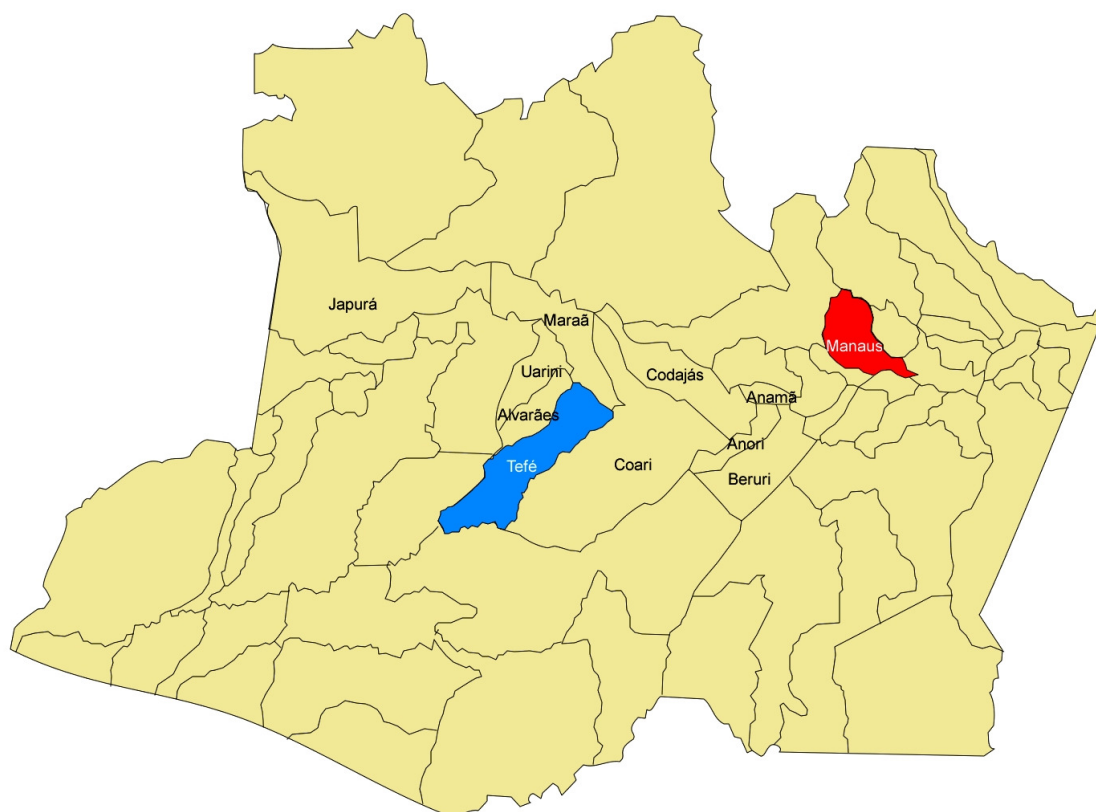


FIGURA 2 – Cidade de Tefé e cidade de Manaus.

Fonte: Paulo Afonso Queiroz do Nascimento - NUTEC/CEST - UEA

1.2.1 Panorama histórico de Tefé

No início do século XVIII, Tefé foi palco de acirradas batalhas entre espanhóis, que na época dominavam o local através de um líder religioso, o padre Samuel Fritz, e portugueses. Por fim, os portugueses assumem o controle da região. Nesse período, houve uma enorme baixa na população indígena da região, uns porque morreram nos combates no lado português, e outros porque deixaram a região devido aos conflitos. Os remanescentes foram reunidos por Frei André da Costa e trazidos para o local que hoje é Tefé. Desde o começo de vida na Missão, que ficou conhecida como Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tupeba, os índios chamavam, ora Tapi, ora Tapé, apocopando a palavra Tupeba. Deste nome vieram as variações Tapi, Tepé, Tephé, Teffé, e, finalmente, Tefé.

Em 1755, Tefé foi elevada à categoria de Vila com o nome de Ega, de origem portuguesa. Neste mesmo período, chega Frei André da Costa para tomar conta das missões

da Ilha dos Veados e Parauari. Frei André é considerado o fundador e o primeiro administrador de Tefé (Pessoa, SD).

A discussão sobre os limites das terras dos espanhóis continuava, até que estes enviaram uma expedição demarcadora comandada por D. Francisco de Requena, que ocupou todo o Solimões até a Vila de Ega. Este domínio espanhol perdurou até 1790 quando o português Manoel Lobo d'Almada, governador da capitania de São José do Rio Negro, os expulsou da região.

Em 1833, por ocasião da divisão territorial, o governo da província do Pará obtém o controle de Ega, ignora a denominação Vila de Ega e restitui o nome de Tefé. Dois anos depois, iniciou-se a Guerra da Cabanagem, já inflamada pelo clamor do povo amazonense por ter um governo próprio sem o controle do Pará. Em 05 de Setembro de 1850, o Amazonas foi elevado à categoria de província e libertou-se do domínio do Pará.

Com a criação da Comarca do Solimões em 1853, que compreendia as Vilas de Fonte Boa, São Paulo de Olivença e Benjamin Constant, Tefé foi escolhida para ser a sede da comarca e seu primeiro juiz foi o Bacharel Felix Gomes do Rego. Vila de Ega foi elevada à categoria de cidade em 15 de Junho de 1855, pela resolução nº. 44 desta mesma data, ficando estabelecido o nome que perdura até hoje, Tefé, administrada por superintendentes até 1921, quando passou a ter prefeitos.

Tefé foi escolhida para esta pesquisa por ser uma cidade que congrega pessoas de vários municípios⁵ do Amazonas. As principais razões para essa concentração de pessoas são: a oportunidade de cursar uma faculdade pública, o serviço nas forças armadas e a busca por emprego. Tefé concentra boa parte da economia da região do Médio Solimões e funciona como um polo comercial atraindo pessoas para trabalhar e, mais recentemente, para estudar no CEST – Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), desde 2001 no município. A Figura 3, abaixo, mostra em destaque os municípios dos quais vêm alunos para estudar no CEST-UEA.

⁵ Alvarães, Anamá, Anori, Coari, Codajás, Envira, Fonte Boa, Itamarati, Japurá, Juruá, Jutáí, Maraã, Manacapuru, Santo Antonio do Içá, São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença, Tapauá, Uarini, entre outros.

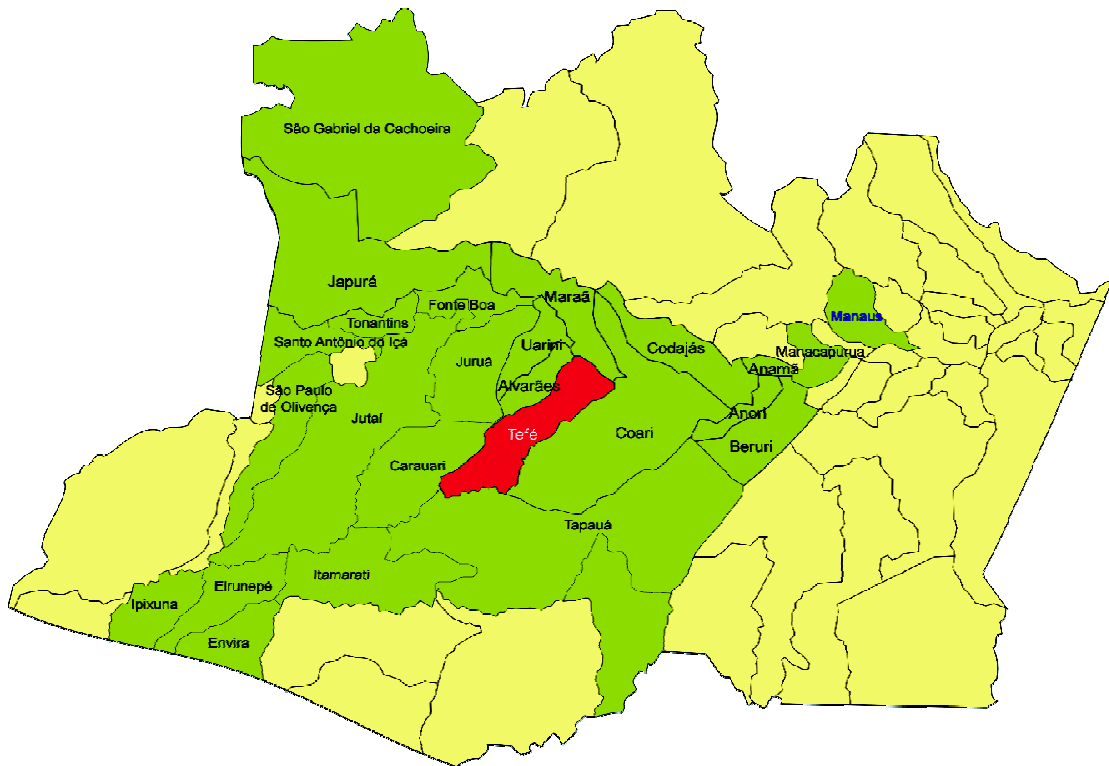


FIGURA 2 – Municípios com estudantes em Tefé

Fonte: Paulo Afonso Queiroz do Nascimento - NUTEC/CEST - UEA

O município recebe também pessoas de outros estados da federação – há uma brigada na cidade desde 1993 (SILVA & FRANCHI, 2008). Estes militares (há um número superior a 1000 pessoas no município) vêm, em geral, acompanhados de suas famílias. De acordo com informações do setor de relações públicas do Exército, o contingente presente em Tefé é formado principalmente de militares vindos do Rio de Janeiro e da Região Sul, no entanto, encontram-se militares de todas as regiões do país.

Pelo fato de a cidade receber um fluxo constante de pessoas de outras regiões, aventou-se a hipótese de essa presença de moradores com outros hábitos linguísticos estar de alguma forma influenciando a variedade local, isso, por si só, já justifica a constituição de um *corpus* e a realização de uma pesquisa.

Os municípios do Amazonas têm como uma de suas características o isolamento geográfico uns dos outros (PONTES FILHO, 2000). Devido à distância entre eles e à falta de estradas, o transporte intermunicipal é feito basicamente via rio e entre muitos deles levam-se dias para se fazer o percurso; apenas alguns municípios, entre eles Tefé, possuem aeroportos.

Tefé não possui ligação via estrada com outros municípios. Esse isolamento característico da região somado aos dois fatores histórico-sociais importantes para a cidade – a chegada da Brigada, em 1993, e a Universidade do Amazonas, em 2001 – credenciam a localidade como um importante *locus* de investigação de fenômenos de variação linguística, porque esse contato mais intensificado com os possíveis hábitos linguísticos distintos pode fazer surgir formas anteriormente não existentes na cidade.

A economia do município é baseada na agricultura e na pesca, manipuladas por alguns detentores de recursos econômicos. O município é um grande produtor de farinha, mas há muitas pessoas desempregadas na cidade, principalmente os jovens, para quem não há muita opção no mercado. Os jovens desempregados, principalmente os homens, em grande parte trabalham como moto-taxistas – há mais de mil motoqueiros registrados em sindicatos, sem mencionar os não registrados.

Estudar, portanto, as formas de tratamento em Tefé (todos os informantes são tefeenses) nos possibilitará não só entender os padrões comportamentais atuais desse fenômeno sociolinguístico, como também perceber possíveis mudanças em curso nos usos pronominais.

O povo de Tefé acolhe de forma hospitaleira os migrantes (regionais ou não) e tem um amor desvelado por sua terra. É comum encontrar pessoas que sabem cantar de memória o hino da cidade – tanto crianças como adultos. A cidade, com suas festas tradicionais, é cantada por seus poetas de forma apaixonada, romântica e, às vezes, até utópica. No entanto, a cidade apresenta algumas características que são comuns a outras cidades do interior do Amazonas – a falta de estrutura urbana e de serviços públicos de boa qualidade, como o serviço de saúde, por exemplo, que apresenta graves limitações. Mencionamos, ainda, o constante corte no fornecimento de energia elétrica (eternos apagões na história de Tefé), sem qualquer tipo de satisfação à comunidade.

Acreditamos assim que a variação *tu/você/senhora* existente em Tefé pode apresentar comportamentos diferentes daqueles encontrados nas outras regiões do país, até mesmo em relação a Belém, que também é da região Norte, mas localizada a mais de 1.800 km de distância de Tefé. Em relação à existência do pronome *tu* no Amazonas, temos a hipótese de que a sua entrada na região deve-se não só à forte presença dos portugueses nos períodos descritos acima, como também ao grande contingente de nordestinos que veio para região

norte nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Segundo Benchimol (1999: 135-136), os imigrantes nordestinos, genericamente conhecidos como *cearenses*, procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados nordestinos. Dessa forma, enquanto na região Sul a origem do *tu* é em parte atribuída à presença açoriana em Santa Catarina e Porto Alegre, no Norte parece ser fruto da combinação de portugueses e nordestinos na formação da língua portuguesa falada na região.

1.3 Língua Geral Amazônica e Língua Portuguesa.

De acordo com Freire (2004: 66), no século XVIII, as diferentes etnias (com seus próprios idiomas), assim como a população mestiça e cabocla, e até mesmo muitos filhos de portugueses e de escravos de origem africana se utilizavam da língua geral amazônica (LGA)⁶ como uma língua franca para se comunicar uns com os outros na região amazônica. Segundo este autor, a população da Amazônia entrou no século XIX falando majoritariamente a LGA, “de forma diferenciada nas cidades, vilas e povoações, e nos próprios aldeamentos indígenas.” Para Rodrigues (1986: 102) “ela foi veículo não só da catequese, mas também da ação social e política portuguesa e luso-brasileira até o século XIX.” A LGA foi hegemônica na região até meados do século XIX quando seu declínio teve início. Na passagem para o século XX a língua portuguesa havia conquistado a hegemonia, ficando a LGA confinada à região do Rio Negro.

Os barcos a vapor trouxeram cerca de 500 mil nordestinos, no período de 1872 a 1910 – período do apogeu da borracha no Amazonas. O avanço da língua portuguesa na Amazônia se deu devido, principalmente, às migrações em grande escala de brasileiros e portugueses. De acordo com Castilho (2010: 174), o foco irradiador a partir do qual a língua portuguesa se instalou no Norte do país foi o de Belém (1616). Os colonos portugueses, apesar de sua origem não desfrutar de relato tão homogêneo, parecem ter vindo de todas as partes de Portugal e, para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, das ilhas dos Açores (Silva Neto, 1988: 585-589). Para Ilari e Basso (2006: 61), Portugal recorreu à imigração açoriana para colonizar diferentes regiões do Brasil, sobretudo o Grão-Pará e, na região sul, de forma bem mais intensa, Santa Catarina e Porto Alegre.

⁶ Também conhecida, a partir do terceiro quartel do século XIX, como Nheengatu.

Outro fator que contribuiu para a perda da hegemonia da LGA e para supremacia da língua portuguesa na região foi a Cabanagem - uma revolução popular ocorrida entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (até essa data o Estado do Amazonas ainda fazia parte desta província, só alcançando sua emancipação em 1850). Segundo Ricci (2006: 07), movidos por causas distintas “indígenas, negros de origem africana e mestiços perceberam lutas e problemas em comum. Esta identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades”. Apesar da força do movimento considerada por Caio Prado (1999: 77) como

(...) um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder de toda uma província com certa estabilidade. Apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza, fica-lhe contudo a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva do poder.

Os cabanos⁷ não tinham motivações ideológicas tão consistentes. De acordo com Pinheiro (2001: 117), a Cabanagem foi um processo de múltiplas tensões e produziu ações e reações de grande impacto na sociedade do Grão-Pará.

A revolução social dos cabanos dizimou boa parte da população amazônica e abarcou um território amplo na região. Freire (2004: 241-242) afirma que os cabanos eram, em sua maioria, tapuios e, conseqüentemente, falantes de língua geral, geralmente na condição de monolíngue. Segundo ele (p.242),

A derrota dos cabanos marca o início do processo de declínio de uma língua que durante dois séculos e meio se expandiu por todo o vale amazônico e, a partir da revolta, começou a perder falantes e funções.

Enquanto de um lado a LGA perdia falantes e funções, o português se expandia, graças, em grande medida, à escola e à navegação a vapor. Esse contato, no entanto, deixou marcas no português da região, com reflexos no plano nacional, quando afloram as diferenças entre o português falado no Brasil e em Portugal. Essas marcas são assimiladas por perspectivas conflitantes. De um lado, elas são vistas como corrupção da língua de Camões; de outro, elas reivindicam na língua brasileira a construção de uma imagem nacional.

Ainda segundo Freire (2004: 251),

⁷ Cabanos era o termo usado como alcunha das pessoas que moravam em casas simples, cobertas de palhas.

No que refere à região Amazônica, a hegemonia do português se processou tardiamente em relação ao resto do país, o que imprimiu marcas particulares em sua variedade regional. A documentação acusa (...) o uso da LGA, até metade do século XIX, em quase todas as atividades, evidenciando o desconhecimento da língua portuguesa, inclusive na própria escola, não só por parte dos indígenas ou dos mestiços, mas também dos escravos africanos e até de filhos de portugueses.

Uma possível leitura destes fatos é a de que o português brasileiro tem em sua gênese uma configuração dialetal profundamente heterogênea, fato refletido hoje nas muitas variedades presentes nas diferentes regiões do país.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos e metodológicos que dão suporte à pesquisa relatada aqui, são revistos alguns trabalhos sobre os pronomes de segunda pessoa que incluíram as formas *tu*, *você* e *senhor* e são também apresentados alguns resultados mais gerais de trabalhos sobre a variação *tu*, *você*. Não será apresentada aqui uma revisão completa da literatura sobre os pronomes de referência de segunda pessoa, mas tão somente alguns trabalhos que representem os subsistemas pronominais sugeridos por Scherre (2009) a fim de estabelecermos comparações entre os resultados de tais trabalhos e os resultados desta pesquisa.

2.1 A Teoria da Variação e da Mudança Linguística

A pedra fundamental da Teoria da Variação e Mudança Linguística foi estabelecida no trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (2006) publicado em 1968, em que houve um rompimento teórico com a corrente de estudos linguísticos que estabelecia uma identidade entre estrutura e homogeneidade. Em lugar dessa visão, foi proposto o estudo da heterogeneidade ordenada da língua, nas palavras dos autores “a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua” (p. 88). Labov (2008: 238) falando sobre essa heterogeneidade das línguas afirma:

A existência de *variação e de estruturas heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida.

Um outro pressuposto é a variabilidade inerente às línguas. Essa variabilidade é o que caracteriza a *variável linguística* que, *grosso modo*, é segundo Labov (2008: 313) duas ou mais formas diferentes de se dizer a mesma coisa. A essas formas diferentes de se dizer a mesma coisa dá-se o nome de *variantes*. Assim, cada variável linguística é como se fosse uma forma abstrata que se materializa nas suas formas variantes. Em nosso estudo desenvolvido nesta pesquisa, a variável linguística é a *referência de segunda pessoa do singular* e suas formas variantes são *tu*, *você* e *senhor*. Como existe a possibilidade de em determinados contextos algumas variantes serem usadas de forma categórica, invariante, cabe aos estudos variacionistas descreverem como uma determinada variável linguística se configura.

O alvo central dos estudos de variação linguística é a língua do dia a dia, o que Labov (2008: 244) chamou de vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”. Assim, o estudo da língua, segundo a Teoria da Variação, se processa no seu contexto social e, para Labov (2008: 244), “a melhor forma de se obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante entrevista individual, gravada”. Essa exigência metodológica de descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas e a necessidade de gravá-las para obterem-se os dados faz emergir o chamado *paradoxo do observador*. Um dos desafios dos pesquisadores nesta corrente de pesquisa é como resolver esse paradoxo. Uma das saídas apresentadas por Labov (2008: 119) é tentar envolver o entrevistado com perguntas que recriem emoções fortes e assim ele esquece que está sendo monitorado e deixa o vernáculo emergir.

Outro tema importante nos estudos variacionistas é o da *mudança linguística*. O desenvolvimento da mudança linguística não pode ser entendido sem que se leve em conta a vida social da comunidade dos usuários da língua, pois as pressões sociais estão continuamente operando sobre a mesma. Desta forma, não só fatores internos devem ser analisados para se entender os padrões das manifestações linguísticas, mas também os externos. Para Weinreich et al (2006: 126):

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

A diretriz de se estudar um fenômeno linguístico, considerando tanto os aspectos estruturais (internos) quanto os sociais (externos), foi bem captada na imagem utilizada por Guy (2007: 19) para descrever essa tarefa:

Um dos atrativos – e um dos desafios – da pesquisa dialetal é a de ter a visão de Jano sobre os problemas da linguagem humana, simultaneamente olhando, de um lado, para a organização das formas linguísticas, e, de outro, para a sua significância social.

Examinar a língua dessa forma implica considerar uma série de fatores que, em níveis diversos, exercem influências sobre as escolhas linguísticas dos usuários. Para Naro (2003: 16), “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria contribui para a realização de uma ou de outra variante”. Por essa razão, foram desenvolvidos vários modelos matemáticos que pudessem medir a

influência simultânea desses diversos fatores. Um dos modelos que melhor tem respondido às necessidades de produção de resultados confiáveis é o modelo logístico desenvolvido por Pascale Rousseau e David Sankoff em 1978. Este modelo fundamenta as operações do pacote computacional Varbrul, utilizado para tratar os dados e produzir os resultados quantitativos em diversas pesquisas variacionistas, e também utilizado por nós aqui. Utilizamos duas versões deste pacote: uma versão que trata os dados de forma binária, o Goldvarb X, implementada por David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith (2005), e uma versão que pode realizar análises com mais de duas formas variantes, a de Susan Pintzuk (1988).

Com base nesses pressupostos, entendemos que a análise das formas variantes de uma variável dependente pode revelar comportamentos linguísticos que são explicados pela ação de diferentes fatores linguísticos e sociais; que a variação, assim como postulou Labov, não é aleatória, mas estruturada e passível de explicação; que a análise sincrônica de uma variação pode revelar estágios de uma possível mudança em curso e, finalmente, que a análise linguística utilizando o aspecto quantitativo, especialmente a das formas de tratamento, que acontecem em interações, não pode ser feita de forma completa sem se fazer uso também de conceitos da Sociolinguística Interacional.

Neste trabalho, um dos conceitos importantes dos estudos interacionais que lançam luz sobre os tratamentos é o de *footing* (Goffman, 2002). Um dos conceitos atribuídos por Goffman para o termo *footing* é “a habilidade de um falante competente de ir e vir, mantendo em ação diferentes círculos” (p. 147). Dessa forma, para o autor, quando acontece uma mudança de *footing*, que vai desde mudanças no posicionamento ou postura até mudança de código, acontece também uma mudança no enquadre. O enquadre é a definição do que está acontecendo em uma dada interação. Portanto, depende de interpretação que ocorre durante a interação.

Tannen e Wallat (2002: 189) definem essa noção interativa de enquadre como sendo “a percepção de qual atividade está sendo encenada, e qual sentido os falantes dão ao que dizem” e que os “enquadres emergem de interações verbais e não-verbais e são por elas constituídos”. Esses conceitos do interacionismo são importantes para o pesquisador, porque há nuances da interação que podem passar despercebidas na análise linguísticas e que podem ter o seu significado perdido. Bortoni-Ricardo (2005: 216) fala da importância do aspecto etnográfico nas pesquisas sociolinguísticas e chama a atenção para a necessidade de se olhar

com mais cautela o processo interacional em busca de pistas explicativas de aspectos do comportamento linguístico alocadas no nível paralinguístico.

O *footing* é um desses aspectos que nem sempre pode ser captado olhando-se apenas os dados linguísticos. No capítulo sobre a discussão dos dados, abordamos a função de contato exercida pelo pronome *você* e relacionamos a percepção dessa função com o conceito de *footing* estabelecido por Goffman.

2.2 Sobre os pronomes *tu*, *você* e *senhor*.

Grande parte das GNs apresenta um quadro pronominal da língua portuguesa há muito discutido por pesquisas linguísticas. Uma das controvérsias gira em torno da composição da 2ª e 3ª pessoas do singular. Como não é o alvo deste trabalho, limitamo-nos a comentar o problema da 2ª pessoa do singular⁸, relacionado-o às formas estudadas nesta dissertação.

Como exemplo da classificação adotado pelas GNs, o Quadro 1 reproduz o paradigma adotado por Cunha e Cintra (2007):

Quadro 1 – Pronomes-sujeitos em Cunha e Cintra (2007)

		Pronomes Pessoais Retos
Singular	1ª pessoa	Eu
	2ª pessoa	Tu
	3ª pessoa	ele, ela
Plural	1ª pessoa	Nós
	2ª pessoa	Vós
	3ª pessoa	eles, elas

Adaptado de Cunha e Cintra (2007: 291)

Para Cunha e Cintra (2007: 303) *você* e *senhor* recebem a classificação de pronomes de tratamento e são definidos como “certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais”. Eles observam ainda que “esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa.” Na seção sobre o emprego dos pronomes de tratamento de 2ª pessoa, esses autores falam sobre os usos de *tu*, *você* e *senhor*:

⁸ A partir deste ponto nos referiremos à segunda pessoa do singular como apenas segunda pessoa.

Tu - é usado no tratamento íntimo, de pai para filho, tio pra sobrinho, entre colegas de mesma faixa etária, marido e mulher e até de filhos para pais, nesse caso “tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa” (Cunha e Cintra, 2007: 305-306). No PB, “o uso de *tu* restringe-se ao sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro foi ele substituído por *você* como forma de intimidade” (Cunha e Cintra, 2007: 306).

Você – também é usado fora do campo da intimidade, entre iguais ou de superior para inferior. (Cunha & Cintra, 2007: 306).

Senhor – forma de respeito ou cortesia, opõe-se a *você*, na maior parte do Brasil. (Cunha & Cintra, 2007: 306).

Um dos pontos contestados pelos linguistas nas GNs tem sido a não inclusão de *você* ou *cê*, resultado de processo de gramaticalização de *Vossa Mercê*, no quadro pronominal de segunda pessoa. Como mencionado acima, *você* “vale por verdadeiro” pronome pessoal, mas não é tratado como tal e para aqueles autores esta forma leva o verbo para a terceira pessoa. Menon (1993: 3-4) contra-argumenta a questão nos seguintes termos,

“...a forma **você(s)** origina-se de uma locução nominal (...) e, nessa categoria, passa a requerer o verbo na terceira pessoa. No entanto, durante o processo de modificação fonética e de valor social, a forma se pronominalizou, isto é, passou por um processo de gramaticalização, mudando de categoria: de nome (...) para pronome. Este novo pronome é de segunda pessoa, logo a forma verbal que o acompanha também passa a ser uma forma de segunda pessoa. Então não faz sentido algum continuar a dizer que o verbo está na terceira pessoa com um pronome de segunda pessoa. (...) a língua portuguesa passa a ter (...) uma reestruturação no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas...”

O pronome *senhor* também é tido apenas como pronome de tratamento e não como pronome pessoal. Ilari, Franchi, Neves e Possenti (1996: 88), falando sobre pessoas do discurso, dizem de forma didática o que compreendem por pronomes pessoais:

De fato, uma função típica dos pronomes, certamente responsável pela qualificação “pessoais”, é a de **constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação**. “Pessoal” (etimologicamente derivado de *persona* = “máscara”) evoca aqui a possibilidade de alternar os papéis da interlocução, o que permite compreender a noção de “pessoa” como algo mais do que um mero tecnicismo gramatical ligado à conjugação verbal. (grifos nossos)

Assim, Ilari et al (1996) e Castilho (2010) classificam *o(a) senhor(a)* como pronome de segunda pessoa, assim como os pronomes *tu* e *você*. Adotamos neste trabalho a classificação de *tu*, *você* e *senhor* como pronomes de segunda pessoa, sem negar, no entanto, a função de tratamento exercida principalmente pela forma *senhor*.

Em um artigo clássico sobre os pronomes de segunda pessoa, pois inspirou vários trabalhos sobre o tema, Brown e Gilman (1960: 156-176) delineiam o que eles chamam de semântica do *poder* e semântica da *solidariedade* e, com base no conceito desses dois termos, analisam as diferenças existentes no uso de tais pronomes no francês, alemão e italiano. Sua análise parte dos pronomes latinos *tu* e *vos*; o primeiro usado como pronome de familiaridade recebeu a designação geral de *T* e o segundo, como pronome de formalidade, recebeu *V*; estas duas letras foram usadas para representar estes dois conceitos gerais em qualquer língua.

Para Brown e Gilman uma pessoa tem poder sobre outra de acordo com o grau em que ela é capaz de controlar o comportamento da outra. Esse poder é *não recíproco* no sentido em que, num relacionamento entre pelo menos duas pessoas, estas não podem ter poder na mesma área de comportamento. Assim, a semântica de poder é não recíproca: o superior diz *T* e recebe *V*.

Eles citam muitas bases para o poder, entre elas a *idade*, o *sexo*, *papeis* institucionalizados na igreja, estado, exército ou dentro da família. Vários exemplos são dados para ilustrar a manifestação da semântica do poder em diferentes bases. Eles notam ainda que na história da língua, especialmente na Europa Medieval, os pais são figuras do imperador e que as primeiras experiências do indivíduo de subordinação ao poder através do *V* é com os pais.

Como a semântica do poder não recíproco apenas prescreve o uso entre superior e inferior, havia outra semântica para o tratamento entre os iguais. Nas sociedades da Europa Medieval, os pronomes de referência entre os iguais eram recíprocos. Os indivíduos davam e recebiam a mesma forma pronominal. Mesmo depois deste período, iguais das classes altas trocavam entre si o *V* mútuo e os iguais de classes baixas trocavam o *T*.

Pelo fato de o *V* ter sempre entrado nas sociedades através das classes altas, o mesmo adquiriu, especialmente entre os europeus, o *status* de elegância e gradualmente surgiu uma conotação diferente para o *T* e *V* e foi chamada de o *T* de *intimidade* e o *V* de *formalidade*.

Essa nova dimensão foi chamada por Brown e Gilman de *solidariedade*. Porém, nem todas as diferenças entre as pessoas implicam diferença de poder. Dessa forma, quando as diferenças não são relacionadas ao poder, o *V* surge em ambas as direções.

A solidariedade é simétrica e foi o termo que Brown e Gilman usaram para os relacionamentos em geral. Nessa semântica, as normas de uso são simétricas ou recíprocas, com o *T* se tornando mais provável à medida que a solidariedade aumenta e o *V* à medida que a solidariedade diminui. Essa semântica, segundo esses autores, ganhou supremacia sobre a semântica de poder a partir do século XIX e o resultado da mesma é um sistema unidimensional: o *T* é recíproco de (+solidariedade) e o *V* é o recíproco de (-solidariedade).

Dessa forma, no capítulo sobre a análise dos dados em Tefé, faremos referência a estes dois conceitos e como o sistema pronominal tefeense se configura em relação a estes postulados de Brown e Gilman. É importante esclarecer que no artigo de Brown e Gilman a referência em geral é feita para o sistema do francês, do alemão e do italiano, mas em nosso caso vamos nos referir não ao sistema do português ou mesmo PB, mas sim ao sistema configurado em Tefé.

2.3 Alguns trabalhos sobre os pronomes *tu*, *você* e *senhor*

A pesquisa linguística no Brasil já conseguiu explorar e descrever vários aspectos do PB. Entre os vários trabalhos existentes, mesmo que uma grande parte ainda se limite aos meios acadêmicos, encontram-se pesquisas sobre os pronomes de referência de segunda pessoa em todas as regiões do país⁹ - a região norte é a que menos tem produzido sobre o tema até o momento.

Esta seção é dedicada a fazer uma breve exposição sobre pesquisas realizadas em diferentes regiões do país, as quais investigam o uso de *tu*, *você* e *senhor*. Dessas três formas, a última é a menos abordada nas pesquisas sobre referência de segunda pessoa. Por essa razão, e por este trabalho investigar também esta forma de tratamento, optamos por i) expor trabalhos que investigam as *três formas*, incluindo, inclusive, um trabalho com dados de língua escrita e ii) apresentar os resultados de alguns trabalhos representativos dos subsistemas *tu* e *você* apenas. Scherre et al (2009) projetaram um mapa com subsistemas dos

⁹ (cf. Soares e Leal, 1993 (região Norte); Soares, 1980 (região Nordeste); Paredes Silva, 2003 (região Sudeste); Loregian-Penkal, 2004 (região Sul); Lucca, 2005 e Dias, 2007 (região Centro-Oeste). Longe de ser exaustiva esta lista é apenas uma amostra dos muitos trabalhos existentes sobre o tema em todo o território brasileiro.

pronomes *tu* e *você* e a concordância com o pronome *tu* (ver anexo). Tomando por base este trabalho que ali apresenta seis subsistemas destes dois pronomes, porque leva em consideração a concordância com o *tu*, resumimos este subsistema para quatro e apresentamos trabalhos com os pronomes *tu* e *você* para ilustrar como estes subsistemas se apresentam em diferentes regiões do Brasil:

- 1) Subsistema pronominal com predomínio de *você* (e suas variantes *cê* e/ou *ocê*). Tal uso pode ser encontrado no Centro-Oeste, Sudeste, em parte do Estado da Bahia e grande parte do Estado do Paraná;
- 2) Subsistema pronominal com predomínio de *tu*. Encontramos tal uso nas regiões Norte – no Estado do Amazonas e Estado do Pará, por exemplo, e Sul – Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A concordância com o *tu* neste subsistema ainda não está completamente descrita (no Estado do Pará, por exemplo), mas já apresenta diferenças importantes: muito baixa, em algumas cidades do Estado do Rio Grande do Sul e também no Estado do Amazonas; média, em Florianópolis-SC.
- 3) Subsistema pronominal com uso equilibrado de *tu/você*. Pode-se encontrar tal uso no Estado de Santa Catarina, na cidade de Chapecó onde a concordância com o *tu* é extremamente baixa, um pouco abaixo de 1%;
- 4) Subsistema pronominal com uso variável de *você/tu* ou *tu/você*. Esta configuração, talvez a mais difícil de precisar o *status*, pode ser encontrada no Estado do Rio de Janeiro, em parte do Estado de Santa Catarina, e em alguns estados da Região Nordeste e Distrito Federal. Na cidade do Rio de Janeiro e Brasília, por exemplo, o *tu* é usado sem concordância canônica; em parte de Santa Catarina, pode-se encontrar uma concordância médio-baixa.

Estas diferentes manifestações de uso dos pronomes *tu* e *você* se tornam mais heterogêneas quando a concordância com o pronome *tu* é levada em consideração, pois nas comunidades de fala com predomínio de *tu*, por exemplo, há aquelas em que a concordância com tal pronome é muito baixa e outras com concordância mais alta. Outro fator que cremos ser importante para revelar a diversidade de uso dos pronomes de segunda pessoa no PB é o uso de *senhor*. Aventamos a hipótese de que as comunidades de fala em que o *você* é predominante parecem ter um menor índice de uso de *senhor* do que as comunidades onde o *tu* é predominante. Essa hipótese se baseia na observação não sistemática da linguagem

utilizada pelos meios de comunicação que utilizam o subsistema com predomínio de *você*, mas precisamos testá-la devidamente.

2.3.1 Leal & Soares (1993): subsistema pronominal com predomínio de *tu*.

Destacamos aqui a pesquisa de Leal & Soares (1993) realizada na Universidade Federal do Pará com a participação de dois grupos sociais: grupo A, constituído por professores; e grupo B, funcionários. A linguagem de ambos os grupos foi contrastada com a de seus filhos, estes divididos em duas faixas etárias, 8 a 10 anos – crianças; e 12 a 14 anos – adolescentes. O objetivo era constatar uma possível mudança em andamento nas formas de tratamento, principalmente de filhos para com os pais, na família belenense. As autoras deixam claro que o que mais interessava na pesquisa era o “tratamento que os filhos dispensavam aos pais” (p. 46). Os grupos A e B foram definidos como variável social em que o segundo era tido como menos privilegiado economicamente. O trabalho explorou a relação entre os papéis familiares – pais e filhos – e os fatores – classe sócio-econômica e faixa etária dos filhos. Os pronomes controlados foram *tu*, *você* e *senhor* – dos filhos para os pais, e *tu* e *você* – dos pais para os filhos.

As autoras partiram do pressuposto de que relações assimétricas de poder refletem-se nas formas de tratamento e que, devido às mudanças na sociedade ocidental nas relações de poder, em especial no âmbito familiar, alterações nos tratamentos entre pais e filhos poderiam estar em curso na sociedade belenense. Os pronomes convencionalmente chamados de T e V, discutidos em detalhes por Brown & Gilman (1960), são usados para denominar as formas de tratamento de *familiaridade* e *formalidade*, respectivamente. Assim, nesse ambiente que durante séculos apresentou uma relação assimétrica entre pais e filhos, o superior se dirige ao inferior usando *T*, e recebe *V* como tratamento. As autoras mencionam que no PB a forma *você* pode ser usada tanto para familiaridade como para formalidade, e que o uso assimétrico, ou não-recíproco das formas de tratamento pode ocorrer com pelo menos três oposições possíveis: *tu* versus *você*, *tu* versus o *senhor(a)* e *você* versus o *senhor*.

A coleta dos dados foi feita pelos próprios pais, com a orientação de que a fizessem sem que os filhos se dessem conta de que estavam sendo observados. Posteriormente, as autoras aplicaram um teste para verificar a atitude assumida por pais e filhos em relação à variável sob investigação. Dos 171 dados produzidos pelos filhos e dos 367 pelos pais, a

distribuição ficou de acordo com a Tabela 1 abaixo, em consonância com o quadro apresentado pelas autoras.

Tabela 1
Formas de Tratamento entre Pais e Filhos em Soares & Leal (1993)

GRUPO	DE FILHO PARA PAI						GRUPO	DE PAI PARA FILHO			
	TU		VOCÊ		SENHOR			TU		VOCÊ	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		Nº	%	Nº	%
Filho de Prof.	44	67,70	13	20,00	08	12,30	Professor	96	74,42	33	25,58
Filho de Func.	40	37,73	08	7,54	58	54,73	Funcionário	196	79,04	52	20,96
Filho adolesc.	39	39,80	20	20,40	39	39,80	Pai de Adolesc.	168	86,16	27	13,84
Filho criança	45	61,66	01	1,36	27	36,98	Pai de criança	124	68,14	58	31,86
TOTAL	84	49,13	21	12,28	66	38,59	TOTAL	282	76,84	85	23,16

Fonte: Soares & Leal (1993, p. 51), com adaptações.

Pelos resultados, as autoras concluem que uma mudança estaria se insinuando no emprego das formas de tratamento. Esta conclusão se deve ao fato de que 75% dos informantes-pais declararam em questionário que só usavam a forma *senhor* para se dirigirem aos seus pais. Nos dados desta pesquisa, os filhos usam *senhor* em apenas 38,59%, como mostra a tabela acima, para se referirem aos pais. A forma *senhor* parece estar perdendo força principalmente entre os filhos dos professores, influenciados pelo fator classe sócio-econômica. Os filhos de 8 a 10 anos dos funcionários preferem usar *senhor* no tratamento com os pais.

O *tu* predomina entre as crianças de 8 a 10 anos com 61,66% de uso, com a ressalva de que essa faixa etária apresentou números bem opostos quando isolados os resultados de filhos de professores (90,91% de uso de *tu*) dos filhos de funcionários (12,5% de uso de *tu*). Este também é o pronome preferido dos pais para tratarem os filhos, principalmente os adolescentes.

O *você* não foi usado pelos filhos dos funcionários de 8 a 10 anos e teve uma taxa de apenas 3,03% de uso pelos filhos dos professores dessa faixa etária, atingindo uma média na tabela geral de 1,36% de uso. Dos filhos, os maiores usuários de *você* são os adolescentes com 20,40% de uso, mas, entre estes adolescentes, os filhos dos professores são os maiores usuários com 37,50%, enquanto os adolescentes filhos de funcionários têm apenas 12,12% de *você* - estes dois últimos números não estão discriminados na tabela. Entre os pais, apesar do

equilíbrio, os professores usaram *você* um pouco mais (25,58%) contra (20,96%) dos funcionários.

Portanto, o sistema pronominal detectado na pesquisa de Soares & Leal (1993) usado pelas crianças e adolescentes de Belém apresenta a variação *tu ~ você ~ senhor*.

A pesquisa apontou ainda (p. 12) uma relação mais simétrica no grupo de professores e seus filhos do que aquela no grupo de funcionários.

2.3.2 Soares (1980): Subsistema pronominal com uso variável de *você/tu* ou *tu/você*

Soares (1980) realizou uma pesquisa em Fortaleza-CE com 72 informantes, cujo objetivo era levantar todas as formas utilizadas como tratamento para um interlocutor em função de sujeito ou vocativo, relacionando as situações e níveis de fala e determinando os fatores que incidissem nas escolhas de tais tratamentos. A coleta dos dados foi feita em três etapas: na primeira, de forma assistemática, foram observadas diferentes situações e locais e gravadas algumas entrevistas; na segunda, foi feita a aplicação de um questionário baseado em 27 gravuras em que os informantes elaboraram diálogos sugeridos pelas figuras; na terceira, foram gravadas conversas ocasionais. Para análise dos dados foram computados os resultados da segunda e terceira etapas. Quarenta e seis informantes, que participaram da etapa do questionário, tinham entre 10 e 60 anos, escolaridade de 1º e 2º graus e nível universitário. Os outros vinte e seis informantes, da etapa das conversas ocasionais, foram gravados em casa e no local de trabalho. Em geral, os informantes sabiam que estavam sendo gravados, apenas as crianças e um grupo de amigos não sabiam da gravação, sendo informados posteriormente.

2.3.2.1 Das observações assistemáticas

Segundo a autora, a variedade do português falado em Fortaleza apresenta um sistema ternário das formas de tratamento:

- tratamento deferencial ou não-íntimo: *senhor*
- não-deferencial e não-íntimo: *você*
- tratamento não-deferencial e íntimo: *tu* e *você*

a) Nas relações simétricas (recíprocas):

- sem nenhuma intimidade: os interlocutores tratam-se por *senhor*, ou usam o tratamento não-marcado, os mais jovens usam *você* e mais raramente *tu*;
 - sem muita intimidade: *você*, ou *senhor* para os mais velhos. Também a forma *tu* pode ocorrer;
 - com muita intimidade: interlocutores tratam-se por *tu* ou por *você* indiferentemente.
- b) Nas relações assimétricas (não-recíprocas):
- com pouca ou nenhuma intimidade: um dos dois dá o tratamento *senhor* ou não marcado e recebe *você*, *tu* aparece mais raramente.
 - com bastante intimidade: um recebe *senhor* e dá *você* ou *tu*.

Nas relações assimétricas o tratamento dado pelo superior ao inferior oscila muito entre *tu* e *você*. No entanto, alguns usuários expressaram uma postura negativa em relação ao *tu*, “é uma palavra grosseira” (Soares, 1980: 42). Segundo Soares, quase todas as pessoas repudiam o tratamento simétrico entre pais e filhos. Todavia, nas suas observações era comum o tratamento simétrico entre pais e filhos com menos de 10 anos, mas para a autora essa simetria não era indício de mudança, uma vez que sequer se exige de criança nessa idade obediência às convenções sociais.

Uma observação considerada importante por Soares (p. 43) é a pouca aplicação de concordância do sujeito *tu* com o verbo, segundo ela pela dificuldade da conjugação verbal de segunda pessoa, motivando assim a preferência pela forma *você* em contexto mais formalizado.

2.3.2.2 Dos dados do questionário de gravuras

As gravuras foram organizadas em díades e divididas em dois grupos orientados, um por relações de poder (14 díades), e o outro por solidariedade (13 díades), relações, respectivamente, assimétricas e simétricas.

Através destes testes, a autora concluiu que houve um número alto de tratamento não marcado na função de sujeito. O instrumento não foi muito eficaz na demonstração do uso do *tu* como sujeito. Segundo a autora, isso ocorreu porque os testes não conseguiram minimizar o suficiente a formalidade presente no momento da elaboração dos diálogos.

A autora não faz um quadro geral dos percentuais, mas estabelece o seguinte sistema:

“A variação (individual ou coletiva) apresenta um padrão: no plano da assimetria é variável o uso de o *senhor* (a *senhora*) com *você*, no plano da simetria alternam-se as três formas *tu*, *você* e o *senhor* (a *senhora*). Nas relações assimétricas podem aparecer as três formas, mas usadas pelo elemento superior,...” (pp. 56-57)

2.3.2.3 Dos dados obtidos nas gravações de conversas informais

As gravações foram feitas em ambiente de trabalho e em casa, e objetivavam comprovar os resultados obtidos nos métodos anteriores, principalmente, segundo Soares, em relação ao *tu*. As quatro gravações são de dois formatos: no primeiro, três gravações foram feitas observando-se, em cada uma, um grupo de pessoas em um contexto específico; no segundo, um único informante é gravado em três situações diferentes. Os informantes sabiam a respeito da gravação, mas não sabiam em que momento a mesma teria início. Em alguns casos, os interlocutores estavam em relação assimétrica e em outros em simetria. Juntando-se os resultados apresentados individualmente, temos na Tabela 2 os seguintes percentuais:

Tabela 2
Dados das gravações de conversas informais sobre *tu*, *você* e *senhor* em Soares (1980)

	<i>TU</i>		<i>VOCÊ</i>		<i>SENHOR/NOME</i>		<i>TOTAL</i>
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Encontro de amigos	21	28,8	52	71,2	-	-	73
Jogo de pôquer	7	11,1	43	68,3	13	20,6	63
Almoço em família	29	41,4	41	58,6	-	-	70
Um informante em três situações distintas	22	27,8	22	27,8	35	44,4	79
TOTAL	79		158		48		285

Fonte: Soares (1980, pp. 79-83), com adaptações diversas

A autora conclui reafirmando a existência de um sistema ternário de formas pronominais na função de sujeito em Fortaleza: *tu*, *você* e *senhor*. Afirma que o uso dessas formas é variável tanto nas relações simétricas como nas assimétricas, e que ocorre a alternância entre *tu* e *você* ou *você* e *senhor* (ou *senhora*). Essas formas são condicionadas pelos fatores: papel social e situação de discurso, assim como pela idade e o grau de intimidade dos interlocutores.

2.3.3 Menon (2000): subsistema pronominal com predomínio de *tu*

Menon (2000) analisou a primeira edição da tradução brasileira de *Vinhas da Ira* (1940) de John Steinbeck, cujos personagens têm o linguajar caracterizado pelo dialeto gaúcho¹⁰. O objetivo principal do trabalho de Menon era testar o estágio em que se encontrava a concordância verbal com o *tu*. Cito este trabalho aqui por outro motivo, expor os percentuais de uso geral não só do *tu*, como também *você* e *senhor* no Sul do país, especificamente, em Porto Alegre, pois esse é um dos trabalhos que incluem esta última forma de tratamento na análise dos dados. Relembremos ao leitor que se trata de um trabalho com dados da escrita que busca retratar a fala de Porto Alegre.

Uma das observações que Menon faz em nota de rodapé (achamos que deveria ser feita no corpo do trabalho) é a de que a forma o *senhor* é tratada em sua pesquisa como “pronome, de segunda pessoa (resultado do processo de gramaticalização da locução constituída do artigo mais o substantivo senhor(a)” (p. 125). Sendo assim, a autora analisa os pronomes *tu*, *você* e *senhor*. A autora excluiu os dados da fala do narrador e analisou somente os da família Joad – composta de 10 pessoas – e os de pessoas com as quais essa família teve contato nas suas andanças.

Após ajustes nos dados iniciais e realizada a primeira etapa de análise com o programa computacional Varbrul, a amostra ficou constituída de 1686 dados. Na tabela 3, recortamos de Menon apenas os dados sobre os pronomes de segunda pessoa, 1682 dados, e acrescentamos as percentagens de uso geral destes pronomes.

Tabela 3

Percentagens de uso geral de *tu*, *você* e *o senhor* em Menon (2000)

	<i>TOTAL</i>	%
Pronome pessoal: <i>tu</i>	1295	77%
Pronome pessoal: <i>você</i>	245	14,5%
Pronome pessoal: <i>o senhor</i>	142	8,5%
TOTAL	1682	

Fonte: Menon (2000, p.153), com adaptações

¹⁰ Apesar da análise se voltar para a fala das personagens, os dados neste trabalho são dados de escrita, mesmo sendo uma tentativa de reproduzir a fala.

Menon destaca os seguintes resultados em relação ao dialeto gaúcho, segundo a autora, utilizado na escrita do romance:

- ainda que com percentuais diferentes, as três formas ocorrem neste dialeto;
- baseada em Loregian (1996)¹¹, ela diz que há bastante variação na comunidade, mas pouca no indivíduo;
- “Parece haver uma certa gradação na mudança de emprego seja de o *senhor* para *você*, seja de *você* para *tu*.” (p. 157), isso acontece à medida que os relacionamentos ficam mais próximos.
- Em relação à substituição do *tu* por *você* no Rio Grande do Sul, a autora diz que essa não é uma hipótese comprovada¹². Diz que poderia estar se realizando uma outra tendência no PB: “a manutenção lexical do *tu*, como marcador de uma identidade e de valores regionais” (p. 159), mas perdendo a marca verbal de 2ª pessoa.

2.3.4 Ramos (1989): Subsistema pronominal com uso variável de *você/tu* ou *tu/você*

Ainda na região Sul, há o trabalho de Ramos (1989) sobre as formas de tratamento no falar de Florianópolis. Neste trabalho, Ramos entrevista indivíduos nascidos e educados na zona urbana de Florianópolis com o objetivo de examinar as formas de tratamento usadas por eles e estabelece como *condicionadores sociais*:

- escolaridade (1º grau, 2º grau e universitário, de acordo com a nomenclatura da época);
- faixa etária (20-35, 36-50 e 51 em diante);
- sexo;
- contexto situacional do interlocutor;
- escolaridade do informante e padrão social do interlocutor;

¹¹ Em sua tese de doutorado em 2004, Loregian-Penkal aprofunda a análise da variação na comunidade *versus* variação no indivíduo e conclui que, para os indivíduos de Porto Alegre, cujo sistema tem o *tu*, mas que possuem *tu* e *você* (a forma *o senhor* não foi objeto de estudo deste trabalho) há contextos recorrentes para o uso de *você* com destaque para: a **indeterminação do referente**, o discurso predominantemente **narrativo**, as **explicações** e quando **o interlocutor é o entrevistador**.

¹² Também no trabalho de 2004, Loregian-Penkal classificou Porto Alegre como uma cidade “mais ou menos conservadora quanto ao uso de *tu*”. Mais duas cidades do RS nesta mesma amostra foram classificadas como as mais conservadoras da amostra.

Os *condicionadores linguísticos* foram:

- as formas de interpelação¹³

- as formas de mitigação¹⁴.

Foram entrevistados 36 informantes e obtido um total de 427 dados. Na Tabela 4 abaixo reproduzimos o quadro de Ramos com a distribuição geral dos dados.

Tabela 4

Uso percentual das formas de tratamento: 2ª pessoa do singular em Ramos (1989)

FORMAS DE TRATAMENTO	TOTAL DE OCORRÊNCIA DAS FORMAS	PERCENTAGEM
TU com flexão verbal	18	04%
TU sem flexão verbal	27	06%
Flexão verbal sozinha	44	10%
VOCÊ	130	31%
ZERO	171	40%
SENHOR	37	09%
TOTAL	427	100%

Fonte: Ramos (1989, p.49) com adaptações

Em sua pesquisa, Ramos não faz uso da ferramenta estatística (assim como a maioria dos trabalhos mencionados até o momento) para indicar os pesos relativos, ela apenas apresenta os dados percentuais. O uso do pronome *tu* representa 20% (89 dados) do total geral da amostra e apresenta concordância de 69,5%, fenômeno este favorecido pela flexão verbal com a ausência de sujeito explícito (a autora chamou de flexão verbal sozinha). Apesar de o objeto da pesquisa não ser a concordância, Ramos diz que, independente do grau de instrução, a maioria dos informantes usa a flexão verbal referente ao *tu*, quando este está implícito (Ramos, 1989: 51). Os condicionadores linguísticos não apresentaram correlação significativa com o pronome *tu*. Os condicionadores sociais que favoreceram o uso de *tu* foram: a maior escolaridade, a faixa etária de 36 a 50 anos e o sexo feminino.

Apesar da informalidade na abordagem dos informantes, o contexto situacional do interlocutor, apresentado ao informante através de fotografias (10 situações no total), não

¹³ As formas de interpelação consideradas relevantes pela autora foram vocativo + polidez, chamamento + vocativo e ausência de qualquer forma.

¹⁴ Expressões linguísticas cuja função consiste em suavizar o impacto da imposição exercida sobre o alocutário no ato do pedido.

favoreceu o uso de *tu*, segundo a autora, porque, com estranhos ou pessoas não íntimas, os informantes deram depoimentos¹⁵ de que a forma *você* é a que deve ser usada.

O pronome *você*, com 30% de uso, revelou um desempenho mais expressivo nos cumprimentos e, junto com o zero pronominal sem flexão, é a forma acompanhada de maior mitigação, 42% dos dados contra 16% de *tu*. O nível de escolaridade que mais emprega o *você* é o primário (hoje ensino fundamental). A faixa etária mais alta (de 51 anos em diante) favorece muito mais o pronome *você* do que a dos demais falantes. Enquanto a direção de uso por parte do sexo feminino é para o emprego de *tu*, o sexo masculino tem 10% a mais de *você* do que as mulheres. Portanto, os sexos caminham em direções opostas quanto à manifestação verbal de *tu* e *você*. Em relação ao contexto situacional, o uso de *você* foi superior ao de *tu* em nove de dez situações. Com base no relato de informantes, a autora creditou a superioridade da forma pronominal *você*, nas diversas situações retratadas nas fotos, ao fato de as pessoas ali retratadas serem estranhas aos informantes.

A autora cruzou o nível de escolaridade do informante com o padrão social do interlocutor. Como resultado obteve que o informante de escolaridade primária usa mais *você* com a classe baixa e mais o *zero* pronominal com a classe média. Já o informante de nível universitário usa mais o *zero* pronominal com a classe baixa e mais o *você* com a classe média. Ramos ainda enfatiza que há uma maior competição entre as formas *você* e *zero* pronominal do que entre *você* e *tu*.

O zero pronominal sem flexão foi o que apresentou o maior grau de ocorrência, superior aos demais pronomes. Sobre ele a autora afirma:

O fato de omitir o pronome sujeito resulta na neutralidade de tratamento pelo falante, que é favorecido por não ter que se comprometer com a semântica do poder ou de solidariedade em casos em que não esteja certo quanto ao uso devido do pronome.

Segundo a autora, o pronome *senhor* apresentou ocorrência inferior às demais formas pelo fato de as fotografias apresentadas aos informantes terem sido preparadas para eliciar destes um uso mais informal de tratamento, *tu* ou *você*. O seu uso, no entanto, surgiu principalmente com duas fotos, uma por ser a única foto de alguém de idade mais avançada que as demais, e a outra, por ser uma policial, cuja função impõe mais distanciamento e leva a uma abordagem mais formal e cerimoniosa por parte do interlocutor.

¹⁵ Ao final de cada entrevista a autora pedia a opinião dos informantes a respeito do uso dos pronomes *tu* e *você*.

O trabalho de Ramos apresenta resultados bem diferentes dos de Loregian-Penkhal (2004) em termos de percentagem de uso geral dos pronomes *tu* e *você*, pois, enquanto em Ramos há mais *você* que *tu*, em Loregian-Penkhal (2004: 133) o *tu* apresenta uso geral de 76% contra 24% de *você* em Florianópolis. A direção em função do gênero do falante é, no entanto, a mesma nos dois trabalhos. É necessário ainda enfatizar que o tipo de levantamento de dados efetuado por Ramos foi diferente daquele utilizado por Loregian-Penkhal, pois enquanto aquela fez o levantamento utilizando fotografias para que o informante, de alguma forma, interagisse com o interlocutor representado na fotografia, esta fez uso do banco de dados do Projeto VARSUL¹⁶ que utiliza o modelo de coleta de dados tipicamente laboviano – entrevista gravada, i. e., uso real da língua.

2.3.5 Figueiredo (2005): Subsistema pronominal com predomínio de *você* (e suas variantes *cê* e/ou *ocê*).

Figueiredo (2005) analisa a variação dos pronomes *tu* e *você* em quatro comunidades rurais na Bahia: Helvécia, Rio de Contas, Cinzento e Sapé. Seu trabalho faz parte do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*, que visa encontrar elementos que comprovem a relevância do contato entre as línguas portuguesa, indígenas e línguas africanas. São analisadas 24 entrevistas (seis por comunidade) com um total de 710 dados dos pronomes *tu* e *você*. Duas dessas comunidades (Helvécia e Rio de Contas) apresentam o uso predominante de *você* e duas fazem uso variável de *você* e *tu* (Cinzento e Sapé). Os dados percentuais de uso de *tu* e *você* nas quatro comunidades estão reproduzidos na Tabela 5 abaixo:

¹⁶ Projeto de Variação Linguística Urbana na Região Sul.

Tabela 5
Representação da segunda pessoa do discurso no português afro-brasileiro
segundo a variável comunidade em Figueiredo (2005)

	<i>TU</i>		<i>VOCÊ</i>	
	N/Total	%	N/Total	%
Rio de Contas	1/67	1	66/67	99
Helvécia	7/241	3	234/241	97
Cinzento	55/295	19	240/295	81
Sapé	23/106	22	83/106	78
Total	86/709 ¹⁷	12	623/709	88

Fonte: Figueiredo (2000, p.153), com adaptações

Segundo Figueiredo o *você* é favorecido pelo traço semântico de referência indeterminada (+genérica), pelos falantes de maior faixa etária (+ de 60 anos) e pelo sexo masculino. O *tu*, por outro lado, é favorecido pela referência determinada (-genérica), faixa etária menor (20 a 40 anos) e pelo sexo feminino. O paralelismo formal mostrou-se produtivo no que diz respeito à possibilidade de a forma antecedente mais próxima influenciar a escolha da forma seguinte.

2.3.6 Dias (2007): Subsistema pronominal com uso variável de *você/tu* ou *tu/você*.

Em sua pesquisa, Dias (2007) analisa a variação *tu/você-cê* em Brasília, fruto de entrevista com 18 informantes, distribuídos em três faixas etárias de 13 a 19 anos, 20 a 29 e de mais de 30 anos, sexo masculino e feminino. Após algum refinamento nos dados iniciais, 900 dados ficaram distribuídos conforme a tabela de Dias reproduzida abaixo:

Tabela 6
Referências à segunda pessoa em Dias (2007)

	<i>Tu</i>	<i>Cê/Você</i>	<i>Total</i>
	12,8%	87,2%	100%
N	115	785	900

Fonte: Dias (2007, p.64), com adaptações.

¹⁷ Oliveira não menciona o que aconteceu com um de seus dados, pois ela menciona a existência de 710 dados.

Sete dos informantes não usaram *tu* nas gravações. Não foram encontrados dados de *tu* com a concordância canônica de segunda pessoa; todos os dados são com a mesma concordância dada a *cê/você*.

Entre os resultados apresentados por Dias estão os seguintes:

- Não há ocorrências de *senhor*, mesmo quando o informante se dirige aos pais e pessoas hierarquicamente superiores no trabalho;

- Seis fatores foram selecionados como estatisticamente significantes na explicação da variável dependente *tu/você-cê*, um linguístico e cinco sociais: tipo de fala (linguístico), sexo, faixa etária e estilo do falante, tipo de relacionamento com o interlocutor e faixa etária deste;

- Ficou comprovado que o *tu* ocorre na fala de pessoas dos dois sexos e de todas as faixas etárias, com frequência maior, no entanto, entre os mais jovens e entre os homens. Apesar de não haver nenhuma ocorrência de *tu* nas entrevistas entre os informantes do sexo feminino de mais de 30 anos, Dias afirma que presenciou “diversas mulheres dessa faixa etária usando o pronome” (p. 76);

- Há falantes categóricos de *você*, mas não há falantes categóricos de *tu*. O tipo de relacionamento que mais favorece o uso de *tu* é o de amigo íntimo ou familiar.

2.3.7 Loregian-Penkall (2004): diversidade de subsistemas pronominais

O trabalho de Loregian-Penkall (2004) sobre a referência de segunda pessoa na região Sul talvez seja a pesquisa mais completa do PB sobre os pronomes de segunda pessoa realizada em uma das cinco regiões do país. Neste trabalho, a autora estudou tanto a alternância pronominal *tu/você* no indivíduo e na comunidade, como também a concordância verbal com o pronome *tu*. Foram alvos da pesquisa as três capitais do Sul: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (Curitiba, no entanto foi retirada da análise estatística por apresentar uso categórico de *você*; foi acrescentado Ribeirão da Ilha, bairro de Florianópolis, em virtude de sua história e formação); e três cidades do interior do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja) e três cidades do interior de Santa Catarina (Chapecó, Blumenau e Lages). Loregian-Penkall analisou 24 entrevistas de cada cidade do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e 11 entrevistas de Ribeirão da Ilha perfazendo um total de 203 informantes,

homens e mulheres de duas faixas etárias e três níveis de escolaridade. Nesta pesquisa, a autora não analisa a forma *senhor*.

As cidades da região sul apresentam os seguintes subsistemas pronominais:

1 – Curitiba-PR com uso categórico de *você* representa o subsistema com maior número de falantes no país (predomínio de *você* e suas variantes *cê* e/ou *ocê*);

2 – Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, todas cidades do Rio Grande do Sul, manifestam o subsistema com predomínio de *tu* com concordância muito baixa (menos de 7 %);

3 – Chapecó-SC apresenta no geral uso equilibrado de 50% de *tu* e 50% de *você* e concordância muito baixa com o *tu*, próxima de 1%;

4 – Florianópolis-SC e Ribeirão da Ilha, bairro de Florianópolis, apresentam um subsistema pronominal com predomínio de *tu* e concordância média com este pronome (entre 43% e 60%). O resultado destas duas localidades parece andar em direção oposta à tendência reconhecida por Menon e Loregian-Penkall (2002: 179) de o PB estar perdendo a capacidade de usar a forma verbal sem o pronome. Loregian-Penkall (2004: 150-151;166-167) diz que a marca dos falantes dessas localidades, principalmente Ribeirão da Ilha, representantes da etnia açoriana, é o uso da flexão canônica de segunda pessoa, com probabilidade estatística mais alta quando o pronome não é explícito;

5 – Os dados de Lages e Blumenau, cidades de Santa Catarina, revelam uso variável dos pronomes *você* e *tu* (15% e 27%, respectivamente, de uso de *tu*) e concordância médio-baixa (14% e 38%, respectivamente).

Os subsistemas acima estão em acordo com uma hipótese anteriormente levantada por Menon e Loregian-Penkall (2002: 167) de uma mudança progressiva no “*continuum* gaúcho-catarinense-paranaense” no sistema dos pronomes *tu* e *você*, desde que se avance para o norte pelo lado oeste da região: sistema só com *tu* (com alguma concordância presente) em Porto Alegre ou mais ao sul do RS; depois, introdução de *você* e diminuição da concordância; em seguida, coocorrência dos pronomes sem marca no verbo, até chegar em Pato Branco-PR com quase predominância de *você*. Essa hipótese de Menon e Loregian-Penkall não considera a aproximação em direção ao norte da Região Sul pelo lado leste em que a concordância

aumenta de Porto Alegre para Florianópolis (especialmente no bairro de Ribeirão da Ilha) descrita por Loregian-Penkall (2004) e considerada por Scherre et al (2009) como sendo uma área de concordância média (43% e 60% de concordância).

3. METODOLOGIA

A Teoria da Variação suscita em seu arcabouço os procedimentos a serem adotados em pesquisa cujo alvo seja a língua em uso no seu contexto social. Aqui, discorreremos sobre as etapas pelas quais passou este trabalho, caracterizamos a amostra, descrevemos os procedimentos adotados no tratamento dos dados (desde a constituição do *corpus* até o tratamento estatístico) e elencamos as variáveis trabalhadas e suas respectivas hipóteses.

3.1 Descrição da Amostra

É uma constante em estudos linguísticos sobre o PB a indicação de que falta alguma informação vinda da região Norte. A floresta amazônica, entre outras coisas, parece encobrir a fala do nortista. A constituição de *corpora* da língua portuguesa na região Norte e especialmente no estado do Amazonas está ainda muito incipiente. As pesquisas linguísticas na região, em geral, são mais voltadas para o estudo de línguas indígenas e assim a língua portuguesa tem ficado um tanto esquecida, razão pela qual a bibliografia de trabalhos sobre a língua portuguesa no Amazonas é escassa. Este trabalho, por exemplo, não poderia ter sido realizado sem a disposição de se constituir um *corpus* e sem a contribuição advinda da consulta a vários trabalhos de pesquisas em outras regiões.

Os dados deste *corpus* foram coletados entre 2008 e 2009 com o objetivo principal de serem usados para esta pesquisa sobre os pronomes de segunda pessoa. O pronome *tu*, por exemplo, na visão de muitos gramáticos e até linguistas foi praticamente abolido do PB. Como exemplo já mencionado, Cunha & Cintra (2007: 306) falam do pronome *tu* no PB e restringem o seu uso “a região Sul do país e alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados”.

Em linha com esse pensamento, Faraco (1996: 64), comparando o Brasil com Portugal, afirma que o número de “pessoas que podem ser tratadas por *tu* parece vir aumentando” em Portugal, já em relação ao Brasil sua conclusão é de que “a situação no Brasil é bastante diferente. *Você* é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais”, sem mencionar quais. O pronome *você* já deu fruto a vários trabalhos, mas a comunidade tefeense nos mostra que, além do uso que alterna com o pronome *tu*, o pronome *você* também é usado como **pronome**

de contato (ver capítulo 4, seção 4.3); o pronome *senhor* não tem sido frequentemente incluído em trabalhos sobre pronome de segunda pessoa, mas as observações indicam que o mesmo tem um uso importante na comunidade de fala¹⁸ tefeense.

Apesar deste estudo não ter a pretensão de ser exaustivo quanto ao uso dos pronomes de segunda pessoa na fala tefeense, entendemos que os informantes deste trabalho são representativos da comunidade de fala de Tefé, conceito este definido por Labov (2008: 244) como “um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua” e que apresentam “uniformidade de padrões abstratos de variação” (p. 150)

Decidimos inicialmente fazer a coleta dos dados de língua falada¹⁹ de acordo com o modelo laboviano de entrevista, situação em que o pesquisador tenta minimizar os efeitos negativos da sua presença na fala dos entrevistados com o objetivo de observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas. Este problema é conhecido como o *paradoxo do observador* (Labov, 2008: 244). Com o intuito de testar este tipo de coleta de dados, realizamos também entrevistas ocultas²⁰. Assim, as 19 entrevistas foram realizadas da seguinte maneira:

- 15 entrevistas em que os entrevistados sabiam que estavam sendo gravados;
- 3 entrevistas ocultas, i. e., os entrevistados não sabiam a respeito da gravação;
- 1 entrevista em que a entrevistada teve parte de sua fala gravada ocultamente e parte gravada com o seu conhecimento prévio.

Os informantes de nosso *corpus* são todos nascidos em Tefé, tendo morado a maior parte da infância no município. Nosso recorte inclui três faixas etárias, 7 a 10, 20 a 35 e mais de 50 anos de idade (no capítulo 4 apresentamos as motivações para este recorte na seção *faixa etária*), dois níveis de escolaridade (fundamental e superior) e os gêneros masculino e feminino. O Quadro 2 apresenta o perfil dos informantes da amostra.

¹⁸ Para detalhes sobre comunidade de fala ver Scherre (2006) em que este conceito é abordado sob a visão de três paradigmas, a saber, Linguística Estrutural, Sociologia da Linguagem e Etnografia da Comunicação e Sociolinguística Laboviana.

¹⁹ Segundo Taralo (1986), língua falada “é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. Adotamos esse conceito aqui.

²⁰ Todas as entrevistas ocultas tiveram seu conteúdo revelado aos informantes e somente com a autorização dos mesmos foram utilizadas nesta pesquisa.

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Faixa Etária	Gênero	Escolaridade		Nº de informantes
		Fundamental	Superior	
7 – 10	Masculino	X	-	3
	Feminino	X	-	3
20 -35	Masculino	X	X	6
	Feminino	X	X	6
+ de 50	Masculino	X	X	6
	Feminino	X	X	6
Total de informantes				30

Visto que sou morador da cidade desde 2001, trabalhando desde então como professor, não foi tão difícil contatar pessoas para contribuírem como informantes para a pesquisa. Alguns deles eram pessoas que eu já conhecia, (a cidade pequena) outros conheci no momento da entrevista. Quatro ex-alunos²¹ do curso de Letras contribuíram (sem bolsa de pesquisa) na realização de 3 entrevistas e até na transcrição de 2 delas. Todos orientados para a realização das duas atividades.

Alguns pesquisadores do tema já apontaram a dificuldade de coletar dados de pronomes de segunda pessoa do singular no modelo tradicional de entrevistas labovianas (cf. Paredes Silva, 2003; Lucca, 2005). Com o intuito de testar a influência do tipo de gravação sobre os resultados da amostra, aderimos ao “método” não ortodoxo de realizar também algumas entrevistas ocultas, mas tomamos o cuidado de, em todos estes casos, avisarmos os participantes no final da gravação e solicitarmos a autorização destes para uso na pesquisa. Todos autorizaram.

As entrevistas aconteceram na casa de alguns entrevistados, outras no local de trabalho, na escola e na faculdade. Foram gravados em média 30 minutos de interação em cada entrevista, alguma das quais com mais de um informante, perfazendo um total de 19 entrevistas para os 30 informantes. As entrevistas foram transcritas na íntegra e com fidelidade ao texto falado, sem se fazer, no entanto, registro detalhado das propriedades

²¹ Paulo Afonso Queiroz do Nascimento, Ana Cássia da Silva Mota e Greiciele Rodrigues da Costa realizaram uma entrevista cada um. Greiciele e Fabiana Santos Martins fizeram duas transcrições.

fonéticas. As orientações de Paiva (2004: 135-146)) foram elucidativas para a difícil tarefa de transcrever mais de 10 horas de áudio, pois ali são apresentados e discutidos diferentes sistemas de transcrição de dados com suas vantagens e desvantagens.

A ideia inicial era quantificar apenas as manifestações de *tu*, *você* e *senhor*, mas como houve um alto número de pronome zero, adicionamos esse aspecto em nossa investigação. Obtivemos um total de 1213 dados, dos quais 347 (28,6%) são de pronome zero. A distribuição completa dos dados por pronome está na Tabela 8, no capítulo 4 desta dissertação. Como o alvo principal deste trabalho é a alternância dos pronomes *tu/você/senhor*, apresentamos na Tabela 7, a seguir, como o uso dos pronomes se distribui pelos falantes.

Tabela 7
Distribuição dos falantes de acordo com o uso dos pronomes

<i>Pronome usado</i>	<i>Nº de falantes</i>
só tu	4
só você	-
só senhor	-
tu e você	10
tu e senhor	02
tu, você e senhor	14
Total	30

Como podemos perceber no quadro acima, quase metade dos informantes (46,6%) usaram as três formas do fenômeno sob análise. O pronome *tu* é o único usado por todos os informantes (100%), quatro dos quais usaram apenas esta forma. Entendemos, no entanto, que estes falantes com uso categórico de *tu* nos dados não são usuários categóricos de fato deste pronome, por essa razão seus dados foram analisados juntamente com os dos demais.

Nenhum informante usou somente o pronome *você* ou *senhor*. Percebe-se por este quadro que a comunidade tefeense apresenta um sistema ternário, ficando assim justificada a presença do pronome *senhor* nessa análise, e que a variação está presente tanto na

comunidade, como também no indivíduo (quase 87% da amostra apresenta variação no indivíduo).

Baseando-nos no trabalho de Loregian (1996), que identificou seus informantes com um código incluindo números e letras ao invés de nomes com o intuito de preservar suas identidades, adotamos os seguintes critérios para identificação das produções retiradas de nosso *corpus* nos exemplos usados ao longo deste trabalho: **gênero** (**M** = masculino, **F** = feminino), **faixa etária** (**1** = 7 a 10 anos; **2** = 20 a 35 anos; **3** = + de 50 anos), **escolaridade** (**FU** = fundamental; **SU** = superior); **número do informante** (de **01** a **30**), como se vê abaixo.

[9] “G., diz diz aí qual é o assunto que **TU** quer.” (F3SU-29)²²

[10] ‘...“tá bom, já que **VOCÊ** quer, então eu vou estudar”.’ (M2FU-11)

[11] “É se o **SENHOR** gostô, né? Qual é melhor, lá ô aqui?” (F3FU-23)

3.2 Variáveis trabalhadas

A referência de segunda pessoa do singular é a variável sob análise e se manifestou nas seguintes variantes: *tu*, *você*, *cê*, *senhor* e *nulo*. Como a forma *cê* apresentou apenas 8 dados, decidimos tratá-la na análise junto com os dados de *você*. Aqui apresentamos os fatores linguísticos e sociais que usamos para verificar quais e em que nível estão influenciando a escolha do pronome pelo falante e as hipóteses para cada um destes fatores. Não codificamos a função sintática, por entendermos que teríamos que ampliar o objeto de análise (desenvolvemos mais sobre isso nas considerações finais).

Entre os possíveis fatores linguísticos que poderiam ser usados como variáveis independentes, adotamos os seguintes:

1. Tipo de Referência:

a) Genérica;

[12] “E lá não, **VOCÊ** vê é só pra enfeite mesmo assim pra gerá sombra” (M2SU-13)

[13] “**TU** abre, por exemplo, **TU** pode fazer download...” (M3SU-25)

²² Mulher, mais de 50 anos, nível superior, o número foi arbitrado com o intuito somente de facilitar a localização no banco de dados das entrevistas.

b) Específica.

[14] “Posso fazer pro **SENHOR**.” (F1FU-04)

[15] “**VOCÊ** conhece forno de torrar farinha?” (F3FU-22)

[16] “E aí, **TU** vai pra Coari?” (M2SU-14)

Hipótese: esperamos que o *senhor* seja usado apenas em referência específica. O *tu* em ambas, mas sendo favorecido pela específica. O *você* também em ambas, mas favorecido pela referência genérica; de acordo com MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), este é o contexto mais vulnerável para a entrada do *você* no sistema dos falantes que têm o *tu*.

2. Tipo de Discurso:

a) Direto;

[17] “Qual a música que **TU** aprendeu no... na aula de violão ontem, V.?” (F2SU-18)

[18] “Mas quer dizer que **VOCÊ** não pensa em ser professora, né?” (M2SU-15)

[19] “O **SENHOR** precisando, estou aqui pra lhe responder tudo.” (F2FU-11)

b) Relatado.

[20] “Aí eu digo, ‘o **SENHOR** num quer me levar?’” (M3FU-21)

[21] “‘**VOCÊ** não pode fazer isso, **VOCÊ** não frequenta tal lugar’. Então, essas coisas, elas...” (M3SU-26)

[22] “Quando eu voltei, ela disse, ‘olha se **TU** quiser, eu já arranjei uma vaga pra ti’” (M2FU-07)

Hipótese: temos a expectativa de que o discurso relatado favorece o uso de *tu*, pois atenua a presença do interlocutor e faz surgir o pronome menos marcado (em Tefé é o *tu*); o uso de *senhor* não é influenciado pelo tipo de discurso; o uso de *você*, em sentido oposto ao de *tu*, é desfavorecido pelo discurso relatado, pois é a forma mais marcada no subsistema pronominal de Tefé. Em Lucca (2005), as falas reais masculinas (aquilo que chamamos de discurso direto) favoreceram o *tu*, as falas femininas retomadas por rapazes apresentaram peso relativamente semelhante às falas reais femininas. Considerando-se esses resultados de Lucca, percebe-se que a forma menos marcada (na região de Brasília é o *você*) surge mais nas falas

relatadas, por isso levantamos a hipótese de que em Tefé o *tu* é favorecido pelo discurso relatado.

3. Paralelismo:

a) Isolado não precedido de forma pronominal;

[23] “Mas ele tocava que de longe escutava, **TU** jurava que era flauta.” (F3FU-24)

b) Isolado precedido de *tu*;

[24] “Ah, tá. *Tu* escaneia naquele. Entendi. (entrevistador)

“**TU** joga no computador e depois...” (M1FU-01)

c) Isolado precedido de *você*;

[25] “...seu plano de vida hoje e pra *você* e pros seus filho.” (entrevistadora)

“Plano de vida hoje? Menina, plano de vida hoje... ai Deus! Essa pergunta aí **TU** me pegô.” (F2FU-11)

d) Isolado precedido de *senhor*;

[26] “Posso fazer pro *senhor*.” (F1FU-04)

“Claro.” (entrevistador)

“O que o SENHOR veio fazê aqui?” (F1FU-04)

e) Primeiro da série não precedido de forma pronominal;

[27] “Fazer como... por isso que diz: **TU** nunca expromenta, se **TU** expromentar, **TU** vai...” (M2FU-09)

f) Primeiro da série precedido de *tu*;

[28] “Mas aí *tu*, no caso, eh... *tu* tá fazendo Matemática, né?” (entrevistador)

[29] “Em Matemática. Que é diferente, poxa, da linguagem que **VOCÊ** trabalha em Geografia, que é humana, que *você* trabalha diretamente, né, com a pessoa, *você* ... *você* quando vai falar um texto...” (M3SU-27)

g) Primeiro da série precedido de *você*;

[30] “*Cê* acha que fôro os professores que *você* teve ou...? (M2SU-15)

“Também. Eu estudava com professores que... eles procuravam a forma mais fácil de ensinar e quando *TU* chegava mais adiante, que *TU* se deparava com uma forma mais difícil...” (F2SU-17)

h) Primeiro da série precedido de *senhor*;

[31] “Eu queria fazer uma pergunta pro *senhor*.” (F2FU-10)

“Tá bom.” (entrevistador)

“Eu sei que o **SENHOR** casô, tá recente, né? Como é que tá sua vida hoje de casado, se melhorou ou se ... se melhorou muito, ou se num melhorou? Como é que o **SENHOR**... ?” (F2FU-10)

i) Não primeiro da série.

[32] “Aí *você* ainda tem mais, se **VOCÊ** planta a roça, mas se *você* não capinar ela uma, duas vez, *você* não tem ela não.” (M3FU-20)

Hipótese: as formas pronominais precedentes favorecem a continuidade de tal forma nas manifestações pronominais que as sucedem; as formas isoladas tendem a manter-se de acordo com a frequência relativa global para aquela forma na comunidade de fala pesquisada; formas em série tendem a acontecer em obediência a um princípio que, segundo Scherre (1998), reflete um dos aspectos do comportamento humano de realizar atividades em bloco, com aproximação pelas semelhanças, isso não só na produção linguística (oral ou escrita), como também em outras atividades como o futebol, por exemplo. Veja o zagueiro que pede um impedimento de um atacante: ao levantar um braço, em geral, é seguido por seus companheiros que também levantam o braço quase que de forma automática.

Os fatores sociais analisados foram:

1. Gênero:

- a) Masculino;
- b) Feminino.

Hipótese: Trudgill (1995: 69) reportando-se ao resultado de algumas pesquisas sobre variedades do inglês americano e também do britânico diz que uma das notáveis características comuns a estas variedades é que as mulheres usam mais formas associadas à variedade padrão do que os homens. Paiva (2003a: 36) também reconhece que a implementação de formas socialmente prestigiadas é liderada, em geral, pelas mulheres. Como Tefé revela na linguagem alguns traços de sociedade conservadora – filhos tomam a benção dos pais, o tratamento *senhor* é muito comum em relações assimétricas, levantamos a hipótese de que as mulheres usem mais o *você* que os homens, porque este é um pronome mais formal e ao mesmo tempo é uma variante que tem uma avaliação positiva, além do fato de não conviver com o problema da concordância associado à forma *tu*. Assim, o *tu* é mais usado pelos homens e a forma *senhor* não é influenciada pela variável gênero.

2. Escolaridade:

- a) Fundamental (até cinco anos de estudo)
- b) Superior (cursando um curso superior ou graduado)

Hipótese: Em virtude de o pronome *tu* abrigar dupla morfologia verbal – morfologia verbal zero e morfologia verbal canônica de segunda pessoa, e de a escola favorecer unicamente a segunda opção com este pronome, levantamos a hipótese de que os mais escolarizados realizam mais a flexão canônica de segunda pessoa, mas, por outro lado, vivem um drama maior que os menos escolarizados quando se trata de usar o pronome *tu*, pois não sabem se usam a forma verbal mais costumeira sem concordância ou se usam a forma verbal recomendada pela escola, e, por isso, usam um outro pronome, no caso, *você*, como uma forma de escapar do dilema. Por essa razão, o uso de *tu* pode ser mais favorecido pelo nível de escolaridade mais baixo. A forma *senhor* pode ser desfavorecida com a escolarização, pois algumas assimetrias são atenuadas com a educação.

3. Faixa Etária:

- a) 7 a 10 anos;
- b) 20 a 35;
- c) Mais de 50 anos.

Hipótese: consideramos a hipótese de a faixa etária mais jovem, 7 a 10 anos, apresentar um uso mais produtivo do *você* que as demais, porque tem mais acesso à mídia do

que as outras duas faixas etárias tiveram enquanto o processo de aquisição da linguagem não havia se completado. Tanto o contato com programas de televisão, cuja linguagem enfatiza o uso de *você*, quanto os recursos disponíveis na internet, em que este pronome, grafado em geral como “vc”, parece ter preferência na linguagem dos jovens, induziram-nos a considerar que esta faixa etária apresenta um maior uso de *você*, sem, no entanto, usá-lo com a função de pronome de contato (ver seção 4.3, no capítulo 4). Assim, o *tu* é mais usado nas outras duas faixas etárias e o *senhor* mais usado na faixa etária maior (mais de 50 anos), por essa faixa etária ser mais conservadora.

4. Tipo de Relação entre Interlocutores:

- a) Simétrica;
- b) Assimétrica.

Hipótese: a relação *simétrica* favorece o uso do *tu*. Quando os interlocutores estiverem em relação *assimétrica*, aquele em posição inferior usa o *senhor* e recebe o *tu* de seu interlocutor de acordo com a semântica do poder (Brown & Gilman, 1960); o conceito de semântica do poder é discutido no capítulo 2. O *você*, como pronome de contato, é levemente desfavorecido nas relações assimétricas, porque, nestes casos, o *senhor* também tem a função de contato.

5. Tipo de Gravação:

- a) Oculta;
- b) Consciente.

Hipótese: A gravação oculta favorece o uso de *tu* e a consciente inibe o seu uso e favorece o uso de *você*. Isso se deve porque a gravação oculta neutraliza o impacto da presença do entrevistador e a formalidade do momento da entrevista, resolvendo completamente o *paradoxo do observador* (Labov, 2008). Por outro lado, a gravação consciente evoca uma maior frequência das formas *você* e *senhor*.

6. Grau de Intimidade com o interlocutor:

- a) Íntimo;
- b) Não Íntimo.

Hipótese: A intimidade favorece o *tu*, fato comprovado em diversas pesquisas, e não intimidade favorece o *você e senhor*.

3.3 Suporte Estatístico²³

Os estudos em sociolinguística variacionista têm em sua base a análise quantitativa de dados. Isso se deve à concepção de que a língua é heterogênea e estruturada e deve ser estudada levando-se em conta tanto fatores estruturais quanto fatores externos à língua, pois estes revelam que a variação não é aleatória ou livre, mas sim governada pela ação destes diversos fatores. A forma de quantificar a ação dos diferentes fatores, sejam eles linguísticos ou sociais, a fim de se obter um quadro explicativo para a variação, encontrou uma importante ferramenta no programa desenvolvido por Rousseau e Sankoff na década de 70, o Varbrul. Posteriormente, Susan Pintzuk (1988) organizou uma versão para microcomputadores. Este pacote Varbrul, como é conhecido, é formado por 10 programas computacionais e foi criado com o objetivo de aplicar na análise linguística conceitos estatísticos que propiciem ao analista elementos quantitativos que lhe permitam entender e explicar a variação linguística.

Este programa já passou por várias versões com o intuito de melhorar a qualidade do suporte e para se adaptar aos diferentes sistemas operacionais dos computadores modernos. Para nossa análise fizemos uso de duas versões: a de 1988/1992 implementada por Susan Pintzuk (1988) para o ambiente DOS e a versão GoldVarb X de David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith (2005) para ambiente Windows. As duas versões foram usadas porque nem todas têm a capacidade de lidar com variáveis dependentes que apresentem mais de duas variantes. É o caso do GoldVarb X, que só apresenta pesos relativos para variantes binárias, mas tem a vantagem de ser muito mais prático no manuseio do que a outra versão utilizada neste trabalho também. Esse inconveniente já havia sido previsto por Scherre (2004: 161): “imaginamos que, no futuro, o usuário passará a usar, por exemplo, o Goldvarb 2001, sem, contudo, descartar parte do Varbrul 1988/1992 para tarefas complementares”.

Há uma série de passos a serem seguidos antes de se efetuar as rodadas no programa de regras variáveis. Após a coleta e transcrição dos dados, etapas difíceis, mas essenciais para todo o trabalho de análise, vem a fase da *codificação* em que cada dado, em nosso caso, as produções de *tu*, *você* e *senhor*, recebe um código compondo assim a variável dependente de

²³ Várias obras serviram de apoio e tutorial para a realização da análise quantitativa para esta pesquisa, entre elas Scherre, 1993, 2004, 2009; Tagliamonte, 2006; Guy & Zilles, 2007.

nossa pesquisa. Após serem definidos todos os grupos de fatores eleitos de acordo com as hipóteses formuladas, cada fator recebe um código que será a linguagem reconhecida pelo programa para a geração das frequências e pesos relativos.

O próximo passo é submeter os dados ao programa. O programa emite não só o número de ocorrências de cada fator dentro dos grupos de fatores, como também as frequências relativas e os pesos relativos (o efeito de cada fator sobre o uso de uma dada variante). O valor dos pesos relativos fica entre os intervalos de 0 e 1. Assim, para cálculos com variável binária, serão consideradas como favoráveis ao uso da variante escolhida em primeiro plano os pesos que forem superiores a 0,5 e desfavoráveis os que forem inferiores a esse valor. Para as análises ternárias, a referência é 0,33.

O peso relativo é uma medida mais precisa que as frequências relativa brutas, porque o seu valor é o resultado dos efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e dos diversos grupos de fatores entre si, enquanto que as frequências são apenas os percentuais de ocorrência das variantes nos contextos examinados, não levando em conta a distribuição dos dados em outros grupos de fatores.

A rodada binária com o Varbrul apresenta diversos níveis de análise em que vários cálculos são efetuados. Dois processos de análises são utilizados para testar os diferentes grupos de fatores: a análise *step-up* e a análise *step-down*. O programa realiza primeiro o *step-up*, análise cujos resultados vão do nível 0 até o nível no qual nenhum grupo de fatores seja considerado estatisticamente significativo. Em cada nível, um grupo de fatores é selecionado e adicionado ao modelo para ser testado com os demais fatores, processo este que se repete até que nenhum outro fator seja selecionado.

Numa analogia menos numérica (talvez não tão adequada, mas ilustrativa), é como se um empresário de uma grande empresa precisasse testar 10 candidatos a cargos de gerência e selecionar os 3 melhores. Para tal, ele decide testá-los individualmente e comparar todos os resultados apresentados. Após selecionar o de melhor resultado, resolve testar os outros 9 agora trabalhando cada um deles por vez com o candidato primeiro selecionado. Dos 9, aquele que apresentasse o melhor resultado junto com o primeiro selecionado, seria o segundo escolhido. Depois, os 2 selecionados trabalhariam em conjunto com cada um dos 8 candidatos restantes para que a última vaga fosse preenchida de acordo com o resultado apresentado no final. Assim, os três candidatos com os resultados mais significantes seriam promovidos a

gerentes. Em uma lógica mais ou menos semelhante, o programa Varbrul seleciona os melhores grupos de fatores no processo *step-up*. A seleção dos fatores é percebida nas rodadas pelo logaritmo da função de verossimilhança (*log-likelihood*).

As análises de regras variáveis usam o critério da verossimilhança, porque ele é uma medida de justeza entre o modelo e os dados. Para Guy e Zilles (2007: 191) “o número de valor absoluto maior representa um ajuste pior entre modelos e dados, e o que tem o valor absoluto menor indica um ajuste melhor.” É importante salientar que esta medida é dada em valores negativos, portanto, o número de valor absoluto maior é o que está mais distante de zero. Tagliamonte (2006, p. 142) igualmente enfatiza que o critério para a seleção de um grupo é ter o seu valor de *log-likelihood* mais próximo de zero. No primeiro nível, por exemplo, de uma rodada binária entre *tu* e *você* em nossos dados, o valor de *log-likelihood* do primeiro grupo de fatores que foi selecionado foi de -406,344 (o menor valor no nível 1) e o valor de um dos grupos de fatores que não foi selecionado pelo programa foi de -523,595. Quando nenhum grupo é mais selecionado pela análise *step-up*, inicia-se a análise *step-down*.

No processo *step-down* é feita a análise em sentido contrário, com todos os grupos de fatores. O programa calcula o *log-likelihood* quando todos os fatores estão incluídos simultaneamente e descarta em cada nível aquele cuja retirada da rodada faça com que o *log-likelihood* reduza menos.

Os diferentes testes de significância se reduzem a uma estatística conhecida como “p”, que é a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira. A hipótese nula afirma que não há efeitos reais nos dados (Sankoff, 1993: 9), que não há relação entre as variáveis independentes e a variável dependente (nesta dissertação, *tu*, *você* e *senhor*). Guy (2007: 32) falando sobre essa hipótese diz o seguinte:

Se essa hipótese tem uma baixa probabilidade de ser verdadeira, digamos 0,05 (...) então se diz que a distribuição observada é estatisticamente significativa. Isso significa que qualquer efeito ou relação sob investigação são, provavelmente, verdadeiros, porque a probabilidade de que o efeito ou relação ocorram por acaso é muito pequena: por volta de 1 em 20...

O valor 0,05 é convencionalmente e largamente usado em ciências sociais como critério de significância no relato de resultados de pesquisas e trabalhos acadêmicos. O nível de significância de 0,05 também é fator fundamental nas pesquisas variacionistas – somente grupos de fatores com nível de significância de até 0,05 são candidatos à seleção. Voltando à

analogia do empresário e seus candidatos ao posto de gerente, 5% é o risco que ele correria de rejeitar um candidato que pudesse ser bom.

Realizamos tanto a análise binária, entre as variantes *tu* e *você*, quanto a ternária com *tu*, *você* e *senhor*. No caso da rodada ternária o programa não seleciona os grupos. Ele dá apenas as frequências e os pesos relativos. Nesse caso, a interpretação dos resultados apresentados pelo programa exige mais do analista.

Todos esses números para dados linguísticos podem parecer pouco adequados, mas essa ferramenta estatística tem se revelado como um elemento poderoso para se fazer uma análise linguística cujos resultados não sejam frutos de uma mera intuição do pesquisador, mas sim resultado de observação e análise sistemática e com o rigor de que a ciência linguística é digna. Vale, no entanto, enfatizar que nosso objetivo não é produzir números, mas sim tentar entender como se configura a alternância dos pronomes de segunda pessoa em Tefé.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo é dedicado à análise dos resultados obtidos através do programa computacional VARBRUL, nas versões de 1988/1992, implementada por Pintzuk (1988) e GoldVarb X de David Sankoff, Sali Tagliamonte, Eric Smith (2005). A razão para a utilização das duas versões deve-se ao fato de a maior parte da análise ser binária com as variantes *tu* e *você*, e parte ser ternária, em que o *senhor* entra como uma terceira variante da variável dependente.

A análise com as três variantes não tem a mesma dimensão da binária porque o uso do pronome *senhor* é mais especializado gerando alguns contextos de efeito categórico e, conseqüentemente, não permitindo, nesses casos, à análise chegar aos pesos relativos.

Durante a transcrição dos dados, ficou evidente a presença de sujeito nulo, na maioria dos casos sem a possibilidade de identificação do pronome implícito, pois, além do baixo percentual de concordância com o *tu* explícito (3,7%), nos casos de sujeito nulo apenas 1 (um) dado apresentava a desinência verbal canônica de segunda pessoa. Por essa razão codificamos os casos de desinência verbal zero sem pronome explícito para levantarmos o percentual desse aspecto da variação. Listamos a seguir casos de desinência verbal zero sem a concordância canônica (exemplos [33] e [34]), de concordância com o *tu* implícito ([35]) e de concordância com o *tu* explícito ([36] e [37]).

[33] “Mas **TEM** de falá o nome da ota rua”. (M1FU-01)

[34] “se **LEMBRA** quando a gente ficava lá, eu e o...” (M3SU-27)

[35] “Bolo de macaxera é muito bom, bolo de macaxera. Se **QUISERES** aprender...”
(F3SU-28)

[36] “Ela fez também esse outro que **TU FIZESTE**. Eu num fiz em nenhum.”
(M3SU-26)

[37] “**TU FOSTE** promovido pra que série?” (F2SU-18)

Controlamos ainda a forma *cê*, pois várias pesquisas já analisaram o uso dessa variante do *você*. A Tabela 8 mostra a distribuição dos 1213 dados de referência à segunda pessoa.

Tabela 8

Totais de referência à segunda pessoa

	<i>TU</i>	<i>ZERO</i>	<i>VOCÊ</i>	<i>CÊ</i>	<i>SENHOR</i>	<i>TOTAL</i>
N	520	347	278	8	60	1213
%	42,9	28,6	22,9	0,7	4,9	100%

Devido ao baixo uso de *cê*, esses 8 casos foram tratados conjuntamente aos casos de *você*. Os 347 casos de *zero* não foram incluídos nas análises quantitativas pela razão mencionada acima de ser incerto afirmar que pronome estaria implícito na quase totalidade das ocorrências (99,7%), i. e., apenas 1 (um) caso de *zero* apresentou a desinência verbal canônica de segunda pessoa. Como mencionado antes, Ramos (1989: 75) considera que a omissão do pronome beneficia o falante, porque ele não tem que se comprometer com a semântica de poder ou de solidariedade quando não estiver certo de que pronome deve usar. Como a tabela mostra acima, há mais dados de *zero* do que de *você* em nossa amostra o que nos levou a considerar se esse alto uso de *zero* nesta pesquisa está em consonância com o *zero* encontrado por Ramos, apesar de os parâmetros de análise usados nas duas pesquisas serem diferentes.

Consideramos que o *zero* que temos apresenta uma tendência semelhante ao encontrado por Ramos em Florianópolis, por duas razões: a primeira diz respeito aos percentuais de *zero* obtidos no grupo de fatores *grau de intimidade com o interlocutor*. Nas relações íntimas houve 28,2% de uso de *zero* e nas relações não íntimas 71,8%. A outra razão para esta conclusão diz respeito ao resultado do grupo de fatores *tipo de relação com o interlocutor*, pois 60,8% dos zeros foram usados nas relações assimétricas e apenas 39,2% nas relações simétricas. Desta forma, as circunstâncias em que o falante poderia ficar mais indeciso quanto a que pronome usar apresentam índices bem mais altos que as circunstâncias mais confortáveis de uso de pronome de segunda pessoa.

Os pronomes *tu*, *você* e *senhor* constituem, portanto, o grupo de variantes da variável dependente que é analisado em termos de pesos relativos dos fatores nas seções seguintes. Na primeira parte da análise, o programa GoldVarb X seleciona, dentre os grupos de fatores eleitos para a realização desta análise, aqueles estatisticamente significantes em termos de efeito sobre o uso das variantes da variável dependente. Nesta etapa, as hipóteses são confrontadas com os resultados e, quando necessário, são apresentados exemplos a fim de tornar os números linguisticamente mais agradáveis. Dos 1213 dados iniciais, 806 são analisados de forma binária pelo GoldVarb X (520 dados de *tu* e 278 de *você* somados aos 8 casos de *cê*). Na análise ternária, há 865 dados: 520 de *tu*, 286 de *você* e 59 de *senhor* (um dado foi retirado por apresentar contexto de efeito categórico, a saber, um único caso de *senhor* como primeiro de uma série precedido de *senhor*). Estes números podem ser conferidos nas Tabelas 9a e 9b abaixo:

Tabela 9a

Total de dados para as análises binárias

	<i>TU</i>	<i>VOCÊ/CÊ</i>	<i>TOTAL</i>
N	520	286	806
%	64,5	35,5	100%

Tabela 9b

Total de dados para as análises ternárias

	<i>TU</i>	<i>VOCÊ</i>	<i>SENHOR</i>	<i>TOTAL</i>
N	520	286	59	865
%	60,1	33	6,9	100

O exame das três variantes nos permitiu identificar tanto os contextos de invariância, em que os efeitos são categóricos em relação à forma *senhor*, como os contextos em que há variação entre as três formas. Julgamos essa etapa importante, pois o uso dos pronomes de segunda pessoa não estaria descrito completamente na comunidade tefeense se não incluísse o uso do pronome *senhor*. No exemplo [38], um caso que a literatura sociolinguística chama de

super-token, “na circunstância ideal, encontrar-se-á um *super-token*: alternância de variantes pelo mesmo falante em um mesmo trecho de discurso”²⁴ (Tagliamonte, 2006: 96):

[38] “porque **VOCÊ** só tem dez reais, **SÔ** vem e volta, só fica dois reais pra **TU** comprar alguma coisa.” (F2FU-12)

O exemplo [38], além de demonstrar variação no indivíduo, sugere também uma etapa posterior no processo de gramaticalização da forma *senhor* em relação ao que Menon (2000) já ressaltou classificando-a de pronome de segunda pessoa, assim como Castilho (2010) também o faz em sua Nova Gramática do Português Brasileiro. Essa nova etapa é a mudança da locução constituída pelo *artigo + substantivo – o(a) senhor(a)* para as formas mais gramaticalizadas ‘*sô*’ em lugar de ‘*o senhor*’ e ‘*sora*’ em lugar de ‘*a senhora*’. Essas duas novas formas surgem, à semelhança de *cê*, em contextos mais específicos, como na função de sujeito, com uma certa preferência pelas interrogativas, e não ocorrem como complemento de preposição, os exemplos [39] e [40] ilustram a questão, ou como objeto de verbo. Esta configuração da forma *sô* (precisa ser analisada futuramente, pois precisamos de mais dados da mesma) tem o mesmo perfil da forma *cê* analisada por Andrade (2004) no Distrito Federal.

[39] “...se um dia a **SENHORA** deixasse o papai, mãe. **SORA** me perdoe e me desculpe, mas eu ia com o papai,...” (F3SU-30)

[40] “...**SÔ** sabe onde é a rua Emaús ali na rua pra pegar a AABB ali?” (M2FU-09)

4.1 Grupos de fatores selecionados

A alternância dos pronomes de segunda pessoa já se mostrou ser um fenômeno linguístico bastante influenciado por fatores sociais. Por essa razão elegemos seis grupos de fatores sociais (externos) e três grupos linguísticos (internos) com o objetivo de verificar que nível de influência os mesmos têm na escolha das variantes. Houve ainda outros grupos criados apenas para controle dos dados, como um grupo para controlar os falantes e outro para verificar a concordância com o *tu*.

²⁴ No original: “In the ideal situation you will find a ‘super-token’: alternation of variants by the same speaker in the same stretch of discourse.”

A concordância nos dados de *tu* é muito baixa, da ordem de apenas 3,7%. Além disso, dos sistemas em que o *tu* é predominante, o sistema de Tefé parece ser aquele que apresenta o índice mais alto de uso de *você*.

Fatores Sociais selecionados:

- a) Grau de intimidade com o interlocutor;
- b) Faixa etária;
- c) Tipo de gravação;
- d) Gênero do falante.

Fatores Linguísticos selecionados:

- a) Paralelismo;
- b) Tipo de referência

4.1.1 Fatores sociais

Dos fatores sociais: gênero, escolaridade, faixa etária, tipo de relação entre interlocutores, tipo de gravação, grau de intimidade, apenas o tipo de relação entre os interlocutores apresentou efeito categórico de *senhor* em relação assimétrica, não havendo nenhum caso desta forma pronominal em relações simétricas. Este resultado revela um uso diferenciado daquele encontrado por Soares (1980), em Fortaleza-CE, em que as três formas se alternam no plano da simetria (c.f. capítulo 3). Os demais trabalhos resenhados no capítulo 2 não examinaram este aspecto da relação entre interlocutores.

Estipulamos o uso de *tu* como *aplicação de regra* em todas as rodadas binárias. Os resultados a seguir apresentam as frequências absolutas (número total da variante tratada), as frequências relativas (percentagens) e os pesos relativos associados a este pronome calculados pelo Varbrul; os resultados do pronome *você* podem ser deduzidos a partir destes mesmos números. Nas tabelas de análise ternária, apresentamos conjuntamente as três variantes e seus respectivos resultados.

4.1.1.1 Grau de intimidade com o interlocutor

Esta variável foi definida pelos fatores *íntimo* e *não íntimo* e foi a primeira variável social selecionada pelo programa Varbrul. Foram considerados como *íntimos* os familiares e

amigos do interlocutor e *não íntimos* foi o grau atribuído aos estranhos e conhecidos apenas de nome (característica comum em cidades com a população de Tefé). Nossa hipótese, com base na semântica de solidariedade (Brown & Gilman, 1960) e no resultado de pesquisas como (Soares, 1980; Dias, 2007; Mota, 2008), era de que a intimidade favorecesse o *tu* e desfavorecesse *você* e *senhor*.

Abaixo relacionamos alguns trechos de interações entre interlocutores com diferentes graus de intimidade:

a) íntimos:

[41] – (conversa entre duas irmãs)

“O que **TU** fazia lá?” (F1FU-06)

“Nada. Comia, dormia e acordava de novo, aí dormia de novo...” (F2SU-16)

“Só isso? Comia, dormia, acordava? **TU** num estudava não?” (F1FU-06)

b) não íntimos:

[42] – (conversa entre dois jovens, conversando pela primeira vez)

“**VOCÊ** bebe?” (M2SU-15)

“Eu? Bebo.” (F2SU-17)

“Será que **VOCÊ** num tava ligada?” (M2SU-15)

O resultado na Tabela 10 em rodada binária entre *tu* e *você* confirma nossas expectativas e mostra que esse grupo de fatores é vigoroso para explicar o uso de *tu*.

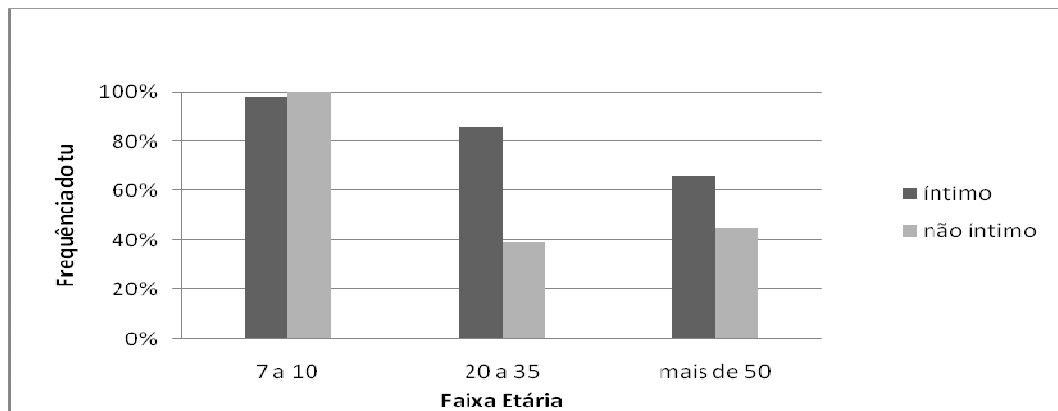
Tabela 10
Uso de *tu* em função do grau de intimidade dos interlocutores

<i>Grau de intimidade dos interlocutores</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Íntimo</i>	348/430	80,9	0,59
<i>Não íntimo</i>	172/376	45,7	0,39
TOTAL	520/806	64,5	

Como a Tabela 10 demonstra, a intimidade favorece o uso de *tu*, com peso relativo de 0,59 com uma frequência alta de quase 81%. Não intimidade desfavorece o seu uso com peso relativo de 0,39. Esses números eram mais extremados no nível 1 da rodada binária: o fator *íntimo* iniciou com peso relativo de 0,68, favorecendo mais intensamente o uso de *tu*, e o fator *não íntimo* apresentava um peso relativo de 0,30. Quando, em níveis subsequentes do processo de *step-up*, as variáveis *paralelismo*, *tipo de gravação* e *faixa etária* agem conjuntamente com o *grau de intimidade dos interlocutores* a diferença nos pesos relativos diminui.

Apesar de percentagens e pesos relativos estarem na mesma direção, após realizarmos alguns cruzamentos encontramos que a faixa etária 1 tem um comportamento digno de nota. Essa observação foi baseada em Tagliamonte (2006), em que a autora sugere que se comparem os pesos relativos e as frequências relativas e, entre as possíveis ações em busca de esclarecimentos, está a realização de tabulação cruzada. Uma dessas tabulações reveladoras foi a que reproduzimos abaixo no Gráfico 1.

Gráfico 1

Uso de *tu* em função do cruzamento entre faixa etária e grau de intimidade

Pelo gráfico acima, a faixa etária de 7 a 10 anos apresenta uso quase que categórico do pronome *tu* independente do grau de intimidade com o interlocutor, enquanto que as outras duas faixas etárias mais altas se comportam de maneira diferente, pois nos relacionamentos não íntimos as duas faixas etárias desfavorecem o uso de *tu*. O comportamento diferenciado dos mais jovens deve-se ao fato desta faixa etária não ter apresentado uso de *você* nos relacionamentos íntimos. Nossos resultados, em relação aos mais jovens, não são conclusivos, pois julgamos ser necessário ampliar a amostra especificamente nesta faixa etária. No entanto, há uma tendência clara de um uso bem vigoroso do *tu* independente do grau de intimidade com o interlocutor, na faixa etária de 7 a 10 anos. É importante lembrar que na faixa de 7 a 10 anos estes falantes ainda não atingiram a plenitude linguística em termos estilísticos.

Na rodada ternária, incluindo-se o *senhor*, a direção da alternância é: em um extremo está o *tu* com 0,51 de peso relativo nos relacionamentos íntimos e no outro o *senhor* com 0,17, sendo desfavorecido, portanto, pela intimidade dos interlocutores; o pronome *você* manteve-se numa posição de neutralidade com peso relativo de 0,33.

Esses resultados apresentam uma direcionalidade semelhante aos resultados encontrados por Menon (2000), em que o *senhor* apresenta o traço (-íntimo), *tu* (+íntimo) e *você* tem uma posição intermediária. Ramos (1989) e Soares e Leal (1993) não testaram estes fatores. Apesar de Soares e Leal, em Belém, terem analisado o tratamento entre pais e filhos, não há dados de situações não íntimas. Em Fortaleza, Soares (1980) encontrou resultado semelhante aos apresentados aqui também em termos de direcionalidade indo do pronome

senhor (deferencial, não-íntimo), seguido de *você* (não-deferencial, não-íntimo) e depois o *tu* (não-deferencial e íntimo). Dias (2007) conclui que o tipo de relacionamento que mais favorece o uso de *tu* é o de amigo íntimo ou familiar ou pelo menos na fala direcionada a todos com pelo menos um amigo íntimo presente.

Sobre o exposto acima, podemos concluir que o fator intimidade é fundamental na explicação da alternância dos pronomes de segunda pessoa no PB.

4.1.1.2 Faixa Etária

A mudança linguística é um dos objetos centrais dos estudos variacionistas e inclui um aspecto que tanto a Linguística de Saussure quanto a de Chomsky deixam fora na análise linguística, que é o seu contexto social. Saussure (2001: 13) estabeleceu que uma das tarefas da Linguística é “procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas”. Pena que ele excluiu as forças externas, mas Labov (2008:13-21) advoga que, além do linguístico, devemos incluir a maneira como as línguas estão inseridas na sociedade se quisermos explicar quais forças agem sobre ela.

A faixa etária é um dos fatores que pode revelar mudança linguística, e as duas formas de se estudar a mudança são através dos estudos em *tempo aparente* e em *tempo real*. O estudo em tempo aparente se refere à observação de falantes de diferentes faixas etárias em um recorte sincrônico, enquanto que a de tempo real estuda, por exemplo, os mesmos falantes em épocas diferentes.

De acordo com Naro (2003: 44), a hipótese de que a aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade é aceita pela maioria dos linguistas. Para Labov (2008: 168) a familiaridade completa com as normas da comunidade parece ser atingida por volta dos 17 ou 18 anos e a capacidade de empregar formas consideradas de prestígio parece iniciar aos 16 ou 17 anos. Sendo assim, consideramos que alguma diferença marcante entre os falantes da faixa etária mais jovem com as demais faixas etárias pode sinalizar alguma possível mudança nas formas de referências entrando na comunidade como reflexo de mudanças estruturais na sociedade, mas não estamos descartando a possibilidade de as eventuais diferenças serem apenas relativas às diferenças de faixa etária que se repetem a cada geração, sem revelarem necessariamente mudança em progresso (Labov, 1994: 46).

Os 30 informantes desta pesquisa foram divididos em três faixas etárias, mas não de forma completamente uniforme em virtude de a faixa etária 1 (7-10 anos) não possuir nenhum falante de nível superior, sendo composta por apenas 6 falantes; as duas outras faixas etárias (20-35 anos e + de 50 anos) possuem 12 falantes cada, 6 com nível fundamental (até cinco anos de estudo) e 6 com nível superior.

O recorte da faixa etária em blocos discretos foi motivado por i) os informantes de 7 a 10 anos terem nascido depois da chegada da brigada em Tefé em 1993, ii) a faixa etária de 20 a 35 anos nos permite encontrar falantes com nível superior pertencentes a uma geração diferente das faixas etárias extremas. Os falantes de mais de 50 anos em nossa pesquisa estão na faixa de 51 a 85 anos e representam os falantes que a literatura linguística atesta como mais conservadores.

A faixa etária foi a terceira variável social selecionada pelo programa VARBRUL como favorecedora do uso de *tu* em Tefé. Tínhamos a hipótese de que o *você* estaria se fortalecendo na comunidade e sua via de entrada fosse pela faixa etária de 7 a 10 anos por ser a idade que teria recebido maior influência dos moradores vindos de outras regiões do país, os militares e seus familiares, e, também, da televisão. Tínhamos a expectativa de que as faixas etárias 2 e 3 apresentassem um uso mais ou menos semelhante com um ligeiro domínio do uso de *tu* pelos falantes de mais de 50 anos. Na rodada com as variantes *tu* e *você* encontramos os resultados expostos na Tabela 11a e com as três variantes os resultados da Tabela 11b.

Tabela 11a
Faixa etária do falante e uso do *tu*

<i>Faixa Etária</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	<i>N</i>	<i>%</i>	
7 a 10	59/60	98,3	0,95
20 a 35	274/396	69,2	0,52
+ de 50	187/350	53,4	0,36
TOTAL	520/806	64,5	

Tabela 11b
Uso dos pronomes *tu*, *você* e *senhor* por faixa etária

<i>Faixa Etária</i>	<i>Tu</i>			<i>Você</i>			<i>Senhor</i>		
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
7 – 10	59	83	0,58	1	1	0,07	11	15	0,34
20 – 35	274	67	0,26	122	30	0,53	12	3	0,20
+ de 50	187	48	0,14	163	42	0,55	36	9	0,30
Total	520	60		286	33		59	7	

Note-se que a distribuição dos dados não está tão equilibrada quanto o ideal em relação à **faixa etária mais jovem**, resultado do número menor de falantes (a metade). Mesmo assim, os resultados mostram que a faixa etária mais jovem tem efeito fortemente favorecedor sobre o uso de *tu* em nossa amostra, com peso relativo de 0,95 (Tabela 11a) e 0,58 (Tabela 11b). Tanto as frequências relativas quanto os pesos relativos estão acima de suas respectivas médias. Como mencionado na seção anterior, os mais jovens quase não apresentam uso do pronome *você* em seu repertório linguístico e, observando-se a Tabela 11b, percebe-se o quanto esta faixa etária tem um efeito fortemente desfavorecedor sobre o uso de *você*.

A **faixa etária de 20 a 35 anos** tem um efeito intermediário de 0,52 na alternância *tu/você* e desfavorecedor de 0,26 quando se leva em conta a alternância ternária. Mas é importante destacar que há uma diferença de quase 20 pontos percentuais entre homens e mulheres aqui, como mostra a seção sobre o gênero.

A **faixa etária de mais de 50 anos** é um fator que desfavorece fortemente o uso de *tu* (0,36 na análise binária, e 0,14 na ternária), favorece o uso de *você* e tem efeito intermediário sobre o uso de *senhor*. Essa conclusão pode ser observada nas tabelas 11a e 11b: os percentuais de *tu* estão sempre abaixo da média global em mais de 10 pontos percentuais e em relação ao *você* estão sempre acima, o mesmo acontecendo com os pesos relativos.

Esses resultados apontam para duas possíveis interpretações: uma, a de que está havendo uma mudança, e vigorosa, não como prevíamos de *tu* → *você*, mas sim no sentido de

tu → *+tu*, *i. e.*, o *tu* está se intensificando via faixa etária mais jovem. Atribuímos essa mudança no sistema linguístico a mudanças na configuração social, especialmente no comportamento familiar, pois percebemos em Tefé as gerações mais jovens muito mais inclinadas a uma melhor aceitação de um relacionamento familiar com base na semântica de solidariedade do que as gerações anteriores. De forma semelhante, se houve, a influência dos militares foi no sentido de fortalecimento do *tu*. Sem necessariamente eliminar essa primeira interpretação, a outra explicação possível é a de que os resultados indicam que o *tu* sempre foi de fato nativo e se revela na fala das crianças - em que as nuances estilísticas que envolvem o uso de *você* ainda não foram adquiridas. Essa segunda explicação não elimina a postura observada nas famílias, e, assim, podemos concluir que é bem possível que esteja havendo uma mudança no sistema pronominal de Tefé.

De acordo com Labov (2008: 168), dos 4 aos 13 anos mais ou menos, o padrão de fala da criança é dominado e regulado pelo grupo pré-adolescente com quem ela interage. Assim, como o contato local é muito mais intenso do que os possíveis contatos com falantes de outros sistemas pronominais, a linguagem que predomina nos meios de comunicação parece não interferir na linguagem das crianças em relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa. De acordo com informações colhidas com moradores, a presença dos militares e o contato dos filhos destes com as crianças tefeenses foi mais intenso nos primeiros anos da brigada em Tefé (ainda na década de 1990). Nos dias atuais, parte dos filhos dos militares estuda na própria brigada, não tendo assim tanto contato com as crianças locais, e uma parte importante do grupo de militares vem de regiões (Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) onde o sistema pronominal tem o *tu*, seja respectivamente em uso variável com o *você* ou em uso predominante. Assim, o uso de *tu* parece se manter robusto e sem tendência à mudança para o sistema *você* quando se leva em conta o grupo de fatores *faixa etária*.

Essa variável é, pois, importante para a explicação do uso de *tu* em Tefé, assim como em diversas pesquisas que abordam este mesmo fenômeno.

Juntando os grupos de fatores *faixa etária*, *grau de intimidade com o interlocutor* e *tipo de relação entre interlocutores* em um único grupo, podemos perceber algumas nuances que os grupos individualmente não revelam. Em relação ao pronome *senhor*, podemos perceber que as crianças e os adultos de 20 a 35 anos não fizeram uso deste pronome nas relações assimétricas íntimas, no entanto, devemos destacar o tratamento dado pelas crianças aos pais que, apesar de poucos dados, era sempre feito com o pronome *tu*. Já entre os adultos

de 20 a 35 anos não houve interação com os pais e, assim, não se sabe que tratamento seria dado. Estes resultados estão na Tabela 12 abaixo:

Tabela 12

Uso de *tu*, *você* e *senhor* por faixa etária, grau de intimidade com o interlocutor e tipo de relação entre interlocutores

	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Senhor</i>		<i>TOTAL</i>
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	
Criança (7-10), íntimo, simétrico	33	97	1	3	-	-	34
Criança (7-10), íntimo, assimétrico	6	100	-	-	-	-	6
Criança (7-10), não íntimo, simétrico	1	100	-	-	-	-	1
Criança (7-10), não íntimo, assimétrico	19	63	-	-	11	37	30
Adulto (20 – 35), íntimo, simétrico	176	89,8	20	10,2	-	-	196
Adulto (20 – 35), íntimo, assimétrico	42	73,7	15	26,3	-	-	57
Adulto (20 – 35), não íntimo, simétrico	43	42,6	58	57,4	-	-	101
Adulto (20 – 35), não íntimo, assimétrico	13	24,1	29	53,7	12	22,2	54
Adulto (+ de 50), íntimo, simétrico	61	70,9	25	29,1	-	-	86
Adulto (+ de 50), íntimo, assimétrico	30	46,2	21	32,3	14	21,5	65
Adulto (+ de 50), não íntimo, simétrico	45	40,2	67	59,8	-	-	112
Adulto (+ de 50), não íntimo, assimétrico	51	45,5	50	40,7	22	17,9	123

É necessário dizer que só há 1 criança em relação assimétrica íntima e 1 na relação simétrica não íntima. Há 4 crianças em cada uma das outras duas circunstâncias (simétrica íntima e assimétrica não íntima).

Os resultados em relação à faixa etária mais jovem (como o exemplo [43]) foram confirmados em vários dados de observação participante (como os exemplos [44] e [45]) colhidos após a realização das gravações. Nestes casos, sem controle exato da faixa etária e escolaridade. Veja alguns exemplos abaixo:

[43] - conversa entre mãe (F2SU-18) e filho (M1FU-02)

(F2SU-18): Quando?

(M1FU-02): Fevereiro.

(F2SU-18): Com quem que **TU** vai?

(M1FU-02): Eu vô... **TU** fica de férias?

[44] – filha (15 anos) para a mãe (quarenta e poucos anos), dado colhido em comércio da cidade.

(filha): mãe, **TU** tem trocado pra dá o troco dele aqui?

[45] – filho (cerca de 10 anos) para o pai (em torno de 50) praticando caminhada.

(filho): pai, **TU** viu aquela mulher ali o que ela tava fazendo?

Em conversas informais alguns adolescentes me confessaram que chamavam os pais de *tu*. Entre eles uma adolescente, 17 anos, confessou que usava *tu* com a *mãe*, mas com o pai só o tratava de *senhor*. O uso de *senhor* por esta faixa etária ficou restrito aos interlocutores assimétricos, não íntimos.

O uso de *tu* entre crianças e adolescentes merece um estudo exclusivo, pois aventamos a hipótese de que pode estar se configurando uma mudança de tratamento entre pais e filhos (tios e sobrinhos, etc) de:

senhor ↔ *tu* para um sistema *tu* ↔ *tu*

Em que os filhos (sobrinhos, etc) dão *senhor* e recebem *tu* e na nova configuração este tratamento passa a ser igual em ambas as direções com o pronome *tu*.

As expectativas que tínhamos não se confirmaram e os resultados mostram que os pronomes *tu* e *você* têm direções opostas em relação à idade em Tefé: o uso de *tu* aumenta com a diminuição da idade e o uso de *você* diminui. Observamos, no entanto, que a terceira faixa etária revelou um comportamento diferente de acordo com o tipo de gravação; na gravação consciente, esta faixa etária usou mais o *você* que o *tu*, já na gravação oculta seguiu a tendência geral das demais idades de uma maior opção pelo uso de *tu*, confirmando o que algumas outras pesquisas já alertaram sobre a metodologia de coleta de dados sobre pronomes de segunda pessoa. Uma das questões de caráter metodológico que os trabalhos de cunho variacionista sobre pronomes de segunda pessoa precisam considerar diz respeito à coleta de

dados, pois como Paredes e Silva (2003), Lucca (2005) e Lopes (2009) comprovaram é que as gravações nos moldes labovianos de entrevista com o gravador, a depender da comunidade, não conseguem captar o *tu* com a eficiência desejada. Em nosso caso, apesar de não termos encontrado uso categórico de *você* nas entrevistas conscientes, o uso de *tu* foi bem mais contundente nas entrevistas ocultas. Desenvolvemos em mais detalhes este assunto na seção a seguir.

4.1.1.3 Tipo de gravação

O grupo de fatores tipo de gravação surgiu como uma necessidade de se testar o *quantum* que as gravações de entrevistas conseguem captar do vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (Labov, 2008: 244). Como mencionado acima, a metodologia de coleta com entrevista e gravador pode não ser a melhor opção para se obter os dados de pronome de segunda pessoa, porque, em se tratando do pronome *tu*, um pronome mais íntimo e mais informal, o contexto de entrevista inibe a sua produção nas comunidades linguísticas que têm um sistema ternário como a cidade de Tefé, por exemplo. Paredes Silva (2003) analisou o banco de dados do projeto PEUL/UFRJ e descobriu que, de um total de 64 entrevistas (projeto *Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro*), do início da década de 80, e outras entrevistas gravadas em 1989-1990 (*Banco de Dados Interacionais*), com formatos diferentes de abordagem dos entrevistados ou participantes, mas com a característica comum de os participantes saberem que estavam sendo gravados, o número de ocorrências da variante *tu* era insignificante. Após essa constatação, foi constituído um novo *corpus* com a estratégia de gravar a fala do participante sem que este soubesse que estava sendo gravado, só sendo informado da gravação no fim da abordagem: os participantes que não concordaram com o uso da entrevista para a pesquisa tiveram suas gravações desfeitas. Após comparar os resultados dos três *corpora*, ficou evidente a diferença de resultados. Reproduzimos na Tabela 13 os resultados de Paredes Silva.

Tabela 13
Distribuição dos pronomes de 2ª pessoa de acordo com Paredes Silva (2003)

	<i>Censo-PEUL</i>	<i>BDI-PEUL</i>	<i>Paredes96</i>
Você	644=94%	168=97%	133=35%
Tu	42=6%	5=3%	235=65%
Total	686	173	368

Fonte: Paredes Silva (2003: 164), com adaptações

Como se pode observar na Tabela 12 o percentual de *você* caiu consideravelmente no *corpus* Paredes96 e o *tu*, por outro lado, aumentou sensivelmente.

Falando sobre as diferentes situações contextuais de abordagem dos informantes, chamadas de estilos, o próprio Labov (2008: 116) admitiu a dificuldade de se conseguir captar o vernáculo durante as entrevistas:

(...) somos forçados a reconhecer as limitações de nossos outros métodos de elicitación do vernáculo: pelo menos com alguns falantes, nossas melhores técnicas dentro da situação de entrevista levarão a pessoa até metade do caminho no rumo de vernáculo, mas não há garantia de que tenhamos coberto a maior parte da distância. Definimos uma direção, mas não o destino.

Sabemos que a gravação oculta não é um método, como dissemos antes, ortodoxo. Bortoni-Ricardo (2005) critica o uso deste procedimento, com quem concordamos, porque não se fundamenta na ética que deve embasar qualquer pesquisa científica, ainda que esses dados, quando usados, tenham passado pelo consentimento dos participantes. A pergunta então é, por que adotamos tal método aqui? Para i) verificarmos se o formato atual de coleta de dados nas pesquisas variacionistas é adequado para o estudo das referências de segunda pessoa, comparando os resultados de gravações nas quais os informantes estão conscientes com aquelas que foram feitas sem esse conhecimento, ii) refletirmos sobre a necessidade da aplicação de novas formas de abordagem no levantamento de *corpora* em diferentes fenômenos linguísticos para que não se corra o risco de se apresentar resultados que não retratem adequadamente a comunidade investigada.

O tipo de gravação foi a segunda variável social selecionada pelo Varbrul e, de acordo com nossas expectativas, esse grupo de fatores revelou que a gravação consciente inibe o uso da forma *tu* e favorece a forma *você*. Das dezenove entrevistas que compõem o *corpus* constituído em Tefé, 3 delas foram feitas em forma de conversa informal sem que o

informante soubesse que estava sendo gravado, e metade de uma quarta entrevista foi gravada também de forma oculta. As três entrevistas primeiras foram realizadas por pessoas que se conheciam: uma foi entre dois amigos mesma faixa etária (homem e mulher), outra entre duas irmãs (faixas etárias diferentes) e a terceira entre dois conhecidos que trabalham com informática. A quarta entrevista, com a primeira parte oculta e a segunda consciente, foi realizada entre conhecidos, mas não íntimos. Assim, o número de entrevistas ocultas foi bem menor que o de entrevistas conscientes e, conseqüentemente, apresentou menos dados que esta. Os resultados podem ser vistos na Tabela 14.

Tabela 14
Uso do *tu* em gravações conscientes e ocultas

<i>Tipo de Gravação</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	<i>N</i>	<i>%</i>	
Consciente	354/623	56,8	0,41
Oculto	166/183	90,7	0,78
TOTAL	520/806	64,5	

Não será apresentado o resultado de análise com o pronome *senhor*, porque nas gravações feitas em oculto os informantes estavam em relação simétrica com seus interlocutores, situação em que o *senhor* não aparece em nosso *corpus*.

De acordo com a Tabela 14, observamos que a diferença probabilística é considerável entre a gravação consciente (0,41) e a gravação oculta (0,78) mostrando a robustez desta variável para explicar o uso do *tu* tefeense.

Uma das entrevistas revela um aspecto digno de nota em relação à metodologia de coleta, entrevista. A entrevista foi realizada na casa da participante, porém antes do início da entrevista houve um momento de conversa mais informal, sobre assuntos diversos e este momento foi gravado. Num segundo momento, foi anunciada a entrevista utilizando-se um gravador. No primeiro momento de gravação, oculto, a informante usou o 80% de *tu* (33 dados) e 20% de *você* (8 dados), entretanto, na segunda parte da gravação, com a informante consciente de que estava sendo gravada, 83% (31 dados) dos pronomes que ela usou foi com a forma *você* e 17% (6 dados) com a forma *tu*. Na primeira parte, em que prevaleceu o *tu*, 75%

(21 dados) das referências genéricas foram feitas com o pronome *tu*, enquanto que na segunda parte 100% (17 dados) das referências genéricas foram feitas com o *você*. O resultado dessa informante precisava ser comparado com as outras entrevistas do corpus para podermos verificar se era uma tendência geral ou um caso particular fora do padrão do grupo.

Efetuamos, então, o cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de gravação* e *tipo de referência* e o resultado com as demais entrevistas tem uma mesma direção. O Gráfico 2 e a Tabela 15 mostram que a interseção desses dois grupos, o primeiro social e o segundo linguístico, revela que a gravação oculta favorece o *tu* no geral.

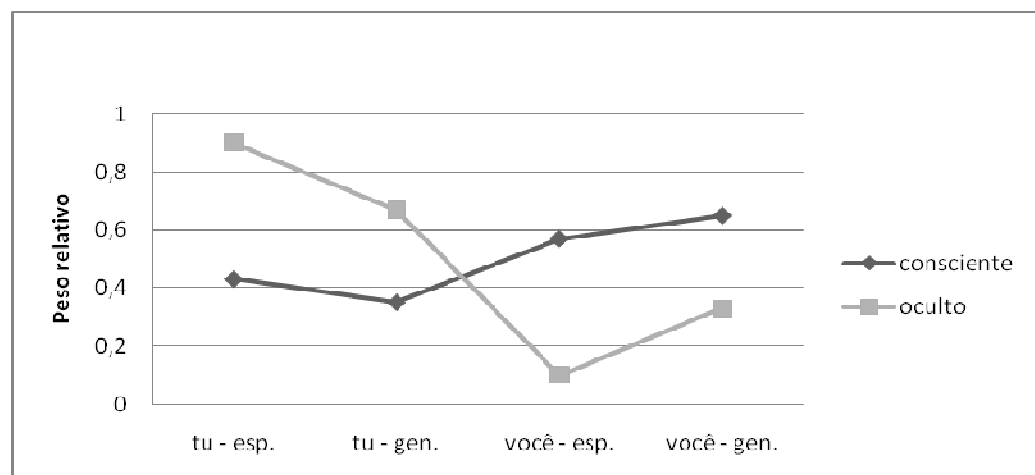
Tabela 15

Uso do *tu* nas referências específicas e genéricas de acordo com o tipo de gravação

<i>TIPO DE GRAVAÇÃO</i>	<i>TIPO DE REFERÊNCIA</i>			
	Genérica		Específica	
	%	P.R.	%	P.R.
Consciente	38	0,35	69	0,43
Oculto	85	0,67	97	0,90
<i>Nº</i>	186		334	

Gráfico 2

Uso do *tu* e *você* nas referências específicas e genéricas de acordo com o tipo de gravação



Na rodada com uma nova codificação reunindo em um único grupo de fatores o *tipo de gravação* e *tipo de referência*, os fatores *referência genérica* e *referência específica* com o *tu* nas *gravações ocultas* apresentaram pesos relativos de 0,67 e 0,90, respectivamente, mostrando que o uso de *tu* nas gravações ocultas é favorecido independentemente do tipo de referência, exacerbado na referência específica (0,90), o que mostra também o efeito do tipo de referência. A gravação consciente, por outro lado, desfavorece o *tu* (0,35) e, complementarmente, favorece o *você* (0,65), como também mostra a Gráfico 2, mas esse efeito é um pouco mais evidente nas referências genéricas (0,35) do que nas específicas (0,43). Assim, percebe-se a mesma tendência de resultado entre a entrevista realizada com a mesma falante (em um momento oculto e em outro consciente) com os resultados das outras entrevistas (ocultas e conscientes) realizadas com os demais informantes.

Uma contribuição importante da Sociolinguística Interacional para a análise deste comportamento diz respeito à percepção da mudança de enquadres interativos, da conversa pré-entrevista e sem o gravador para o momento entrevista, em que houve também a alteração do alinhamento (*footing*) entre os interlocutores, um assumindo o papel de entrevistador e outro de entrevistado. A percepção dessa alteração, que nem sempre é linguística, pode trazer luz ao entendimento do comportamento de padrões linguísticos que nem sempre a análise quantitativa apreende.

Nas gravações ocultas, houve participantes de todas as faixas etárias, 1 da faixa etária mais jovem, 2 da segunda faixa etária, e 2 da última faixa etária. Nesses esses casos, os quais incluíam os dois gêneros (exceto a faixa etária mais jovem com apenas um falante) o percentual de *tu* foi acima de 80%, e dois deles com uso categórico de *tu*. Esse resultado indica que há uma clara alteração entre a fala menos monitorada, que Labov chamou de vernáculo, e a fala utilizada nas entrevistas, pois tanto as frequências quanto os pesos relativos apontam para a mesma direção de que a gravação oculta favorece o *tu*, e a consciente o desfavorece.

Labov (2008) quando falou sobre os estilos contextuais definiu o estilo casual como sendo característico de um contexto informal e que uma das três ocasiões de entrevistas em que a fala casual pode ocorrer é antes que se inicie a entrevista propriamente ou depois que o gravador é desligado. Essa reconhecida dificuldade de se captar o vernáculo merece, certamente, mais discussão e consideração metodológica. Quando Labov (2008: 244) afirma que “a única maneira de [se] obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a

entrevista individual, gravada”, estabelece um meio de coleta bastante produtivo para os estudos sociolinguísticos variacionistas, mas que, com o tempo e o aumento de pesquisas sobre diferentes fenômenos linguísticos, começa a apresentar limitações na obtenção dos chamados bons dados, neste caso específico, dos pronomes de tratamento de segunda pessoa ou, melhor dizendo, da variante de segunda pessoa que tende a ocorrer em situações solidárias. Estas observações não têm a pretensão de desqualificar o que foi feito aqui e alhures nas coletas de dados sobre pronomes de segunda pessoa, mas, ao contrário, a reflexão que aqui se faz tem apenas o intuito de compartilhar com outros, que se aventuram na rica experiência de coletar dados e analisá-los, a sensação de que talvez precisemos dar um passo a mais na metodologia de coleta de dados.

Para uma ampliação desse trabalho no futuro, temos indícios nesses resultados de que seja produtivo controlar os gêneros discursivos e, na medida do possível, obter dados de um mesmo falante na produção de diferentes gêneros, tais como, receita, instruções, exemplificações, etc.

4.1.1.4 Gênero do falante

Nossa hipótese inicial em relação ao gênero era de que os homens usassem mais o *tu* que as mulheres e estas usassem mais o *você* que os homens, pois as formas de maior prestígio social tendem a predominar na fala feminina, como a literatura sobre variação linguística tem mostrado por algumas décadas. Somado a isso, algumas pesquisas sobre os pronomes de segunda pessoa (Paredes e Silva, 2003; Lucca, 2005; Dias, 2007) confirmam essa expectativa; no entanto, essa diferença não seria expressiva, pois baseando-nos em observações iniciais tínhamos a percepção de que a preferência pelo *tu* era generalizada e independia do gênero do falante; como o *tu*, em geral, é usado sem a marca canônica de segunda pessoa, sustentávamos a hipótese de que haveria uma avaliação menos positiva deste pronome do que a atribuída à forma *você*, daí a hipótese de a mulher usar mais o *você* que o homem.

Em conversa com uma tefeense, nível superior, cerca de 30 anos, esta afirmou que só usava o *tu* com a concordância verbal plena de segunda pessoa, pois achava “feio falar errado”. Momentos depois, no entanto, em conversa com outra mulher mais jovem (por volta dos vinte anos), aquela produziu o seguinte trecho “quando chega lá, que **TU** abre a porta...”. Os resultados expostos nas Tabelas 16 abaixo e 18 refutam nossa hipótese e seguem a

tendência encontrada no sul do país (Ramos, 1989; Loregian-Penkak, 2004) quanto ao uso de *tu*, em que o percentual feminino de uso do pronome *tu* é mais alto que o dos homens.

Tabela 16
Uso de *tu* por gênero do falante

<i>Gênero</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Masculino</i>	258/435	59,3	0,42
<i>Feminino</i>	262/371	70,6	0,58
TOTAL	520/806	64,5	

O gênero do falante foi o último dos quatro grupos de fatores sociais selecionados e revela a mesma tendência comprovada por Loregian-Penkak (2004) em cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, de que as mulheres usam mais o *tu* que os homens. Os pesos relativos indicam que o gênero feminino favorece o uso de *tu* na cidade de Tefé e o masculino tem efeito relativo oposto de desfavorecer o uso dessa variante. Alguns cruzamentos foram efetuados entre o gênero e outros grupos de fatores para descrever melhor essa diferença; entre estes, os dois resultados mais reveladores foram os feitos entre o *gênero* e o *grau de intimidade do falante com o interlocutor* e *gênero e faixa etária*.

No primeiro cruzamento, homens e mulheres apresentam exatamente o mesmo percentual de *tu*, 81%, contra 19% de *você*, nos relacionamentos íntimos; já nos relacionamentos não íntimos há uma diferença vigorosa entre os dois gêneros, a Tabela 17 revela os números.

Tabela 17
Uso do *tu* cruzando-se os grupos de fatores *gênero* e *grau de intimidade do falante com o interlocutor*

	<i>Íntimo</i>			<i>Não íntimo</i>			<i>Total</i>	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Homens	187	81	0,57	71	34,8	0,28	258	49,6
Mulheres	161	80,9	0,60	101	58,7	0,55	262	50,4
Total	348	66,9		172	33,1		520	100

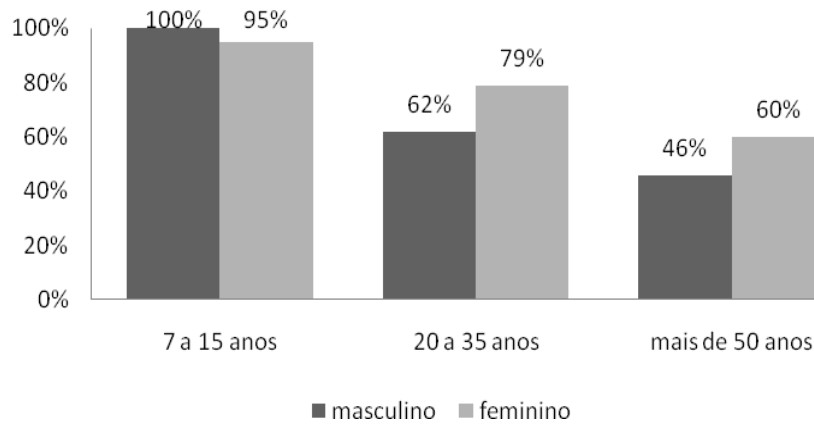
Destacamos acima (em negrito) a preferência por pronomes diferentes nos relacionamentos não íntimos entre homens e mulheres. Nos homens, os relacionamentos não íntimos são fortemente desfavorecedores de uso de *tu* – 0,28 de peso relativo, já nas mulheres este fator tem efeito favorecedor, i. e., mesmo em relacionamentos não íntimos, elas, e não eles, usam mais o *tu*.

Das 15 mulheres participantes na pesquisa, apenas duas usaram mais o *você* que o *tu* e as frequências ainda assim eram muito próximas, já entre os 15 homens, 6 deles usaram mais o *você* que o *tu*, todos eles com diferenças expressivas nos percentuais. Em observações rápidas e anônimas, as quais LABOV (2008: 90) considera “como método experimental mais importante num programa linguístico que toma como seu objeto primeiro a língua usada por pessoas comuns em seus afazeres cotidianos”, o pronome *tu* é a forma mais ouvida no dia a dia²⁵, mas, quando se trata de um estranho, nos primeiros contatos há preferência pelo pronome *você* como se fora um *pronome de contato* para estas ocasiões (desenvolvemos mais esse tema na seção 4.3). Os resultados acima parecem indicar uma mudança em andamento cuja vanguarda está, em parte, sendo ocupada pelas mulheres no sentido de perda da função de contato da forma *você*.

No cruzamento de faixa etária e gênero do falante, pode-se observar no Gráfico 3, abaixo, como tendência geral, um aumento de uso de *tu* à medida que a faixa etária se apresenta como mais jovem, mas esse aumento é bem menos acentuado no caso das mulheres, pois elas iniciam em 60% na faixa etária mais alta e chegam a 95% na faixa etária mais jovem. Os homens, por outro lado, não apresentaram uso de *você*, na faixa etária 1, saindo assim de 100% de *tu* nesta faixa etária para 46% na faixa etária 3. Vale ressaltar que a faixa etária 1 com menos falantes que as outras duas faixas etárias foi a que menos dados produziu. O Gráfico 3 abaixo mostra a relação entre estes dois grupos de fatores.

²⁵ Moro na cidade de Tefé desde de 2001 e tenho observado nos últimos três anos a fala das pessoas em todas as esferas da sociedade tefeense.

Gráfico 3

Uso de *tu* por faixa etária e gênero do falante

Em todas as faixas etárias, com exceção da primeira em que há equilíbrio entre os gêneros quanto ao uso de *tu*, há uma maior preferência pelo *tu* no gênero feminino.

Na rodada com as três variantes, os resultados da forma *senhor*, na Tabela 18, abaixo, revelam que o gênero feminino favorece o uso desta forma com peso relativo de 0,41, enquanto que o gênero masculino com peso relativo de 0,25 desfavorece o seu uso. Essa diferença significativa nos pesos relativos pode ser percebida também através da análise do cruzamento de diferentes grupos de fatores com o gênero em que se percebeu uma tendência de favorecimento da forma *senhor* no gênero feminino.

Tabela 18

Uso de *tu/você/senhor* por gênero do falante

Gênero	<i>Tu</i>			<i>Você</i>			<i>Senhor</i>			Total
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR	
Masculino	258	56	0,31	177	38	0,43	25	5	0,25	405
Feminino	262	65	0,34	109	27	0,24	34	8	0,41	405
Total	520	60		286	33		59	7		865

Tínhamos a expectativa de não haver diferenças significativas no uso de *senhor* por homens e mulheres em virtude de Tefé ser uma comunidade em que a semântica de poder parecia prevalecer sobre a semântica de solidariedade nas relações assimétricas. A variável *tipo de relacionamento entre interlocutores* não foi selecionada pelo programa e não foi

possível fazer uma rodada com pesos relativos entre as três variantes (*tu*, *você* e *senhor*), porque a variante *senhor* tem uso categórico no *tipo de relacionamento* (esta forma só é usada nas relações assimétricas), dessa forma não ficou claro quem é mais solidário nas relações assimétricas, se os homens que usam menos *senhor* e dão preferência pelo *você*, ou as mulheres que usam um pouco mais a forma *senhor*, mas dão mais preferência pelo *tu*.

Encerramos a discussão dos fatores sociais remetendo o leitor à seção 4.3 sobre o pronome *você*, não submetida ao programa estatístico e cujo uso não é facilmente detectado. Trata-se do que chamamos de pronome de contato.

4.1.2 Fatores linguísticos

Os grupos de fatores linguísticos, ou variáveis linguísticas, permitem testar quais influências internas podem estar contribuindo para a configuração, neste estudo, dos pronomes de segunda pessoa. Como mencionado anteriormente, dos quatro grupos de fatores submetidos ao pacote estatístico Varbrul, apenas dois foram selecionados como estatisticamente relevantes para a explicação da alternância sob análise aqui. Nas seções seguintes são discutidos os resultados destes dois grupos: *paralelismo* e *tipo de referência*.

4.1.2.1 Paralelismo

O paralelismo é considerado por Scherre (1998) como uma variável que subjaz a diferentes aspectos do comportamento humano e, entre os tais, está o comportamento linguístico que, em diferentes níveis de análise, tem apresentado o fenômeno da repetição. Scherre afirma que o paralelismo pode ser interpretado através de um só princípio,

(...) um princípio de base cognitiva que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos, formar *blocos* pelas semelhanças formais, que encontra sua atuação maximizada quando atua em conjugação com a função, no sentido mais amplo que se possa atribuir a este termo. (p. 50)

Assim, os critérios para análise desta variável se sustentam na premissa de que a produção linguística de uma série de referências pronominais de segunda pessoa pelo mesmo falante tende a favorecer a repetição do primeiro da série, i. e., em uma série, o primeiro pronome ativará a repetição desta mesma forma em frequência mais alta que o seu uso em situações não precedidas.

Consideramos como série cada bloco de gravação de um falante em que a produção da variável dependente tinha a mesma referência e não estava separada pela fala do entrevistador, com exceção dos casos em que este apenas concorda com o falante sem lhe interromper o fluxo de fala. Controlamos as produções isoladas não precedidas, as isoladas precedidas, o primeiro da série não precedido, o primeiro da série precedido e os não primeiros da série. Abaixo exemplos em série com os pronomes *tu*, *você* e *senhor*.

[46] – (M3SU-25)

“Aí num pode ultrapassar cinco giga. Se ultrapassar os cinco giga, tem um limite de cinco giga, se **TU** ultrapassar, **TU** começa a pagar. Aí **TU** tem de duzentos e cinquenta e seis, ... **TU** paga vinte e nove reais, duzentos e cinquenta e seis mega. Aí se ultrapassar, **TU** começa a pagar.”

[47] – (M2FU-07)

“Num tinha condições, que **VOCÊ** sozinho, **VOCÊ** num tem força pra reagir. Porque o vício, ele é mais forte do que **VOCÊ**.”

[48] – (F3FU-22)

“mamãe, num vá mais estudar não, porque o pessoal fico dizendo que A **SORA** sabe, quando a **SORA** escrever...’ Eu digo, ‘não. Eu sô que nem jabuti, eu sei subir, mas descer eu num sei’”.

Houve a necessidade de se amalgamar alguns fatores para eliminarmos os casos de efeito categórico, o que deixou este grupo com a seguinte configuração:

- a) isolado não precedido;
- b) primeiro da série não precedido;
- c) precedido de *tu*;
- d) precedido de *você*;
- e) precedido de *senhor*.

Desta forma, os isolados precedidos, os primeiros da série precedidos e os não primeiros da série precedidos foram amalgamados nos grupos precedidos (fatores *c*, *d* e *e* acima). De acordo com nossas expectativas, os fatores *a* e *b* acima apresentariam resultados semelhantes à média geral de uso das variantes em questão e teriam efeito neutro sobre a escolha das variantes e as alternativas *c*, *d* e *e* teriam efeito favorecedor sobre o uso das suas respectivas forma pronominais. A Tabela 19a abaixo apresenta os resultados do grupo de fatores *paralelismo* para as variantes *tu* e *você*, tendo como referência o *tu* e a Tabela 19b para as três variantes.

Tabela 19a
Influência do paralelismo sobre o *tu*

<i>Paralelismo</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Isolado não precedido</i>	152/198	76,8	0,58
<i>Primeiro da série não precedido</i>	70/140	50	0,33
<i>Precedido de Tu</i>	229/256	89,5	0,75
<i>Precedido de Você</i>	30/150	20	0,14
<i>Precedido de Senhor</i>	3/6	50	0,44
TOTAL	484/750	64,5	

Tabela 19b
Influência do paralelismo sobre as formas *tu*, *você* e *senhor*

<i>Paralelismo</i>	<i>Tu</i>			<i>Você</i>			<i>Senhor</i>		
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
<i>Isolado não precedido</i>	152	71	0,46	46	21	0,27	17	8	0,26
<i>Primeiro da série não precedido</i>	70	46	0,25	70	46	0,43	11	7	0,31
<i>Precedido de tu</i>	229	89	0,74	27	11	0,20	1	0	0,05
<i>Precedido de você</i>	30	19	0,14	120	78	0,69	4	3	0,16
<i>Precedido de senhor</i>	3	12	0,05	3	12	0,04	20	77	0,90
Total	484	60		266	33		53	7	

O paralelismo foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo pacote estatístico e seu efeito é claramente percebido nas Tabelas 19a e 19b. Na primeira tabela, a realização do *tu* precedido por um outro *tu* é fortemente favorecida com peso relativo de (0,75), enquanto a

sua realização precedida por *você* é bastante desfavorecida (0,14). Os casos precedidos de *senhor* apresentam efeito intermediário (0,44), mas são poucos os dados dessa configuração. O fator *isolado não precedido* está acima da frequência relativa global em um pouco mais de 10 pontos percentuais revelando uma influência favorável deste fator sobre o uso de *tu*, com peso relativo de 0,58. O fator *primeiro da série não precedido* desfavorece está na faixa intermediária de *tu*, com peso relativo de 0,33.

A segunda tabela, com o resultado da rodada com as três variantes, em que o valor de referência considerado neutro pelo programa é 0,33, evidencia novamente a robustez da variável paralelismo. Note-se que as realizações das três formas pronominais são fortemente favorecidas pela presença de uma forma pronominal igual precedente – o *tu* com (0,74), o *você* com (0,69) e o *senhor* com (0,90). Pode-se notar que o primeiro da série não precedido favorece o *você* (0,43) e, relativamente, desfavorece as outras duas formas pronominais (0,27 e 0,31) e o isolado não precedido favorece o *tu* (0,46) e desfavorece as outras duas formas pronominais (0,27 e 0,26).

Esses números nos permitem perceber alguns efeitos que a repetição das formas imprime sobre a configuração pronominal de segunda pessoa:

- a) Considerando-se os números em série de cada forma pronominal (destacados com bordas na Tabela 16b), o mecanismo que aciona as séries está, em nossa amostra, favorecendo a realização do pronome *você*, pois 82,7% das produções deste pronome no grupo de fatores *paralelismo* estão em série, i. e., das 266 (100%) produções do pronome *você*, 220 (82,7%) estão em série, enquanto que os pronomes *tu* e *senhor* apresentam respectivamente 332 (68,5%) e 36 (67,9%) realizações em série. Nossa análise não nos permitiu entender qual o princípio causador desta manifestação maior do *você* em série, no entanto, levantamos a hipótese de que tal efeito acontece com o *você*, porque o mesmo tem um uso mais marcado, mais especializado fazendo com que o paralelismo seja um fator fundamental para sua manutenção na fala;
- b) Enquanto o pronome *você* encontra no paralelismo linguístico terra fértil para sua produção, o *tu* mostra a sua forte presença na comunidade de fala tefeense através do alto índice alcançado nas suas manifestações isoladas não precedidas. Assim, quando eliminamos o efeito do paralelismo percebemos mais claramente a difusão do *tu* na fala de Tefé;

- c) Concordamos com o conselho de Scherre (1998: 50) de que o paralelismo deve ser controlado nas análises variacionistas, pois diversos trabalhos que analisaram essa variável têm mostrado a força que este fator linguístico (ou humano) tem em vários níveis de análise linguística.

Há, no entanto, a necessidade de se reconhecer que, apesar da robustez do fator paralelismo na manutenção de uma mesma forma em uma série, esse não é um fator de influência categórica, pois podemos encontrar, em nossos dados, séries em que as variantes se alternam, como mostram os exemplos [49], [50] e [51]. Entre os exemplos, há um caso em que a informante usou as três variantes, já mencionado no exemplo [38] no início deste capítulo.

[49] “professor, como **TU** se sente aqui na cidade que o **SENHOR...** o **SENHOR** mora, né? (F2FU-12)

[50] “Férias já era. Mas **VOCÊ** precisa. **TU** lembra que eu dava força pra **VOCÊ**, ‘vai, vai, vai...’ (M3SU-27)

[51] “Quando **VOCÊ** passa, chega lá na universidade, **VOCÊ** vai dizer que o professor não te ensinou, **TU** vai dizer que nunca viu isso na tua vida ...” Entendeu, então na realidade...” (M3SU-26)

Estes exemplos não anulam a força do paralelismo, antes mostram a riqueza da linguagem humana, que, sofrendo influências de fatores internos e externos, consegue revelar nuances nem sempre em linha com o que as teorias linguísticas abarcam em suas explicações e que, por isso também, continua atraindo amantes ao fascinante estudo da linguagem.

4.1.2.2 Tipo de referência

O *tipo de referência* foi o último fator selecionado pelo programa e fora codificado em *referência específica* e *referência genérica*. Aquela se refere à ocorrência da variante cujo referente é o seu interlocutor, seja em discurso direto ou relatado, e esta faz alusão a uma segunda pessoa qualquer, não específica. Exemplos de referência específica podem ser conferidos em [52] e [53] e de referência genérica em [54] e [55].

[52] “...pois é, é isso que eu digo, hoje nós temos uma mistura de... num é raça não, é uma mistura assim de pessoas, por exemplo, **VOCÊ** que veio pra cá pra nossa cidade.” (M3SU-26)

[53] “Ah, **TU** tem que desviar também, né? [risos] depois **TU** vai ficar...” (M1FU-03)

[54] “Primeiro, **VOCÊ** tem que roçar primeiro, aí **VOCÊ** vai derrubar, isso tudo **TU** tá perdendo tempo, aí **VOCÊ** vai ... derrubou, né? (M3FU-20)

[55] “Mas aí ela, a ôtra, ela ajuda muito, ela ensina muito. Se **VOCÊ** num sabe fazer um ditado, ela vai, se **VOCÊ** num sabe fazer...” (F3FU-24)

O resultado na Tabela 20 mostra o comportamento dos falantes em relação aos pronomes *tu* e *você* em função do tipo de referência. O pronome *senhor* tem uso quase que categórico de referência específica. O único caso classificado como referência genérica deve-se ao fato de este pronome estar em um ambiente linguístico de referência genérica, não sendo, a nosso ver, coerente classificá-lo como referência específica. Reproduzimos abaixo o exemplo [38] em que o *senhor*, num estágio mais avançado do processo de gramaticalização – com redução fonética e podendo ser usado, como nesse caso, sem o artigo (cf. exemplos [39] e [40], p. 52) – foi classificado como sendo usado com semântica genérica.

[38] “porque **VOCÊ** só tem dez reais, **SÔ** vem e volta, só fica dois reais pra **TU** comprar alguma coisa.” (F2FU-12)

Tabela 20
Uso do *tu* pelo tipo de referência

<i>Tipo de Referência</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Específica</i>	334/447	74,7	0,55
<i>Genérica</i>	186/359	51,8	0,43
TOTAL	520/806	64,5	

De acordo com o resultado acima, o *tu* é mais usado como referência específica com peso relativo de 0,55 e frequência relativa 10 pontos percentuais acima da média geral de 64,5%. A referência genérica favorece o pronome *você* da mesma forma que a específica favorece o *tu*. Este resultado confirma a hipótese que tínhamos quanto a esse grupo de fatores e nos faz concordar com Menon e Loregian-Penkak (2002) de que este é o contexto mais vulnerável para entrada do *você* no sistema dos falantes que têm o *tu*, como um pronome nativo, acrescentaríamos nós.

Essa tendência do pronome *você* ser mais usado como referência genérica fica mais evidente quando os interlocutores não são íntimos, pois a preferência pelo *você* sobe para 60% contra 40% de *tu*. Isto pode ser conferido na Tabela 21 que mostra o cruzamento entre *tipo de referência* e *grau de intimidade entre os interlocutores*.

Tabela 21

Uso de *tu* e *você* no cruzamento de *tipo de referência* e *grau de intimidade com o interlocutor*

	<i>Íntimo</i>					<i>Não íntimo</i>				
	<i>Tu</i>		PR	<i>Você</i>		<i>Tu</i>		PR	<i>você</i>	
	N	%		N	%	N	%		N	%
<i>Específica</i>	263	82	0,67	58	18	71	56	0,41	55	44
<i>Genérica</i>	85	78	0,43	24	22	101	40	0,35	149	60
Total	348	81		82	19	172	46		204	54

Podemos observar na Tabela 21 que o *tu* só é favorecido nas referências específicas íntimas. Nas relações não íntimas, mesmo em referências específicas o *tu* é desfavorecido. O *você*, por outro lado, só é desfavorecido em relações íntimas com referências específicas, pois até mesmo nas relações íntimas se as referências forem genéricas, o *você* é favorecido. O resultado da tabela 21 explica o fato de o *range*²⁶ entre a referência genérica e a específica na tabela 20 ser pequeno, pois as relações não íntimas fazem com que a força do fator *referência específica* (favorecedor de *tu*) se torne menor.

²⁶ O *range* é uma medida obtida através da subtração entre o maior e o menor peso relativo. Quanto mais alta for essa medida, maior é a força do fator (cf. Tagliamonte, 2006: 242)

4.2 Grupo de fatores não selecionados

4.2.1 Tipo de discurso

A variável *tipo de discurso* foi codificada nos fatores: *direto*, quando o informante se dirige diretamente ao seu interlocutor, seja ele o entrevistador ou alguém mais presente na conversa; e *relatado*, quando o informante relata ao entrevistador (ou interlocutor) sua própria fala ou a de outrem.

Como mencionamos antes, tínhamos a expectativa de que o discurso relatado favoreceria o uso de *tu*, no entanto, não tínhamos grandes expectativas quanto à força desta variável. O programa não selecionou o *tipo de discurso* e esta foi a segunda variável a ser descartada como não significativa para a explicação do uso de *tu* em Tefé. Como se pode ver nos pesos relativos retirados do nível em que esta variável foi descartada na análise em *step-down*, a sua influência é nula sobre o uso de *tu*, apesar de a direção tanto nas frequências quanto nos pesos relativos ser a mesma no sentido de um leve favorecimento do uso de *tu* no discurso relatado. O que se nota nas frequências é que os valores são praticamente iguais aos da média global.

Acompanhando os valores dos pesos relativos nas análises, à medida que novos grupos de fatores eram acrescentados e rodados juntamente com este grupo, seus valores mudavam para favorecer ou desfavorecer o uso de *tu*. Na Tabela 22 estão os resultados deste grupo de fatores.

Tabela 22

Uso de *tu* de acordo com o tipo de discurso (variável sem significância estatística)

<i>Tipo de discurso</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Direto</i>	431/677	63,7	0,49
<i>Relatado</i>	89/129	69,0	0,52
TOTAL	520/806	64,5	

4.2.2 Escolaridade

A escolaridade tem sido uma variável social investigada em vários trabalhos variacionistas, porque as pessoas escolarizadas refletem em geral traços da norma linguística valorizada na escola, ou seja, a escola gera mudança na fala e na escrita das pessoas que a frequentam no sentido de apresentarem uma maior produção de formas de expressão socialmente prestigiadas.

O ensino das escolas em relação ao uso do pronome *tu* preconiza que o mesmo deva ser feito empregando-se a forma verbal com a flexão canônica de segunda pessoa. Por este fato e por saber que, através de observação e também pelos resultados de muitas pesquisas em diversas regiões do Brasil, os índices de concordância são baixos, comparados ao famigerado esforço feito nas escolas para que se fale o português das GNs, valeria a pena saber se, no caso de Tefé, o ensino da escola teria causado alguma mudança no uso do pronome *tu*. Os resultados deste grupo, nas Tabela 23a e 23b, por não terem significância estatística, não foram selecionados para explicar a alternância pronominal que aqui se discute.

Tabela 23a

Uso de *tu* de acordo com a escolaridade (variável sem significância estatística)

<i>Escolaridade</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Fundamental</i>	173/280	61,8	0,51
<i>Superior</i>	347/526	66,0	0,49
TOTAL	520/806	64,5	

Tabela 23b

Uso dos pronomes *tu*, *você* e *senhor* por escolaridade

<i>Escolaridade</i>	<i>Tu</i>			<i>Você</i>			<i>Senhor</i>		
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
<i>Fundamental</i>	173	52	0,21	107	32	0,19	51	15	0,59
<i>Superior</i>	347	65	0,39	179	34	0,45	8	1	0,14
Total	520	60		286	33		59	7	

O que causou o equilíbrio na Tabela 23a da rodada binária foi a participação dos outros grupos de fatores, especialmente o *paralelismo* e o *tipo de gravação*, este sendo o que mais alterou os pesos relativos da escolaridade. No nível 1, a escolaridade mais baixa desfavorecia levemente o uso de *tu*, porém depois de inclusos todos os outros grupos de fatores os números estavam totalmente equilibrados, superior (0,49) e fundamental (0,51).

Os números na Tabela 23b mostram que o nível superior, quando se leva em consideração o uso do pronome *senhor*, favorece o uso de *tu* e *você* e o nível fundamental favorece o uso da forma *senhor*. Como tanto os informantes de nível superior quanto os de nível fundamental interagiram com interlocutores em circunstâncias de relações assimétricas, a nossa hipótese de que escolaridade mais alta desfavoreceria a forma *senhor* e atenuaria as assimetrias marcadas por esse pronome se confirmou, pois só há um dado de *senhor* nos falantes de nível superior.

Em relação à concordância com o *tu* e nossa hipótese de menor uso deste pronome no nível superior, chegamos às seguintes conclusões:

- a) A concordância com o *tu* em Tefé é muito baixa (3,7%) muito semelhante à cidade de Panambi (3%), Rio Grande do Sul (cf. Loregian-Penkall: 2004) e só aparece nos dados de falantes de nível superior (cf. exemplos [35],[36] e [37]);
- b) A hipótese de menor uso de *tu* no nível superior não se confirmou; na verdade, a escolaridade, quando considerada juntamente com os demais grupos de fatores, não altera o uso da alternância *tu/você*;
- c) A concordância foi utilizada apenas como um dos grupos de controle e o objetivo principal era tão somente mensurá-la. Entendemos, porém, que se trata de um aspecto importante do uso do pronome *tu*, e que merece um trabalho mais específico sobre o tema.

4.2.3 Tipo de relação entre os interlocutores

O grupo de fatores *relação entre os interlocutores* foi codificado nos seguintes fatores: *simétrico*, quando os interlocutores encontram-se em níveis hierárquicos de igual nível de poder, em grupos tais como: a família, o trabalho, o grupo religioso ou a comunidade em geral; e *assimétrico*, quando a relação entre os interlocutores é marcada por níveis hierárquicos desiguais. Esta relação assimétrica foi codificada nos dados para casos como a

relação entre pais e filhos, professor(a) e aluno(a) e idosos e jovens. A forma *senhor* apresentou uso de efeito categórico – só é usada nas relações assimétricas.

Este grupo de fatores está entre aqueles que considerávamos como candidato à seleção pelo programa, pois tínhamos a expectativa de que as relações simétricas favorecessem fortemente o *tu*, entretanto este grupo de fatores não foi selecionado, mas julgamos importante apresentar seus resultados visto que ele foi o último descartado pelo programa e, no nível da rodada em que todos os fatores estão agindo conjuntamente, houve um pequeno favorecimento do *tu* em relações assimétricas.

Como a faixa etária mais jovem mostrou-se ser altamente favorecedora do uso de *tu*, entendemos que um dos sinais de uma possível mudança em andamento no sistema pronominal de Tefé seja a diminuição da semântica de poder, marcada pelo pronomes T/V para uma semântica de maior solidariedade T/T como já mencionado. Entendemos que essa hipótese se reforça com os resultados do grupo *relação entre os interlocutores* (ver Tabela 24, abaixo), porque, se assim não fosse, o *range* de apenas 0,8²⁷ poderia ser mais alto.

Outro fato importante sobre os dados de Tefé é que as três formas pronominais aqui discutidas são usadas nas relações assimétricas.

Tabela 24

Uso de *tu* por tipo de relação entre os interlocutores (variável sem significância estatística)

<i>Tipo de relação entre interlocutores</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Simétrica</i>	359/530	67,7	0,55
<i>Assimétrica</i>	161/276	58,3	0,47
TOTAL	520/806	64,5	

Ao compararmos os resultados deste grupo de fatores com os resultados de Soares (1980) em Fortaleza-CE, percebemos que há algumas diferenças importantes tanto nas relações simétricas quanto nas assimétricas. Nas relações simétricas, quando não há

²⁷ Subtraindo-se 0,47 de 0,55 (pesos relativos da tabela 24), obtém-se 0,8 de *range*.

intimidade, os falantes de Fortaleza tratam-se por *senhor* e por *você* e os mais jovens raramente usam *tu*; os tefeenses não apresentaram dados de *senhor* neste tipo de relacionamento, usam *você* e *tu* de forma mais ou menos equilibrada, mas os mais jovens (de 7-10 anos) usam o *tu* com muita frequência. Nas relações assimétricas, com bastante intimidade, na variedade de Fortaleza, um dos falantes recebe *senhor* e dá *você* ou *tu*; em Tefé, apesar de a forma *senhor* ser muito utilizada pelo falante em posição hierárquica inferior, este também usa o *tu* para se dirigir ao falante em nível hierárquico superior.

Apresentamos na seção a seguir a discussão sobre o pronome *você* com a função de contato. Não foi possível submeter esta hipótese ao pacote computacional, porque as suas fronteiras não são tão passíveis de observação quanto os demais grupos de fatores apresentados aqui. Esta função pode ser melhor explorada, mas acreditamos que já temos elementos indicadores nos dados para apresentarmos uma breve discussão neste trabalho.

4.3 Pronome de contato

O pronome *você* em Tefé apresenta, entre outras, uma função não tão fácil de captar ou mensurar devido ao seu caráter efêmero: *o pronome de contato*. Esse aspecto do *você* pode passar despercebido, pois, como os dados mostraram, esse pronome é muito mais usado entre os não íntimos. Aliás, foi o único fator dos grupos de fatores sociais em que o percentual de *você* superou o percentual de *tu*, e se encaixa na semântica de formalidade.

O que defendemos como função de contato para o pronome *você* é o seu uso que varia com o *senhor* nos primeiros contatos entre estranhos, em especial, entre faixas etárias mais ou menos próximas. Como já ressaltamos, esta função não está presente na fala das crianças, porque ainda não desenvolveram algumas habilidades sociais.

Nossa hipótese quanto a como se configura o uso de *você* como pronome de contato é a seguinte: esta função tem um “prazo curto de validade”, estabelece formalidade e é usada nas referências específicas, mas, como que de forma subliminar, passa a mensagem de que muito em breve este tratamento pode ser substituído por *tu* ou *senhor*. Isso não elimina o uso de *você* como referência específica entre os não estranhos, mas, entre os estranhos, pessoas que acabaram de se conhecer, pedido de informação nas ruas, o *você* é o pronome preferido. Em nosso corpus podemos captar essa função numa conversa entre um homem e uma mulher que não se conheciam. Ambos são falantes de nível superior, ele com 33 anos e ela com 20

anos, primeira vez que conversam. Durante a primeira parte da conversa ele sempre a trata por *você* nas referências específicas. O exemplo [56] reproduz um trecho dessa conversa:

[56]

(M2SU-15): Não. Não pra VOCÊ. Pode fazer mal pros outros.

(F2SU-17): Poxa vida! Mas eu num sei dizer, “e aí como é que TU tá? Tudo bem, tchau.” Eu num sei ser assim. Eu abraço, eu beijo, eu pergunto pela mãe, pelo pai, pelo avô, pelo tio, por todo mundo que eu conhecer.

(M2SU-15): Assim VOCÊ deveria ser era política, então.

Como ela não se refere a ele em momento algum da conversa de forma específica, não se pode concluir que tipo de comportamento ela teria se tivesse usado um pronome específico ao se dirigir a ele. O que marca o fim do *você* nessa conversa como pronome de contato é o seguinte trecho reproduzido no exemplo [57] em que a informante (F2SU-17) admite haver um início de amizade:

[57]

(F2SU-17): Eu frequentava bastante a escola, mas nunca dirigi a palavra, num sei por que. Mas é assim, sempre assim. Começa as amizades é assim, parando pra conversar.

(M2SU-15): Sempre tem algo... algo a acontecer, né?

(F2SU-17): Sempre é assim. Se eu passar, só pelo fato de eu passar e dizer “oi” pra mim não é o suficiente ainda, não é o suficiente.

Nossa conclusão é a de que a partir desse momento não faria mais sentido para ele continuar tratando-a por *você*. E é o que a gravação revela, pois desse momento em diante o informante (M2SU-15) passa a tratá-la com o pronome *tu*.

[58]

(M2SU-15): **TU** nunca viu um homem falando mal dum outro homem ...

(F2SU-17): Não.

(M2SU-15): Assim da rôpa, do calçado que ele veste, né, **TU** inda num... agora mulher **TU** ouve.

(F2SU-17): Eu faço isso.

No momento que houve a confissão de uma amizade, parece haver uma mudança naquilo que Goffman (2002) chama de *footing* (cf. capítulo sobre o referencial teórico), definido por ele nos seguintes termos:

Uma mudança de footing implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso *footing* é um outro modo de falar em nosso enquadre dos eventos.

Lopes et al (2009), em um trabalho em que analisam a coexistência de *você* e *tu* no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, mostram um exemplo de fala de adultos para ilustrar a coexistência de formas diferentes de tratamento em uma mesma cena enunciativa e tecem o seguinte comentário (p.23):

Os exemplos (...) mostram que na faixa etária dos adultos, independentemente do gênero, os homens e mulheres entrevistados iniciam sempre, quando abordados, o diálogo com *você* e somente no meio da interlocução passam a *tu*, podendo retornar a *você*.

Essa observação parece sugerir de alguma forma um caráter de contato para o pronome *você* também no Rio de Janeiro. Para os autores, esse uso de *você* deve-se aos traços [-marcado, -proximidade] da forma *você*, contrastando com o *tu* forma [+marcada, +proximidade]. No entanto, essa interpretação não necessariamente nega a função de contato e o mesmos autores, ainda comentando esse uso, fazem a seguinte observação:

Na continuação do diálogo, a conversa se torna mais cooperativa e, por consequência, desfaz-se o distanciamento inicial. O informante passa de *você* para *tu* que se caracteriza como um ato mais diretivo e, no caso em questão, o ato é instrucional. Há o abandono da forma *você* e adoção do *tu*, já que com a cooperação, a atenuação do ato de fala impositivo será processada de outra maneira, daí o emprego de tratamento [*tu*], para mostrar pertencimento ao mesmo grupo do emissor (inquiridor) (p. 24)

A função de *você* como contato e, portanto, efêmera é ainda uma hipótese, mas reputamo-la como digna de investigação. A tarefa de codificar o *você* como pronome de contato, e incluí-lo como um grupo de fatores nas rodadas com o programa Varbrul, não foi possível porque o seu emprego como tal não apresenta um escala temporal bem definida, i. e., com determinados interlocutores ele pode resistir por apenas alguns minutos, e com outros

pode resistir por alguns contatos. As considerações aqui feitas precisam ser devidamente testadas realizando-se, por exemplo, gravações com interlocutores desconhecidos e, depois, efetuando-se novas gravações entre os mesmos para se confirmar ou rejeitar a hipótese de função de contato para o pronome *você*.

4.4 Conclusão

Analizamos neste capítulo como se configura o uso da referência pronominal de segunda pessoa em Tefé nas variantes *tu*, *você* e *senhor*. A linguagem utilizada neste capítulo pode ser um pouco hermética para aqueles que não lidam com a Sociolinguística Quantitativa, mas acreditamos que o instrumental utilizado aqui para o entendimento da alternância pronominal de segunda pessoa, não só dá segurança ao pesquisador no sentido de ter uma melhor percepção da configuração de um objeto de pesquisa, como também permite ao leitor constatar as afirmações lidas. As muitas tabelas foram utilizadas com o único objetivo de facilitar a vida daqueles que, porventura, entrarem em contato com este texto.

O uso de *tu* em Tefé está comprovado e, apesar da distância continental entre Norte e Sul do Brasil, guardadas as devidas diferenças, as semelhanças do *tu* falado em Tefé-Am com o *tu* falado em algumas cidades do Rio Grande do Sul, segundo o estudo de Loregian-Penkall (2004) são dignas de nota:

- a) baixa concordância com a forma verbal (3,7%);
- b) o uso predominante de *tu* (64,5%);
- c) as mulheres usam mais o *tu* que os homens (70,6% vs. 59,3%);
- d) o pronome *tu* não está sendo substituído pelo *você* (há 98,3% na faixa etária de 7 a 10 anos);

Há também semelhanças do *tu* de Tefé com aqueles descritos por Ramos (1989) em Florianópolis-SC, Soares (1980) em Fortaleza-CE e Dias (2007) em Brasília-DF, pois o *tu* tefeense também apresenta um traço mais íntimo e familiar, embora mais nativo. De todos os percentuais nos grupos de fatores, o único em que o *tu* foi superado pelo *você* foi entre os interlocutores cujo grau de intimidade era *não íntimo*.

Na faixa etária mais baixa, apesar de poucos dados de filhos com os pais, podemos perceber que há índices claros de aumento de uso de *tu* dos filhos para com os pais, o que faz eco com os resultados da pesquisa de Leal & Soares (1993) em Belém do Pará.

Os resultados encontrados por Figueiredo (2005), na Bahia, especialmente nas cidades de Cinzento e Sapé, onde há uso variável de *tu* e *você*, mostram que as referências genéricas favorecem o *você*, de modo semelhante ao que acontece em Tefé. Aquilo que Figueiredo chamou de *referência determinada* e que nós chamamos de *referência específica* também apresenta influência semelhante no uso dos pronomes de segunda pessoa, pois nas duas regiões esse fator favorece o uso de *tu*.

O *você* em Tefé apresenta um traço mais formal e menos íntimo e tem também uma função de contato que, com o conhecimento maior entre os interlocutores, é substituído por *tu* ou mesmo por *senhor*. Esses traços do *você* falado em Tefé são muito semelhantes ao *você* encontrado no Rio de Janeiro por Lopes et al (2009), especialmente no que se refere à função de contato. Lopes et al (2009: 26) dizem que, quando o informante é interpelado, ele se protege usando o *você*, mas à “medida que o distanciamento inicial da interação se rompe e o diálogo se torna mais cooperativo, é possível que o carioca passe a *tu*”. Apesar de a distribuição geral dos pronomes *tu* e *você* entre Tefé e Rio de Janeiro ser oposta em termos de percentuais de uso (Rio de Janeiro, 35% de *tu* e 65% de *você*), o *você* apresenta alguns traços similares nas duas cidades.

Apesar das semelhanças apontadas acima sobre os usos e traços dos pronomes *tu* e *você* com outros trabalhos em diferentes regiões do Brasil, há também diferenças como, por exemplo, os percentuais de uso de *tu* e *você*. Nos sistemas pronominais onde o *tu* é dominante, Tefé apresenta o mais alto índice de uso de *você*. A escolaridade foi um fator importante para explicar a alternância *tu/você* nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no entanto, em Tefé, em que utilizamos apenas dois níveis de escolarização - bastante polarizados (nível fundamental e superior), esse fator não teve relevância para explicar o uso destes pronomes.

O pronome *senhor(a)* faz parte definitivamente da fala cotidiana do Tefeense e é encontrado também nas formas mais gramaticalizadas *sô* e *sora*, até mesmo sem artigo indicando assim uma etapa mais avançada no processo de gramaticalização. É um pronome mais formal e que revela respeito, mas não é necessariamente um pronome não íntimo, pois é usado também dos filhos para os pais sem que isso elimine a intimidade de tal relacionamento. O índice de uso de *senhor* (7% em Tefé) foi muito próximo daqueles encontrados em Florianópolis por Ramos (1989), 9%, e no Rio Grande do sul por Menon

(2000), 8,5% – vale à pena lembrar que este último trabalho foi feito com base em dados da escrita de um romance.

A forma *zero* que encontramos corresponde a 28,6% dos 1213 dados iniciais de nossa pesquisa, percentual este menor que os 40% encontrados em Florianópolis por Ramos (1989), no entanto nossa amostra é mais natural do que a de Ramos. Então, se nossa coleta fosse semelhante à de Ramos, é provável que esses zeros aumentassem ainda mais. Não analisamos esses zeros, mas levantamos a hipótese, a ser testada futuramente, de que esta forma pode estar associada ao gênero do discurso, como instruções, receitas e outros semelhantes.

Repetimos que a forma *ocê* não foi encontrada e o *cê* apresentou percentual abaixo de 1% (8 dados) razão pela qual optamos por tratá-los juntamente com os dados de *você* assim como fizemos com os casos de *sô* e *sora* que foram tratados juntamente com os dados de *senhor(a)*.

Encerramos este capítulo sobre a análise dos dados reafirmando a existência da alternância *tu/você/senhor* em Tefé não apenas no âmbito da comunidade, mas também no âmbito individual, pois 14 dos 30 informantes de nossa pesquisa utilizaram as três formas pronominais e os demais, em amostras mais amplas, certamente vão evidenciar as três formas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou as influências que fatores linguísticos e sociais exercem sobre a língua falada na cidade de Tefé, Estado da Amazonas, Região Norte, no âmbito dos pronomes de segunda pessoa e apontou quais desses fatores são mais robustos para explicar o estatuto desses pronomes.

Retomando as hipóteses gerais que nos orientaram para a realização desta pesquisa (cf. p. 4), vimos confirmada a hipótese que tínhamos sobre o *tu*. Este é de fato a forma menos marcada em Tefé, está presente em todas as faixas etária e níveis de escolaridade e é usado com um índice muito baixo de concordância com a forma canônica de segunda pessoa (3,7%). Acrescentemos a isso o fato de que as mulheres usam mais *tu* que os homens e que esta forma é usada também de filhos para com os pais, algo que não encontramos em nosso corpus em relação à forma *você*.

A segunda hipótese, a de que o pronome *você* está entrando na localidade através da faixa etária mais jovem e também apresenta um traço menos íntimo e mais de contato, foi parcialmente refutada e parcialmente confirmada. A entrada de *você* na comunidade via faixa etária mais jovem – a de 7-10 anos neste trabalho - foi completamente refutada. Faz-se necessário fazermos duas observações a respeito da presença dos novos migrantes em Tefé: os migrantes vindos de municípios amazonenses cultivam hábitos linguísticos muito semelhantes aos moradores de Tefé, portanto, se estes tivessem algum tipo de influência sobre o uso pronominal seria no sentido de manter a identidade regional; os migrantes de outras regiões, por mais que se revelem como usuários de um sistema pronominal com predomínio de *você*, não estão influenciando o sistema pronominal local, a não ser, talvez, provocando uma atitude inconsciente nos moradores locais de reagirem ao estranho intensificando mais o uso de *tu*. As crianças foram os falantes que apresentaram o mais alto índice de uso de *tu*, seguidos pelos adultos de 20 a 35 anos e depois os maiores de 50 anos, i. e., quanto mais jovem mais *tu* presente na fala.

Foi confirmado que o *você* é menos íntimo e apresenta indícios de funcionar como *pronome de contato* com os estranhos. O *você* também encontra um espaço de uso importante nas referências genéricas.

Em relação à forma *senhor*, os resultados demonstram que, mesmo sendo um pronome mais formal, ele também é usado nas relações íntimas entre pais e filhos, mas marcando sempre assimetria. Seu uso alterna com o *tu* no tratamento dado aos pais.

O alto índice de zero pronominal, 28,6%, (em Tefé e em outras regiões do país, como já mencionado aqui) aponta para o que parecer ser uma tendência do PB para o apagamento no preenchimento de algumas funções, como, por exemplo, do objeto (*o, a, ele* substituídos por \emptyset). O uso de zero pronominal também podem ser atribuído a uma tática de esquiva, uma forma que o falante encontra de não se comprometer em usar um pronome não adequada para uma dada circunstância.

Manter o foco e conduzir uma pesquisa linguística até o seu término não é tarefa simples, pois, durante o trabalho investigativo, várias questões paralelas ou complementares ao objeto investigado surgem e nem sempre é possível respondê-las sem que o pesquisador se afaste da trilha anteriormente traçada. Também é necessário reconhecer que alguns aspectos da pesquisa precisam ser retomados em trabalhos posteriores na tentativa de se encontrar melhores respostas. Mencionamos abaixo algumas limitações e desdobramentos desta pesquisa, os quais temos a intenção de retomar em trabalho posterior:

a) O resultado da fala das crianças precisa ser confrontado no futuro com outras pesquisas mais específicas dessa faixa etária, à semelhança do que realizou a pesquisadora de Brasília, Carolina Andrade (2010)²⁸, trabalhando somente com informantes de 7 a 10 anos.

b) Não temos dados de adolescentes e sabemos que essa é uma faixa etária importantíssima para o entendimento de mudança no sistema linguístico. Por isso, não podemos afirmar definitivamente que o alto índice de uso de *tu* nos falantes mais jovens em nossa pesquisa seja indício comprovador de mudança em curso em Tefé.

c) Não codificamos a função sintática, um grupo de fatores linguístico importante, porque entendemos que para fazê-lo devidamente teríamos que acrescentar à nossa análise formas pronominais que não faziam parte de nossa decisão inicial de estudar apenas os pronomes *tu, você e senhor*. Referimo-nos às formas oblíquas (*te, ti, -tigo, lhe*), muito frequentes no sistema pronominal de Tefé. Sem codificar estas formas os resultados para a função sintática não evidenciariam toda a verdade de como se comportam cada um desses

²⁸ No momento da escrita desta dissertação, o trabalho de Andrade (2010) ainda não estava disponível.

pronomes nas diferentes funções sintáticas. Quando o usuário usa o *você*, ele pode produzi-lo em funções como complemento de preposição, objeto de verbo, como os exemplos [59] e [60] de nosso *corpus* mostram, mas, quando o falante usa o *tu*, estas funções são, em geral, preenchidas por formas oblíquas como mostram os exemplos [61] e [62]. Por isso optamos por não medir a função sintática e deixar para que isso seja feito em um trabalho que analise as forma oblíquas também, pois estas também acontecem em alternância com a forma *tu*, como o exemplo [63] mostra.

[59] “Não. Não pra **VOCÊ**. Pode fazer mal pros outros.” (M2SU-15)

[60] “...porque aquele lá, né, só vai levar **VOCÊ** à perdição.” (M2FU-07)

[61] “Porque **TU** faz as pessoas se apaixonarem por **TI** sem querer.” (F2SU-17)

[62] “...eu vim **TE** chamar que a dona A. tá **TE** chamando.” (F2FU-11)

[63] Ela pergunta pra mim e depois eu pergunto pra **TU**. (F1FU-05)

d) Em relação à hipótese que levantamos sobre o *você* como pronome de contato e sua não codificação para o levantamento de pesos relativos, entendemos que, para isso ser possível, seria necessário coletar dados de pessoas desconhecidas em suas primeiras interações e em interações posteriores. Isso também seria necessário para um possível estabelecimento do “prazo de validade” dessa função do *você*.

e) Dois outros fatores que podem ser testados em estudos posteriores sobre os pronomes de Tefé seriam o gênero discurso e o tipo de verbo, pois acreditamos que esses fatores também podem revelar nuances não captadas aqui.

f) Por fim, será importante ainda testar o comportamento da concordância com o *tu* em contextos formais.

Esperamos que esta dissertação sirva de informação e auxílio a todos quantos se interessem em conhecer um pouco mais do PB que se encontra na Região Norte. Estamos convencidos das variedades do PB e da importância de seu conhecimento para a desconstrução de muitos (pre)conceitos, não só existentes, mas ainda ensinados nas escolas em nosso país. O português falado no Brasil é inequivocamente um português brasileiro, parte de nossa identidade como nação e como um povo constituído por variedades de raças e de

variedades de misturas de raças. É graças ao esforço de inúmeros linguistas espalhados por essa nação-contidente, Brasil, que o esse português está sendo descrito e feito conhecido. Esse feito tão importante é um dos caminhos para um melhor conhecimento da sócio-história brasileira e um fator viabilizador, entre outras funções importantes, da possibilidade de uma convivência com o outro de forma mais respeitosa e igualitária.

Nosso apelo final é o de que devemos reunir todos os esforços para viabilizarmos formas efetivas de fazer com que a escola seja o ponto de encontro entre os estudantes e a vasta variedade linguística presente em nosso território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – formação social e cultural*. Manaus: Valer / Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BROWN, Roger & GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R (eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*. Malden/Oxford/Melbourne: Blackwell, 1960/2003, p. 156-176.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.
- CLYNE, Michael; KRETZENBACHER, Heinz-Leo; NORRBY, Catrin; SCHUPBACH, Doris. *Perceptions of variation and change in German and Swedish address*. Journal of Sociolinguistics 10/3, 2006: p. 287-319.
- CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Lexikon, 2007.
- DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília, UnB, 2007.
- Enciclopédia dos municípios brasileiros. IBGE – Vol. IV. Rio de Janeiro, 1957.
- FARACO, C. Alberto. *O tratamento de você em português: uma abordagem histórica*. Fragmenta, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-81.
- FIGUEIREDO, Luanda Almeida. *Tu e você no português afro-brasileiro*. Comunicação ao VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2005.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- GOFFMAN, Erving. Footing. IN: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ P. M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. 2ª Ed, Porto Alegre: Loyola, 2002.
- GUY, Gregory. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 19-46
- GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11ª ed, – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos; NEVES, Maria Helena de Moura & POSSENTI, Sírío. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba de & BASÍLIO, Margarida. *Gramática do português falado*. V. IV: Estudos descritivos, São Paulo: FAPESP/Editora da UNICAMP, 1996. p.79-164.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso)

_____. *Principles of Linguistic Change, Volume I: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. *Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca*. Processos Urbanos I: Variação Linguística em Megalópoles Latino-Americanas. Berlin, Neue Romania, 39 (número especial), 2009 (a sair)

LOREGIAN, Loremi. *Concordância Verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística, Florianópolis, UFSC, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análiseda referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese de Doutorado em Letras/Linguística, Curitiba, UFPR, 2004.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

LUFT, Celso Pedro (1957). *Tratamento depreciativo*. In: Revista Brasileira de Filologia 3 (2) p. 193-207.

MENON, Odete P. da Silva. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Artigo apresentado no Curso de Extensão em Língua Portuguesa, promovido pelo Departamento de Língua Portuguesa, Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1993.

MENON, Odete P. da Silva. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: *tu/você/osenhora* em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n.1, 2000. pp.121-163.

MENON, O. P. da S; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no sul do Brasil. Em: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002, p.147-188.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

NARO, Anthony Julius Naro. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25

NASCENTES, Antenor. *Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX*. Revista Portuguesa de Filologia, vol III(1) Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1949. p. 52-68

PAIVA, Maria da Conceição de Paiva. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 135-146.

_____. A variação gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 33-42.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p.160-169.

PINHEIRO, Luís B. S. Peixoto. *Visões da cabanagem*. Manaus: Valer, 2001.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. 1988, mimeo. (original em inglês: tradução e Ivone Isidoro Pinto, revisão de Maria Thereza G. Fiorett e coordenação de Maria Marta P. Scherre).

PONTES FILHO, Raimundo. *Estudos de história do Amazonas*. Valer, 2000.

PRADO Júnior, Caio. *Evolução Política do Brasil: colônia e império*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PESSOA, Protásio Lopes. *História da missão de santa teresa d'ávila dos tupebas*. Manaus: Novo Tempo, SD.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

RICCI, Magda. *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na amazônia entre 1835 e 1840*. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 11, p. 15-40, 2006.

RODOLFO, Ilari; RENATO, Basso. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N. & MATTHEIER, K. J. (eds.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1988b. p. 984-98. (Tradução caseira de Maria Marta Pereira Scherre. Brasília, 1992: revista em 1993, incorporando sugestões detalhadas de Ivone Isidoro Pinto (UFRJ), Maria Thereza Gomes Fiorett (UFRJ) e Maria Clara Álvares Dias (UnB)).

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. (http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref, acesso em fevereiro de 2010.)

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 23^a. ed. São Paulo, Cultrix, 2001.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores. São Paulo, 1993. Mimeo.

_____. Paralelismo lingüístico. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte, v.7, 1998. p. 29-59, jul./dez.

_____. Speech Community. *Encyclopedia of Language & Linguistics 2 (ELL2)*. Oxford: Elsevier, 2006. v.11, p. 716-722.

SCHERRE, Maria Marta Pereira, CARDOSO, Caroline Rodrigues & LUCCA, Nívia Naves Garcia. *Guia rápido do GoldVarb X*. Brasília/Vitória: UnB/UFES. 2009, inédito.

SCHERRE, Maria Marta Pereira, LUCCA, Nívia Naves Garcia, DIAS, Edilene Patrícia, ANDRADE, Carolina Queiroz & MARTINS, Germano Ferreira. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. Trabalho apresentado no II SILMEP Universidade de Évora – Portugal – 6 a 11 de outubro de 2009.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony Julius Naro. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 147-177.

SILVA, Paulo J. Barbosa da. *O impacto social da instalação da 16^a brigada de infantaria de selva a partir de relatos orais de moradores*. Relatório Final de Bolsa do PROFIC/UEA, 2009.

SILVA P. J. Barbosa da. & FRANCHI, Tássio. *O papel dos militares na estruturação urbana do município de Tefé*. Relatório Final de Bolsa do PROFIC/UEA, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SOARES, I. C. R. & LEAL, M. da G. F. Do **senhor** ao **tu**: uma conjugação em mudança. **Moara**. Revista do curso de mestrado (UFPA), Belém, n. 1, p. 27-64, mar/set 1993.

SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Letras, Rio de Janeiro: PUC, 1980.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

TANEN, D. & WALLET, C. Interactive Frames and Knowledge schemas in Interaction/interview. IN: D. Tannen (Ed.) *Frames in Discourse*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1993. p. 57-76.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. London: Penguin Books, 1995.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006. (Tradução de Marcos Bagno).

Anexo

Usos dos pronomes *você* e *tu* no Português Brasileiro, em Scherre et al (2009)



- | | |
|--|---|
| | 1) V (97% a 100%) |
| | 2) T (+80%) – com concordância muito baixa |
| | 3) T/V (50% / 50%) – com concordância muito baixa |
| | 4) T (76% a 96%) – com concordância média |
| | 5) V/T (30% a 95% / 5% a 70%) – sem concordância |
| | 6) V/T – com concordância médio-baixa |